

Defesa Nacional



DE AGOSTO

9 4 4

NÚMERO

3 6 3

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN.-CEL. BENJAMIN GALHARDO

TEN.-CEL. LIMA FIGUEIREDO

CAP. JOSE SALLES



Malte
+
Lúpulo
+

Perfeição
Técnica

=

Malzbier
„PROGRESSO“

da ANTARCTIC



Defesa da Produção do Alcool

O plano de defesa da produção do alcool para a safra 1944-1945 acha-se organizado e vai entrar em vigor. Essa é a tarefa de que a Comissão Executiva do Instituto do Açucar e do Alcool acaba de desincumbir-se e que se achafeitamente definida na Resolução recentemente divulgada.

O que dessa Resolução ressalta, desde logo, é o firme propósito do Instituto de prosseguir na política de estímulo e da produção do carburante nacional, dentro do princípio de que os preços devem ser estabelecidos em função do da produção. Essa é a única orientação capaz de amparar os legítimos interesses dos produtores sem prejudicar injustamente os dos consumidores. E' o que está sendo conseguido, pelo estudo das questões de abastecimento no que concerne a determinação de preços que sejam realmente aceitáveis, e, que não resultem da influência de critérios laterais e tráários.

O Instituto distribui os preços finais, nos quais se acham incluídas as bonificações, por três categorias, para o produtor: a do alcool produzido diretamente da cana, nas distilarias anexas às usinas; a do alcool produzido diretamente da cana nas distilarias independentes; a do alcool de melal.

As bonificações são distribuídas sobre os preços iniciais, em vista a procedência do produto e a sua graduação. Dadas por meio dos recursos da Caixa do Alcool, os quais autorizam distribuir cerca de 35 milhões de cruzeiros aos produtores.

Há um ponto que convém frisar: o preço do alcool para o consumidor não sofreu nenhuma majoração.

Continua assim o Instituto do Açucar e do Alcool a agir eficacemente em favor de um dos mais importantes setores da economia nacional, seguindo as diretrizes da política de amparo às classes produtoras, traçadas pelo presidente Getúlio Vargas.

THE
RIO DE JANEIRO
FLOUR MILLS
AND GRANARIES
LIMITED.



MOINHO INGLEZ

RIO DE JAN

ESCRITÓRIOS —

RUA DA QUITANDA, 108-110

TEL. 23-2130 —

•
MOINHOS DE TRIGO
FÁBRICAS DE TECIDOS

AV. RODRIGUES ALVES (CAES DO PORTO)

TEL. 43-2910 —

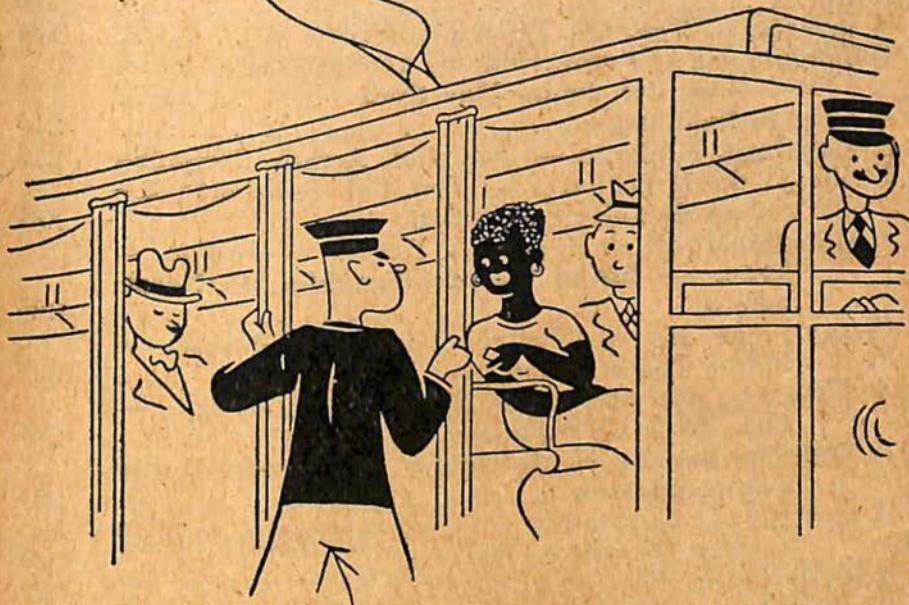
•
CAIXAS POSTAIS
486-740 —

•
TELEGRAMAS —
"EPIDERMIS" — RIO

FARINHAS "BUDA-NACIONAL" — "NACIONAL" — "SOBERANA"
FARELO — FARELINHO — REMOIDO — TRIGUILHO — CALVAC
TECIDOS DE ALGODÃO — FIOS — LONAS E ENCERADOS



AS VANTAGENS QUE OS PASSES DAÓ...



FACILITAM AS PASSAGENS DOS SEUS EMPREGADOS

Evitando a perda de tempo no trôco e o consequente atraso dos bondes, o uso generalizado dos passes torna as viagens mais rápidas e em maior numero, auxiliando assim o público a cooperar para o descongestionamento do tráfego.

De acordo com a Prefeitura, a Companhia colocou á disposição do público, um serviço especial de venda de passes, nos seguintes pontos principais de bondes: refugios das Pra-

ças 15 de Novembro, Tiradentes, Republica e da Bandeira - nos Largos do Machado, Lapa, e de

S. Francisco - no Taboleiro da Baiana - no ponto de parada fronteiro ao Conselho

Municipal e no escritório da Companhia, á Av. Marechal Floriano.

STUDIO FAICO

O VELHO AMIGO DO



CARIOWA - O BONDE

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1944

N. 363

SUMÁRIO:

	Págs.
Editorial	185
A invasão — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	189
O domínio dos ares no período de após guerra — Trad. — Ten.-Cel. Paulo Mac Cord	193
O Grande Realizador	215
A Cavalaria Moderna — Ten.-Cel. Arthur Carnaúba	219
Evolução da Engenharia — Ten.-Cel. Felisberto Esteveam de Oliveira Baptista	221
Artilharia Móvel de Costa na Defesa de Praias — Trad. — Major Newton Franklin do Nascimento	225
Organização dos Abrigos segundo o seu destino — Major Pastor Almeida	233
A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano — Cap. Tasso de Aquino	247
A Química nas Ações de Guerra — Major Alfredo Faroux Mercier	251
A Doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940 — Cap. Heitor A. Herrera	261
Soldados Brasileiros na Europa	271
S. Francisco — Arauto do Grande Rei — Gen. Silveira de Melo	275
A Instrução de Tiro F.O. — Cap. Marílio Malaquias dos Santos	303
O Soldado Ferroviário — 1.º Ten. Lindenor de Mello Motta	307
O Oficial de Ligação na Artilharia — Trad. — Ten.-Cel. Armando Vasconcelos	315
“Ensaio de Psicologia da falta disciplinar nos Corpos de Tropa” — Cap. Carlos Coary de Iracema Gomes	321
A Instrução anti-carro na Artilharia — Ten.-Cel. Armando Vasconcelos	325
Um sincero colaborador das nossas forças armadas	335
O “Independence Day” no Pará	339
Um Militar na E. F. C. do Brasil	345
A Legião Brasileira de Assistencia na Bahia	349
Livros Novos	351
Revistas em Revista	357
Boletim	363
Noticiário & Legislação	365

EDITORIAL

Todo o Brasil acolheu, emocionado e orgulhoso, as notícias da chegada ao solo europeu do primeiro contingente das nossas Forças Expedicionárias. Esse fato único na história brasileira, deve ser encarado sob três aspectos principais: o desagravo nacional às brutais ofensas recebidas, a cooperação nesta sagrada cruzada de extermínio das forças de rebaixamento humano, e o proveito de uma excepcional experiência militar.

*

* *

Preliminarmente é preciso considerar que esta é uma guerra universal, não só pela extensão da área conflagrada, como pelo sentido ideológico. Assim, na sua voragem se precipitaram quasi todas as nações do mundo, umas arremessadas por forças políticas, outras impelidas por interesses econômicos, e outras ainda vítimas da sua posição geográfica.

Vê-se que, exceção feita talvez da Suiça, que desfruta condições especialíssimas, nenhuma nação conseguiu manter-se rigorosamente neutra. A Suecia, por exemplo, apesar do seu prestígio internacional, do seu brio e do seu equilíbrio interno, não pôde isentar-se de deixar transitarem pelo território nacional numerosas divisões germânicas destinadas a atacar a Russia, concessão tão contrangedora, tão lesiva a posição neutral assumida pela grande nação escandinava, que foi suspensa

mal o podério militar alemão entrou em declínio, isto é, mal a Suecia sentiu que era chegado o momento em que a Alemanha respeitaria a sua soberania...

As outras nações europeias, que se mantiveram fóra da guerra, conservaram, em verdade, uma neutralidade meramente formal, feita de complacências, concessões e simpatias mais ou menos ostensivas, e sobretudo muito oscilantes, variando ao sabor da marcha das operações militares. Pode-se dizer, portanto, que neste conflito mundial, disputado em todos os mares, cujas batalhas fundamentais foram alimentadas através de rotas aéreas as mais excêntricas, e cujo desdobramento subterrâneo chegou a todos os recantos, atingiu todos os homens, com a ação avassaladora da 5.^a coluna, pode-se dizer que neste conflito, de tal proporções e de tal natureza, a neutralidade, no seu conceito lógico, tornou-se absolutamente impossível.

O governo brasileiro, trilhando as nossas melhores tradições, manteve-se rigorosamente equidistante dos partidos em luta, enquanto a guerra, não obstante o seu caráter universal, evidente desde o início, circunscrevia-se em todo caso ao âmbito europeu. Desde, porém, que as atividades conquistadoras do Eixo se espalharam para este hemisfério, envolvendo ao rebate da mais brutal agressão o país "leader" do continente americano, não mais seria compreensível nem mesmo possível prosseguirmos em atitude de completa abstenção.

Havia de nossa parte a honrar uma bela e nunca desmentida linha de solidariedade pan-americana, e em função dessa conduta tradicional

assumíramos, em repetidas oportunidades, formais compromissos em defesa da comunidade continental. Nessas condições, ao serem os Estados Unidos atacados não tivemos, como não podíamos ter, a menor hesitação em ratificar na Conferência do Rio de Janeiro todos os propósitos de solidariedade continental anteriormente, desde a instuição da Doutrina de Monroe, tantas vezes proclamados e defendidos.

Das solenes deliberações da Conferência do Rio de Janeiro, passamos sem delongas nem subterfugios, porque agimos sinceramente, a pôr em prática as medidas ali concertadas para a salvaguarda dos interesses e dos ideais pan-americanos. A essa atitude clara, leal e legítima responderam os nazistas com o ato criminoso de assassinio de centenas de brasileiros indefesos, entre os quais mulheres e crianças, os quais viajavam pacífica e desprevinidamente em navios de passageiros, ao longo do nosso litoral.

Assim, como se sabe, chegamos à guerra. Tudo isso é muito expressivo porque, além de tudo, demonstra que qualquer outra atitude do Brasil, contemporizadora, dúbia ou isolacionista, ter-nos-ia sido fatal. Colocados, conforme estamos, no itinerário natural para qualquer operação preliminar de além Atlântico contra os Estados Unidos, é certo que seríamos atacados pela Alemanha no momento propício, como o foram a Bélgica, a Holanda, a Noruega e até a Russia.

Salvou-nos, não tenhamos dúvida, a nossa lucida e firme política de solidariedade continental. Com ela levamos os nazistas a abrirem o seu jogo, antecipando-se nos seus designios agressivos, quan-

do ainda não estavam em condições de fazer-nos todo o mal.

*
* * *

O Brasil foi, pois, levado a participar d'este conflito em defesa da sua soberania, dos seus interesses mais claros e lícitos, e dos seus ideais democráticos, que constituem, aliás, a linha constante da nossa existência de povo livre.

Durante um ano e meses vem desenvolvendo-se, em ritmo crescente, o esforço de guerra brasileiro, não só no terreno econômico, com o fornecimento de matérias primas estratégicas aos arsenais aliados, como no campo estritamente militar com o preparo de forças navais, aéreas e terrestres destinadas ao teatro de operações.

Neste instante chega a termo, com 100% de sucesso, mais uma etapa da nossa cooperação militar. O desembarque em solo italiano do primeiro contingente da F.E.B. é um fato ímpar na nossa história. A esta hora os soldados brasileiros já vivem no ambiente do "front". Estão em contacto com as terras devastadas, com as populações sangradas, com os soldados de tantas outras nacionalidades, mas irmãos no sacrifício e nos propósitos. Dentro em breve estarão em contacto com os exércitos inimigos e então saberão demonstrar todo o seu valor.

Ao cabo o Brasil terá o seu nome honrado e engrandecido; o seu povo se beneficiará das conquistas políticas e materiais da vitória; e o Exército terá recolhido a mais importante e fecunda experiência profissional.

A INVASÃO

Ten. Cel. LIMA FIGUEIREDO

O dia "D" chegou e chegou mais depressa do que muitos esperavam. Foi uma alegria em todo o mundo. Parecia que o difícil começo da invasão já era recebido como o fim vitorioso. Aquele imenso regozijo, era a expressão da confiança ilimitada que os povos das nações unidas nutrem pelos soldados de Eisenhower e de Montgomery, expressões máximas da inteligência e do valor militares dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Pode-se considerar hoje Eisenhower um dos grandes condutores de massas, um general de larga visão estratégica. Sua atuação no desembarque em Alger, Oran e Casablanca foi estupenda; congregou a operação militar com a maquinção política, de modo que fosse utilizada com vantagem a colaboração da França de Giraud e de Darlan, porque menor fossem os dias de resistência, pequena a mortandade e mais rapidamente obtido o êxito da operação. O simpático chefe americano foi excelente soldado e melhor diplomata. Sem diminuir a impetuosidade da peleja, alhanou todas as dificuldades e prosseguiu na investida decidida contra a Tunisia, onde iria encontrar-se com o glorioso VIII Exército Inglês, de Montgomery, para, juntos expulsarem os nazi-fascistas da gleba norte-africana.

A posse do Continente Negro deu ao mundo um desafogo; capacitou aos países do hemisfério ocidental a certeza de que suas terras não seriam invadidas. O feito de Eisenhower teve um largo alcance estratégico, considerado êste termo na sua mais lata acepção. O Brasil viu o perigo afastar-se para muito longe e quase desaparecer. A preocupação de que Dakar poderia cair em mãos alemães e servir de tampolim para um assalto a Natal foi totalmente esquecida.

A derrota alemã no norte da África teve uma repercussão muito maior do que a vitória russa em Stalingrado e o avanço soviético até as terras da Rumania e da Polônia.

Não quero estabelecer paralelo e sim tirar conclusões da verdade dos fatos. Duas foram as investidas germânicas em direção do Oriente Próximo — uma pelo sul do Mediterrâneo, visando a posse no Canal de Suez; outra pelo Caucaso, quiçá com objetivo de ir ao

Iran e ao Iraque. O êxito dessas operações talvez influisse na atitude da India que, vendo os eixistas de posse de duas chaves do mundo — Singapura e Suez — facilitasse a ação dos nipônicos já de posse de toda a Birmânia.

Para que o plano surtisse efeito uma coisa era primacial: a tomada de Suez. Von Rommel tudo fez para realizá-la, mas encontrou pela frente um homem de rara energia, que soube embargar seus passos, na faixa de terreno compreendia entre a depressão de Quatara e o mar, nas portas da Alexandria. Montgomery ficou o pé, dando um fim à série de fluxos e refluxos, de avanços e recuos, através do areal infido, conseguindo levar o inimigo até Tunis.

Se o desembarque de Eisenhower na África deu ao Continente Americano um ambiente de segurança, a resistência de Montgomery em El Alamein não permitiu que o equilíbrio político fosse roto na Ásia Menor e na India. As duas vitórias tiveram efeito incontidivél na marcha da guerra, influiram de modo impressionante na política internacional de todo o globo.

Stalingrado e o avanço soviético tiveram apenas repercussão local, se bem que ferissem profundamente o inimigo. Foi um evento que redundou na recuperação, pela União Soviética, de quase todo seu território e que muito teria contribuído para quebrar o ânimo combativo do inimigo.

A vitória africana permitiu a tomada da Sicília e a invasão da península Itálica, seguida do domínio quase absoluto do mar Mediterrâneo. O controle das águas desse mar interior foi a segunda grande passada do triunfo, levada a efeito por americanos, franceses e ingêsses.

Hitler encastelara-se na sua fortaleza, imaginando um meio de regatear o preço da derrota. É libertada a Cidade Eterna — Roma — e todo o mundo católico ufana-se com mais esse extraordinário feito dos aliados democratas. A perda de Roma teria contribuído de maneira inelutável para o desânimo, se não do povo alemão, mas, certamente, das nações caudárias. Os bravos combatentes franceses do General Juin mostraram aos italianos o reverso da medalha, lembrando-lhes o golpe sem FAIR PLAY que Mussolini dera na França, atacando-a pelas costas e muito abalada, em 1940.

Além de tudo isso, os bombardeios sistemáticos e pesados não passavam. Era um chover de bombas e torpedos sem cessar, em todo o chão da Alemanha. Se bem que grande fosse o preparo psicológico dos nazistas, seus sofrimentos devem ter chegado agora, ao "saturation point". Essa chuva contínua de fogo é terrificante; será possível que no fundo do coração daquela gente não se aninha a esperança, o desejo de um arrebol de paz?

— Parece que não.

A luta continua. A propaganda nazista é mais poderosa do que todas as torturas e sofrimento impostos ao povo pelos bombardeiros. Falava-se na invasão da Europa. E os agentes da propaganda afirmavam: — “Queremos mesmo que êles voltem. Será a nossa vitória final. Repetiremos um Dunquerque. Remoraremos aos invasores o exemplo de Dieppe.”

Os elementos encarregados de iludir o sentimento do povo, habitando-o a sofrer novas agruras, faziam-no crer que desejavam a invasão, por mais forte e poderosa que ela fosse.

A história não fornecia exemplos de invasões, em força, vitoriosas. Somente nas origens da formação da Inglaterra, está registrada a conquista da Bretanha pelos romanos e por Guilherme da Normandia, confirmado uma sentença de André Maurois: — “É difícil, para os povos fracos, permanecerem livres, se se acham ao alcance de uma grande potência militar”.

Mais tarde, a Inglaterra já era forte. A esquadra de Felipe II, lutando contra os ingleses e a tempestade reinante, foi totalmente esfaçada, dando à Rainha Elisabeth o domínio dos mares.

Napoleão I, no auge do seu poder indiscutível, viu-se impotente para levar a expressão do seu poderio até ao arquipélago britânico. Mil meios foram imaginados para transportar o exército francês às ilhas através da Mancha. Tudo em vão.

Em 1940, Hitler quis vencê-la pela força aérea, num bombardeio arrazador, brutal, mas lutou em pura perda.

A 6 de junho a invasão se processou, em sentido inverso, das ilhas para o continente, enfrentando de frente a chamada “fortaleza europeia”. Paraquedistas desceram na franja litorânea da França que fica “vis à vis” da Inglaterra. Lanchas de transporte de tropa e navios atravessaram o mar sob a ponte aérea construída pelos aviões da Royal Air Force.

Apesar da recepção que os alemães preparavam para os invasores, estes tomaram pé no continente, e, dia a dia, alargam mais as cabeças de praia conquistadas inicialmente.

A operação é dificilíma e para ser desencadeada exige uma preparação meticulosa, de modo que tudo se proceda harmoniosamente. Os meios necessários são inúmeros e os efetivos gigantescos. Deve haver uma ligação perfeita entre as tropas de desembarque e os elementos de proteção — navios e aviação. Depois do avanço em terreno inimigo já há de mister uma proteção terrestre. Entremes, devem ser garantidos os embarques, a navegação e os desembarques, a fim de que não só cheguem mais tropas combatentes, como sejam, sem interrupção alimentados os atacantes tanto com munição de boca como de guerra.

O plano delineado exigiu concepção grandiosa, fruto de muitos dias de locubrações, nas quais todos os fatores de êxito foram pesados e medidos, desde o terreno inimigo, o efetivo, o material bélico, o dispositivo, etc., até as condições meteorológicas.

Eisenhower com seu Estado Maior urdiram os planos e transformaram-nos em ordens e agora acompanham o desenrolar dos acontecimentos, experimentando a sanção do inimigo, para retocar o que imaginaram ou modificá-lo.

A execução da invasão ficou sob a direção competente de Montgomery, General de larga visão e inconfundível energia, capaz de realizar, sob a presença do inimigo, tudo o que foi arquitetado no silêncio enervante dos gabinetes dos estados-maiores.

O plano está em evolução. Só sabemos o que as agências telegráficas nos informam. A progressão, em operações desse tipo, é muito lenta; todavia os aliados já ultrapassaram as previsões registradas nos regulamentos. Outros pontos, quiçá, já estarão eleitos, pelo comando, para novos desembarques, na Dinamarca, nos Países Baixos, no sul da França, para operar seguindo o vale do Ródano etc. Não podemos nada dizer, porque nada sabemos. Devemos, apenas, acompanhar com fé o desenrolar da luta, certos de que os chefes são verdadeiros gênios, a tropa adextrada e de moral elevado, o material de toda espécie abundante. Avultam novos meios de destruição, entre os quais podemos citar os torpedos de gasolina que produzem fantásticas muralhas de fogo e as granadas carregadas de fragmentos metálicos que, arrebatando próximo ao solo, espalham a morte em uma grande superfície.

O Brasil espera o momento de ter a glória de lutar, ombro a ombro, com seus aliados, na restauração do mundo feliz.

Parece estar prestes a derrocada do inimigo e com a invasão recem-iniciada, adquirimos quase a certeza de que o vento da vitória soprárá do Atlântico.

APREFERIDA

Sorteio Gratis!

30 de Setembro

Outra casa de 30 MIL CRUZEIROS

NA RODA DA SORTE

Direita 2 e Filiais = S. PAULO

O domínio dos ares no período de após Guerra

PROBLEMA DE MAGNA IMPORTÂNCIA QUE JÁ É MOTIVO DE RIVALIDADE ENTRE OS POVOS

Por JOSEPH KASTNER

Traduzido da revista LIFE pelo
Ten. Cel. Paulo Mac Cord

Mais cedo ou mais tarde, teria o mundo de enfrentar os vastos e complexos problemas peculiares à navegação aérea internacional: estabelecimento de bases e itinerários, construção de aparelhos e consolidação das intrincadas leis e praxes existentes a respeito. O assunto seria progressivamente estudado e resolvido com a serenidade própria de um mundo organizado.

Mas a guerra veio afastar essa serenidade. Em poucos anos, a navegação aérea condensou a experiência e os ensinamentos de uma década normal de tempo de paz, induzindo alguns países, antes mesmo de exame minucioso dos fatos, a precipitarem decisões que lhes parecem inadiáveis, diante dos imperativos de ordem econômica sobrevindos.

A questão tem a amplitude do mundo em que vivemos, porque a navegação aérea cobrirá a face do globo terrestre e se prolongará verticalmente, pelo espaço que o envolve, até uma altitude de oito a dez quilômetros, canalizando todas as atividades humanas, tanto na paz como na guerra, desde os mais prosaicos interesses comerciais até as mais ardilosas intrigas diplomáticas.

Já se pronunciam no assunto pessoas de marcante responsabilidade: os mais imaginativos políticos americanos, financistas guiados pelo próprio senso prático, os mais poderosos magnatas do Império Britânico, os diretores das linhas aéreas dos Estados Unidos, engenheiros aeronáuticos de acentuada visão, centenas de pilotos norte-americanos que arriscam diariamente suas vidas, etc. Mas os diplomatas estão usando de uma linguagem que denuncia falta de um terreno firme; os capi-

talistas estão se agremiando de forma a fazer supor que nenhum deles tem confiança na própria ação individual para controlar a situação; os engenheiros aeronáuticos referem-se vagamente às suas últimas realizações, afim de ocultar suas incertezas. É que todos estão muito apreensivos com a sorte reservada à navegação aérea.

Tem havido tantas declarações altruísticas e elevadas sobre o aproveitamento dos ares de apôs guerra que observadores ingênuos poderiam aceitar a possibilidade de serem os acontecimentos decididos exclusivamente dentro de uma base de felicidade mundial generalizada. Quanto mais verdadeiro isto fosse, tanto mais perfeita seria provavelmente a solução final. Mas, bem examinados os fatos, verifica-se a exintência de uma corrida desenfreada, à qual os concorrentes se lançam sem aguardar o sinal de partida. Em outros termos: a posse do espaço do futuro já está sendo disputada em renhidos prélios internacionais e em competições comerciais criadas dentro de cada país. Os contendores empunham cartazes, cada qual mais sugestivo.

COMO CONCEDER A LIBERDADE DOS ARES?

A maior luta é em torno do maior cartaz: "Liberdade dos ares", cujo sentido ainda não está bem definido. Por si mesma, liberdade dos ares deveria exprimir que as pessoas em missão pacífica pudessem voar a toda hora, para qualquer destino. Mas nenhum defensor desta liberdade vai a ponto de assim, pensar, exceto, talvez, o vice-presidente Wallace, que concebeu a criação de uma autoridade aérea internacional, para franquear os céus a todos os países em paz. De modo geral, a liberdade dos ares é tão cerceada pelas restrições impostas que perde sua real significação.

Os ingleses, que empregam palavras mais exatas, referem-se a ela com a expressão "céu aberto", em oposição a "céu fechado", origem de todas as discussões em torno dos direitos sobre os ares. Em várias convenções realizadas antes de 1930, a maioria dos países do mundo acordou em reconhecer os direitos soberanos de cada um sobre todo o espaço existente acima do seu território, nenhum outro podendo fazer voar um aparelho através desse espaço sem sua permissão. Ao lado da doutrina de céu fechado, muitos outros países admitiram o direito de "passagem inofensiva", concedida a qualquer avião particular, não comercial, de voar por parte, com exceção de pequenas áreas, e de aterrissar para reparos de emergência, reabastecimento ou refúgio do mau tempo. Não se estendendo a "passagem inofensiva" a aviões comerciais, nenhuma importância apresentava à navegação aérea.

As disposições de apôs guerra relativamente aos ares localizaram-se, certamente, em algum ponto intermediário: nem céu aberto, nem céu

fechado. Tendo por base o respeito à soberania do espaço, acôrdos variados poderão ser estabelecidos para o tráfego comercial. Tais disposições seriam, talvez:

- 1) direito de voar sobre um país, sem aterrissar;
- 2) direito de voar para determinado país e aterrissar, sem prosseguir vôo através do mesmo;
- 3) direito de voar sobre um país e aterrissar para fins de reabastecimento, reparação ou segurança: isto é, simplesmente, o direito de trânsito aéreo;
- 4) direito de voar sobre um país, aterrissar, receber e deixar passageiros e mercadorias destinadas a outros países ou dêle provenientes;
- 5) direito de voar sobre um país, aterrissar, receber e deixar, em diferentes pontos, passageiros e mercadorias com qualquer procedência ou destino: é precisamente o caso do céu aberto.

A cláusula n.º 3, o direito de trânsito aéreo, foi sugerida pelo Presidente Roosevelt como ponto de partida para uma convenção aérea de após guerra com a Grã Bretanha. Como a concebeu o Presidente, uma linha aérea canadense para as Bahamas poderia realizar aterrissagens em New York e Miami, mas não poderia transportar passageiros americanos entre aquelas duas cidades. A cláusula n.º 4, que permitiria aos passageiros provenientes do Canadá ou das Bahamas desembarcarem em New York e Miami, ou o embarque nestes portos de passageiros destinados aos primeiros, é encarada com mais simpatia pelas autoridades aéreas dos Estados Unidos e talvez também o seja presentemente pelo próprio Presidente. Pode ser denominada "o direito dos condutos aéreos comerciais."

Diante dos casos concretos, a organização do espaço no após guerra será mais uma questão de interesses que de frases. A despeito do fato de ter sido iniciada em uma base de céu fechado, a navegação aérea internacional conseguiu estender-se sobre quase toda a superfície do globo. Antes da guerra, os aviões norte-americanos pertencentes à Pan American Airways tinham o direito de voar para 38 países. A Alemanha possuía acôrdos para aterrissagem com 33 países, a Inglaterra com 31, os Paises Baixos com 27, a França com 22. Em alguns desses acôrdos figuravam concessões recíprocas de direito de vôo sobre os países sinatrários. A Pan American, entretanto, só estabeleceu negociações unilaterais porque, como companhia particular, não tinha autorização pra fazer acôrdos em nome dos Estados Unidos e também porque a maioria dos países não tinha interesse em viajar para aquela grande república. Esta, que sempre encarou com elevação a liberdade dos ares, recusou receber nos céus que a cobrem os holandeses e alemães, mas fez acôrdos recíprocos com a Inglaterra, França, Canadá e Colômbia. O único país, entretanto, que desfrutou vantagens comerciais nos direi-

tos mútuos firmados foi o Canadá, cujos aparêlhos voavam regularmente para os Estados Unidos.

O céu fechado, de modo geral, tem sido um estôrvo ao desenvolvimento da navegação aérea. A Rússia e a Alemanha estabeleceram e romperam relações aéreas duas vezes, antes da guerra. A Turquia foi relutante em permitir o vôo sobre o seu território, forçando a Inglaterra a fazer campos de pouso na Grécia e concessões aos gregos. O Iran compeliu também a Inglaterra a descrever extensa volta por suas fronteiras, porque esta preferiu evitar assim a rota perigosa balizada pelas montanhas e desertos que os iranianos deixaram livres.

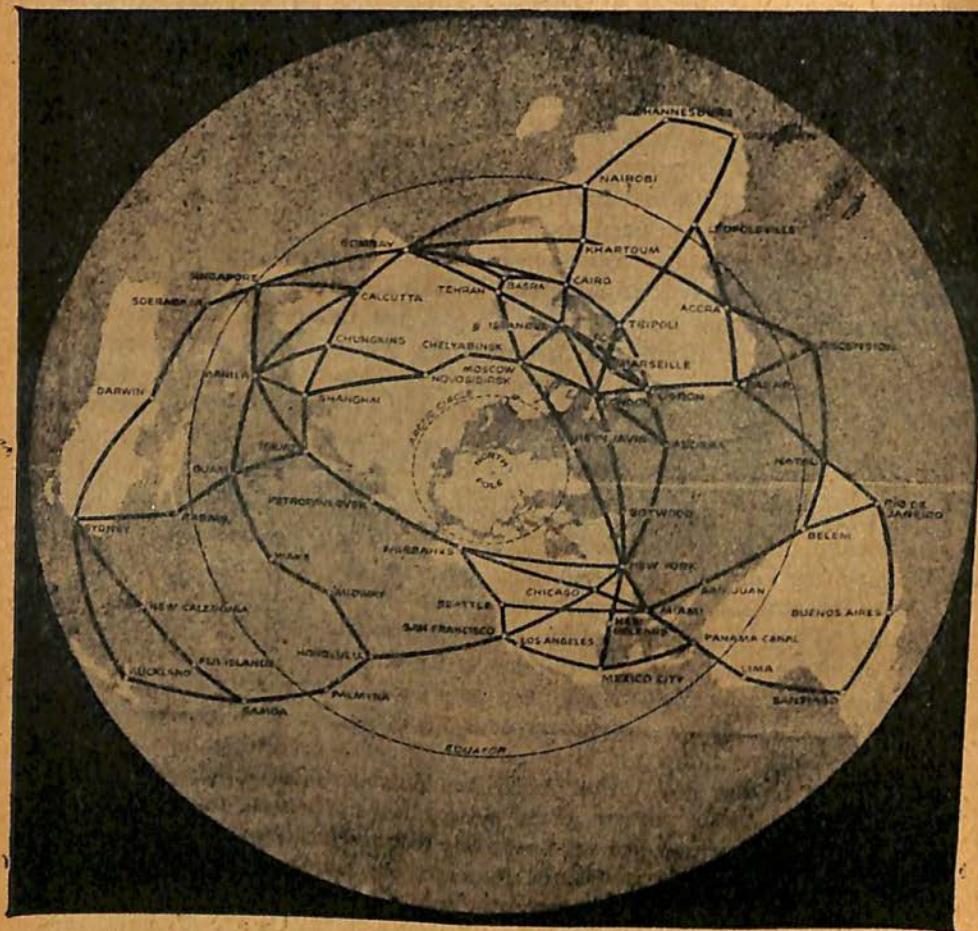


Fig. 1 — Mappa mundi das linhas mestras da navegação aérea no após guerra — As linhas de interligação e os ramais formarão com estas, admitindo o céu francamente aberto, enredada teia que envolverá todo o globo.

ESTADOS UNIDOS *versus* GRÃ BRETAGNA.

Quando as negociações aéreas começarem realmente, a maior das disputas pelo espaço de apôs guerra também começará: a luta entre os Estados Unidos e a Grã Bretanha, luta já francamente delineada. Senadores norte-americanos que regressaram recentemente de uma visita às frentes de batalha mundiais advertiram energicamente aos seus

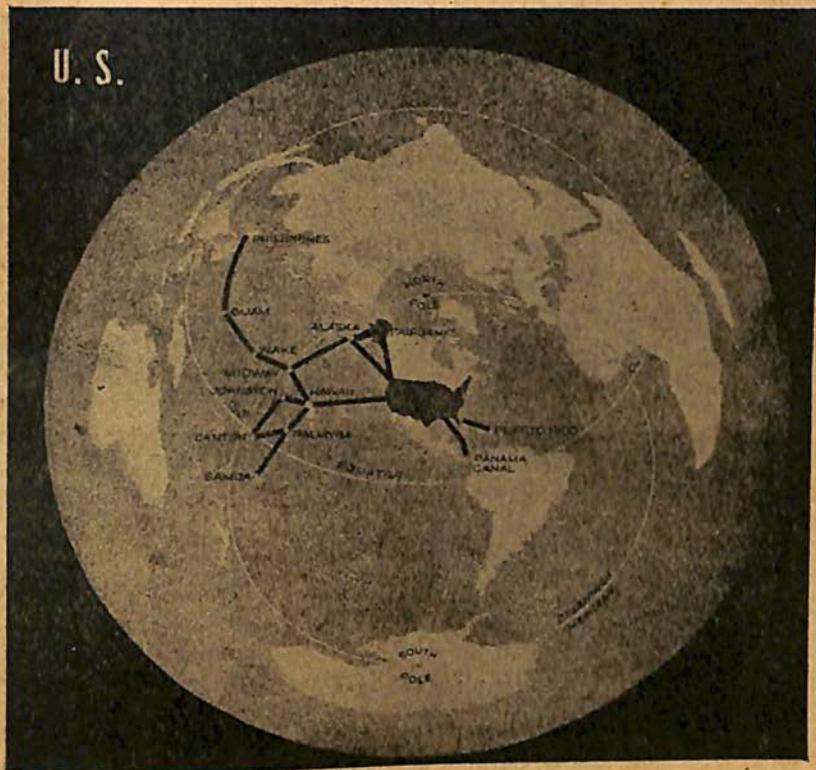


Fig. 2 — A reduzida cadeia de bases de que dispõem os Estados Unidos — se os céus permanecerem fechados, a aviação norte-americana ficará tolhida no seu vôo — apenas no Pacífico, poderá ela estender-se sobre tenue cordão de ilhas — para leste, a cadeia nada possue — para o sul, termina no Panamá.

patrícios qu poderiam ficar no apôs guerra à mercê dos britânicos, por toda a parte onde êsses estabelecessem suas bases. Membros do Parlamento Britânico chamaram, por sua vez, a atenção dos seus concidadãos, com ênfase não menor, para o fato de estarem os aeroplanos dos Estados Unidos precedendo os seus na conquista do espaço, ameaçando

aliá-los dalí. Conquanto o Presidente Roosevelt tenha afirmado que él e o Primeiro Ministro Churchill estavam de acôrdo em partilhar os direitos aéreos do futuro, tal acôrdo verbal, entre um Presidente e um Primeiro Ministro, não regula, de forma alguma, o assunto.

A luta pela supremacia aérea no apôs guerra é muito mais vital para os ingleses do que para os americanos. A economia da Grã Bretanha repousa mais fortemente que a da América no comércio estran-

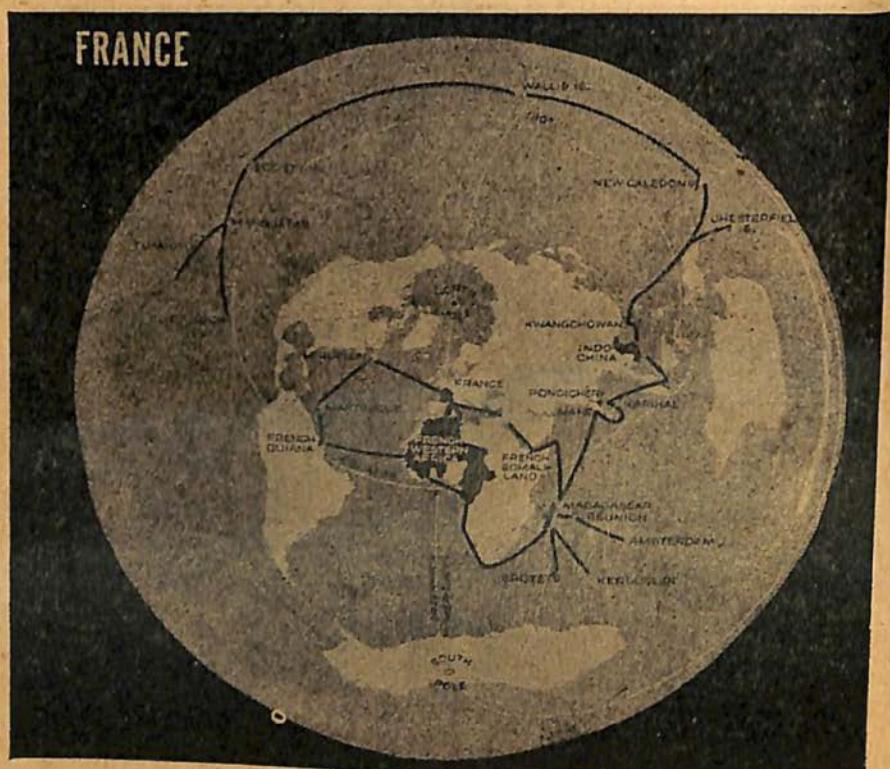


Fig. 3 — A rota balizada pelas colônias francesas, abraçando quase todo o globo, não constitue solução ideal, pela excentricidade dos pontos de pouso, separados às vezes por grandes intervalos — seria, entudo, de grande proveito para os Estados Unidos.

geiro. Antes da guerra, o Império Britânico absorvia 40% do comércio internacional do mundo. A renda e a influência resultantes das exportações por via marítima são decisivas para a Grã Bretanha que, sem elas, se tornaria uma força desprezível. Mas, para os Estados Unidos, o comércio exterior é, em si, de menor importância.

Por isso, estão os britânicos apreensivos com a criação das rotas interiores de navegação aérea, que virão competir com a navegação marítima. Através dos seus comandos de transportes aéreos do Exército e da Marinha, os Estados Unidos tornaram-se agora a maior potência aérea internacional que o mundo já mais conheceu. Possuem bases sobre todo o globo e a maior e mais eficiente frota de aparelhos de transportes modernos.



Fig. 4 — Os britânicos possuem o único império colonial capaz de comportar uma linha aérea mundial independente, sob um céu fechado — nenhum intervalo excede o alcance de vôo dos atuais aparelhos, exceto no Pacífico, entre a ilha Christmas e o Canadá, distantes de 5.000 quilômetros — o Hawaii serviria para reduzir esse intervalo.

Os britânicos, que têm sido obrigados a construir mais bombardeiros do que aviões de transporte, não fazem mistério do receio que nutrem pelos Estados Unidos. Lord Londonderry declarou solenemente ao Parlamento que "nossa existência de grande comunidade imperial

depende da posição que ocuparmos em relação aos ares no mundo que suceder à guerra." Referindo-se às bases aéreas construídas pelos Estados Unidos em terras do Império, Harold Balfour, subsecretário adjunto do Estado para o Ar, afirmou peremptoriamente: "Todas as conjecturas serão esclarecidas ao terminar a guerra. Os Estados Unidos perderão o controle de todas as bases aéreas construídas em território britânico seis meses após a assinatura da paz. A Grã Bretanha ficará então com essas bases e os Estados Unidos com os aviões". Mas a geografia está a favor daquela, conforme mostram os mapas que aqui estudamos.

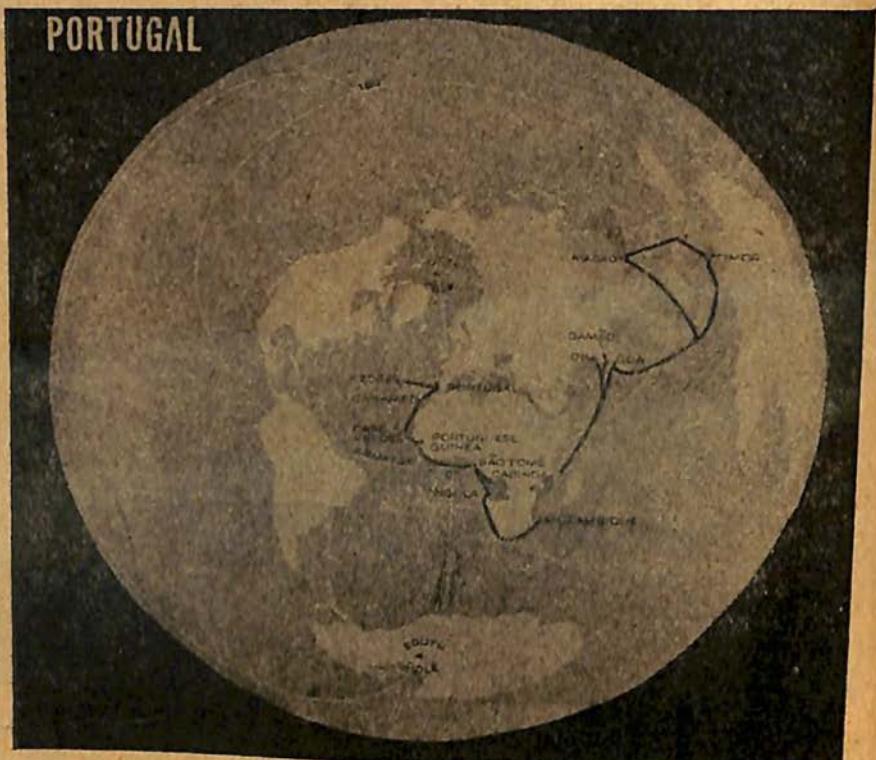


Fig. 5 — São poucas as colônias portuguesas, mas algumas constituem pontos aéreos altamente estratégicos — Portugal não sómente as utilizará, como as barganhárá.

A Grã Bretanha com seu império possui a mais completa cadeia de locais apropriados a bases aéreas em volta do mundo, sómente interrompida no Pacífico. É, portanto, a nação que menos depende de bases aéreas estrangeiras.

Os Estados Unidos são pobres de bases. A leste, sua soberania aérea termina no litoral atlântico. Ao sul, não vai além do Panamá. Apenas no Pacífico é que se desenvolve um pouco, podendo atingir Manilha e Alaska sem sobrevoar território estrangeiro. Em relação aos outros países, constituem uma ponta de cadeia aérea, que sómente os aviões interessados na viagem entre o Canadá, as Antilhas e a América Latina pretendem utilizar.

O desequilíbrio não é, contudo, tão unilateral como parece. Mediante acordos com Portugal e França, cujas colônias proporcionam possíveis pontos de pouso ao redor do mundo, os Estados Unidos poderiam bastar-se a si próprios, sem as bases britânicas. Além disso, a Grã-Bretanha está alijada do Pacífico, sem direito de descer em Havaí ou sobrevoar o Alaska. Verdade é que poderia, e certamente o fará por imposição eventual das circunstâncias, oferecer valiosas compensações a França e a Portugal, com o fim de impedir êsses países de fazerem com os Estados Unidos negociações capazes de solapar a situação comercial inglesa.

Pondo de lado a geografia, observemos que os Estados Unidos possuem possibilidades comerciais muito importantes. Depois da guerra, disporão de grande número de aviões de transporte para trocar por bases ou por direitos de pouso. Terão também alimentos e materiais diversos, para exportar. Mais do que qualquer outro país, estão agora senhores dos assuntos relacionados com a navegação aérea internacional, pois ao excelente trabalho realizado anteriormente à guerra pela Pan American juntaram a experiência dos comandos de transportes aéreos (air-transport commands). Alguns países porfiarão pertencer às principais rotas aéreas e receberão de bom grado as linhas norte-americanas, capazes de prestar serviço mais perfeito, desejando alcançar, por sua vez, os Estados Unidos por meio de linhas aéreas próprias, em busca do grande centro consumidor. Haverá, assim, anseios recíprocos de permuta de direitos de vôo.

RIVALIDADE INTERNA

Enquanto os dois aliados de tempo de guerra tomam posição para a luta da paz, batalhas aéreas não menos amargas travam-se no interior dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Os britânicos lançaram sua linha aérea internacional, controlada pelo Governo, mas sob a forma de um monopólio de propriedade particular, com o título de British Overseas Airways Corp., que tem seus direitos conferidos e seus lucros garantidos pelo Estado.

Mas agora, estão os ingleses se insurgindo contra esse monopólio. Os interesses nacionais, no que diz respeito à navegação marítima, de

influência poderosa sobre todo o Império, reclamam política contrária. As empresas de navegação deixam-se influenciar pelo receio de uma crise e pela abundância de dinheiro em caixa. O receio provém da suposição de que o aeroplano interferirá no movimento de passageiros e, até certo ponto, no movimento de mercadorias. A abundância de dinheiro em caixa resulta dos prêmios de seguros recebidos pela enorme tonelagem afundada durante a guerra, deixando as referidas companhias em excelentes condições de inverter capitais na aquisição de aeroplanos. Semanas atrás, os acionistas da Cunard votaram unanimemente a favor da participação da empresa na organização de linhas aéreas, se tal lhe fosse permitido.

Enfileirada com as companhias de navegação na luta contra o monopólio da BOAC está a própria indústria de aeroplanos, que presente na livre concorrência das linhas aéreas mercado mais promissor para os aparelhos. Os adeptos do monopólio proclamam suas vantagens em face dos interesses do Estado; os antagonistas o acusam de ineficaz e causador de estagnação da técnica. Solução interna diária seria aconselhável, com a concessão de monopólios parciais abrangendo apenas certas rotas.

A política absorvente da BOAC não se estende aos Domínios, que possuem linhas próprias e idéias próprias sobre o assunto, achando-se livres para adotar as soluções que mais lhes convenham, mesmo em oposição à mãe-pátria. É o caso da Austrália, por exemplo, inclinada a receber tanto as linhas americanas como as inglesas. Uma investigação realizada recentemente no mesmo país mostrou que 77% dos habitantes desejam que os Estados Unidos continuem na posse das bases aéreas ali construídas durante a guerra.

Pouco tempo faz que Churchill nomeou Lord Beaverbrook para o Gabinete, incumbindo-o da tarefa de formular os planos de uma política aérea capaz de satisfazer a todo o Império. Reunidos em Londres, os representantes dos domínios discutiram o problema secretamente e regressaram aos locais de procedência, para estudos regionais mais minuciosos. Lord Beaverbrook declarou que, se os diversos governos concordassem com as conclusões da conferência, o Império ficaria em condições de estabelecer as negociações internacionais necessárias.

A PAN AMERICAN CONTRA TODOS

Também, nos Estados Unidos, não há unidade de vistos. Todas as linhas aéreas acham, naturalmente, que o país deve adquirir direitos de voar para toda parte. Mas, fora deste terreno comum, o desentendimento entre elas desce aos pormenores mais insignificantes. A causa da discórdia, ali como na Inglaterra, gira em torno do mono-

pólio, já concedido em favor da Pan American Airways. Todas as outras companhias, exceto uma, são contrárias a esse monopólio e adeptas da livre concorrência à exploração dos serviços nas rotas estrangeiras. Ao se colocarem em oposição à Pan American, tais companhias empenharam-se em luta contra a maior e mais poderosa linha aérea dos Estados Unidos, capaz de dominar, sózinha, a arena.

Antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, a Pan American era a única linha americana que realizava rotas internacionais (com exceção de algumas que faziam serviço para o Canadá). Atravessava os dois maiores oceanos do mundo, descia seus aparelhos em 38 países estrangeiros e em mais algumas colônias. Atingia a Inglaterra, Irlanda, França, Portugal. Voava para Manilha, Singapura e Hong Kong, e daí, através da Companhia Nacional de Aviação Chinesa, parcialmente adquirida, até Chungking e Calcutá. Possuia um serviço para Nova-Zelândia. Servia a quase todas as nações da América Latina. A guerra deu-lhe oportunidade de construir bases e lançar seus aparelhos em todo o percurso que vai do Brasil à Índia.

A consolidação da maior linha aérea internacional não foi apenas uma questão de engenharia e aeronáutica, mas, também, da mais apurada e singular sagacidade comercial do próprio presidente da Pan American, Juan Terry Trippe, espírito ousado e aventureiro, com grande propensão a envolver o globo em uma só braçada, e que possue a faculdade de transmitir facilmente aos outros as próprias convicções. Combateu as linhas aéreas estrangeiras detentoras de monopólios concedidos ou patrocinados pelos governos dos respectivos países. Opôs-se aos alemães e italianos na América Latina. Deslocou os ingleses em ambos oceanos, aos quais ainda forçou a ceder-lhe campos de pouso nas Ilhas Britânicas e em Hong Kong, empregando para isso o estratagema de conseguir prèviamente direitos de aterrissagem em portos franceses e portugueses próximos.

O argumento em que se estribou Juan Trippe para justificar a primazia para a Pan American considera prejudicial aos serviços aéreos norte-americanos a concorrência ilimitada entre linhas concessionárias de tais serviços, visto ser pouco provável que haja no futuro volume de negócios suficiente para manter essa competição, que exigirá, em consequência, grandes subvenções oficiais, destinadas a garantir o funcionamento das linhas em condições satisfatórias. Esta situação tende a se agravar com o desequilíbrio provocado pelas companhias estrangeiras, que operam com salários mais baixos, conforme já sucede no caso da navegação marítima.

A doutrina defendida pela Pan American justificaria a criação de um monopólio nacional americano, abrangendo diversas empresas e talvez o próprio Governo, mas tudo sob controle particular. O

Governo asseguraria àquelas a necessária participação nos lucros. A mais beneficiada seria, a princípio, a Pan American, em parte como recompensa aos seus méritos de pioneira internacional, em parte a título de indenização pela experiência cedida, pelo equipamento empregado e pela abdicação, que faria, dos acordos estrangeiros de que é detentora. A proporção que os anos se sucedessem, a quota proporcional da Pan American iria sendo reduzida, enquanto que as das outras linhas aumentariam.

Semelhante organização permitiria enfrentar com superioridade as linhas aéreas estrangeiras, erigidas, certamente, em monopólios controlados pelos Governos, facilitando a realização de acordos recíprocos e o estabelecimento de programas convenientes, com aproveitamento comum das instalações terrestres. Desta forma, ficaria, também, contrabalançada, até certo ponto, o percalço resultante do baixo custo de exploração de que as linhas estrangeiras pudessem gozar.

Mas, as maiorias linhas aéreas norte-americanas estão quase todas contra a Pan American e o seu monopólio. Dezesseis delas apresentaram longa declaração conjunta, que não passa, em essência, de um apelo a favor da livre concorrência à navegação aérea, o que acarretará, segundo afirmam, progressivo aperfeiçoamento na técnica, no equipamento e na eficiência do serviço. E quanto mais adiantada estiver a técnica americana, concluem, mais fácil será eliminar os inconvenientes trazidos pelos baixos salários de outros países.

No verão passado, uma comissão especial do Governo, designada pelo Presidente Roosevelt, apresentou um relatório sobre o futuro dos ares. Opondo-se à exclusividade, a comissão preconizou a concorrência entre as linhas particulares. Mas, embora a onde se avolume contra a Pan American, é bom lembrar que ela, possuidora de poderosos amigos de Washington, sempre se mostrou indômita nos momentos críticos. Há três anos passados, a American Export Airways propôs-se abrir uma linha transatlântica, para o que dispunha de dinheiro, aparêlhos e experiência. Apezar do protesto da Pan American, a junta de Aeronáutica Civil aprovou a pretensão de sua rival. Os tribunais apoiaram a junta. O Departamento do Estado, o da Guerra, o da Marinha e o Correio cerraram fileiras em torno da American Export. A Pan American parecia derrotada. Mas Juan Trippe foi ao Congresso e expôs o seu caso tão persuasivamente que o projeto foi embargado, para desespero da American Export. Esta obteve agora, contudo, concessão para operar em linhas internacionais, enquanto durar a guerra.

A única linha norte-americana que está ao lado da Pan American no modo de considerar a exclusividade é a United Air Lines, profundamente partidária de uma só empresa internacional de propriedade dos Estados Unidos, admitindo que o tráfego transatlântico será tão pequeno que, mesmo em 1948, menos de cinqüenta aeroplanos de 100 passageiros

serão suficientes para atender a todo o serviço de passageiros e de correio para além das fronteiras. Com a existência simultânea de companhias de outros países fazendo a mesma rota, diz a United, não haverá movimento suficiente para mais de uma emprêsa norte-americana.

As outras linhas deixam transparecer seu ceticismo quanto à sinceridade do procedimento da United. Acham que ela não quer arriscar seus razoáveis lucros internos no serviço internacional. Salientam, ademais, que a United acaba de adquirir uma emprêsa mexicana, a LAMSA, o que lhe proporciona participação pequena, mas lucrativa, no tráfego para outros países e também uma possibilidade de dar expansão a esse tráfego, quando conveniente, sob a aparência de companhia mexicana.

A virtual unidade de pontos de vista, no que concerne à navegação para o exterior, desaparece completamente quando as linhas aéreas nacionais que profligam o monopólio consideram o caso das linhas interiores. Com o tráfego aéreo dos Estados Unidos aumentado depois da guerra para o triplo ou quáduplo, novas linhas terão de ser estabelecidas. A American Airlines, consórcio de seis companhias que proclamam abertamente as vantagens da livre concorrência para as linhas internacionais, mostra-se partidária da exclusividade para a serviço interior.

Na disputa das linhas domésticas, outras afinidades são também esquecidas. Não obstante se manterem de acordo as linhas aéreas no tocante à conveniência de afastar do ramo transporte aéreo as estradas de ferro, as empresas de navegação marítima e as de ônibus, a American Export, aliadas das 16 companhias na campanha contra a Pan American, tem, a esse respeito, desentendimento singular com as suas correligionárias. É que a American Export é propriedade de uma emprêsa de navegação e, como tal, acha indefensável a idéia. A lei agora proíbe a qualquer emprêsa de transporte superficial dirigir ou possuir linhas aéreas, mas a Greyhound Bus (companhia de ônibus), pretendendo instalar um serviço de helicópteros em articulação com suas linhas, está tentando obter para isso uma licença de exceção, ao mesmo tempo que outros interessados fazem pressão sobre o Congresso para que este revogue a restrição.

Golpe preponderante na decisão dessa luta foi desfechado há pouco Vice-Presidente Wallace, que acusou as estradas de ferro de manterem em níveis artificialmente altos as atuais tarifas de extensão aérea, com a oculta intenção de se apoderarem do controle do transporte aéreo.

O VÔO PARA ULTRAMAR JÁ CONTÉM SEGREDOS

Antes da guerra, a Pan American tinha um argumento insuperável a seu favor: era a única linha aérea dos Estados Unidos que sabia, pela experiência comercial, fazer o vôo internacional. Agora, mais dez

companhias norte-americanas estão sobrevoando o oceano e partilhando os sacrifícios e glórias disso decorrentes. O Comando de Transporte Aéreo do Exército (Army's Air Transport Command. ATC) e, em menor escala, o Serviço de Transporte Aéreo da Marinha (Navy's Air Transport Service, NATS) enquadram o serviço dessas companhias. O ATC percorre uma extensão total de mais de 150.000 quilômetros, tendo estabelecido caminhos aéreos para pontos até então inacessíveis na Groenlândia, Labrador, África, Índia e China e acionando maior número de aparêlhos do que todas as linhas aéreas de antes da guerra, reunidas.

Tendo aprendido, à custa do ATC, a sobrevoar oceanos e continentes outros, tais companhias anseiam utilizar comercialmente êsses conhecimentos e, quando se mostrem no momento agradecidas ao ATC pelas lições que este lhes proporcionou, não hesitarão em se voltar de repente contra ele, caso revele algum propósito de se perpetuar no após guerra. Os oficiais mais graduados do ATC afirmam convictamente que sua missão terminará com a guerra e que as linhas aéreas terão de assumir, por si mesmas, o serviço. Mas, depois da guerra, as Forças Aéreas poderão dispor de mais aparêlhos, bases e pilotos, e terão também sobre seus ombros grande missão militar de tempo de paz, qual a de fazer prever a segurança militar do país, pela manutenção das bases e rotas aéreas. Disto pode resultar forte corrente no sentido de ser conservado o ATC, senão como a principal linha aéreas dos Estados Unidos, pelo menos como uma das mais importantes. As companhias prejudicadas opõem-se por todos os meios à realização de semelhante esquema, visto que o mesmo envolve competição de natureza comercial.

COMO SERÃO DISTRIBUIDAS AS ROTAS AÉREAS ?

A Pan American quer praticamente sobrevoar toda a periferia do globo, para leste e para oeste, reduzindo de metade suas asperações no rumo norte sul. A Northeast deseja voar até Moscou e Praga, por diferentes percursos. A American Airlines pretende chegar a Calcutá, passando por Kiska, Tóquio e Peiping. A Chicago & Southern quer atingir a Batâvia, via Vladivostok, Shangai e Saigon. A Eastern coraria arrojadamente a América do Sul pelo centro, em direção à Argentina. A Pennsylvania Central Airlines sonha ancorar grandes flutuantes de aço no Atlântico e utilizá-los como trampolins na travessia para a Inglaterra. A United Air Lines não aspira sobrevoar o oceano, mas se todas as outras linhas entrarem na exploração do serviço internacional, solicitará concessão de rotas para a Europa e o Oriente.

As principais rotas do Atlântico tocarão o Canadá ou nele finalizarão. As principais rotas do Pacífico sobrevoarão o Canadá, o Alaska, a Rússia, o Japão e a China. Conquanto os itinerários diretos

sejam os mais curtos, nem sempre serão convenientemente assinalados por pontos de desembarque favoráveis e centros comerciais capazes de alimentar o necessário movimento de carga e passageiros. Ainda por muito tempo, as rotas aéreas terão o seu traçado determinado pelas conveniências econômicas do tráfego: ninguém planeja, por exemplo, voar por cima do Polo Norte em direção a qualquer ponto.

No Pacífico, está sendo pouco procurado o antigo percurso da Pan American de antes da guerra: Hawaii-Midway-Wake-Guam-Manilha. Todos preferem a rota septentrional, envolvida pela primeira, através do Alaska e da União Soviética, onde os intervalos são mais curtos e mais intensa a perspectiva de negócios. O caminho oceânico sobre ilhas continuará a ser de grande importância militar para os Estados Unidos e deverá ser trilhado pelas Forças Aéreas ou por linhas generosamente subvencionadas pelo Governo.

Os Estados Unidos já possuem tratados de reciprocidade de direitos aéreos com o Canadá e podem, com toda a certeza, contar com a sua renovação. O mesmo não se poderá afirmar em relação à Rússia. A União Soviética tem permitido a diversas linhas penetrarem no seu território em condições mútuas e assumido, por si mesma, uma atitude de grande adepta do transporte aéreo interno, conservando-se na dianteira mundial quanto ao volume de carga assim conduzida. Mas, se bem que muitos interessados projetem com otimismo linhas para o Extremo Oriente, passando pela Sibéria, receiam alguns entendidos que será muito cerceado o trânsito aéreo estrangeiro naquelas paragens.

As rotas para o Extremo Oriente também tocam no Japão, que sempre teve o céu fechado para os aparelhos de outros países. Mas a derrota militar obrigá-lo-á, juntamente com a Alemanha, a franquear bases e céus aos vencedores.

QUAL O VOLUME DO TRÁFEGO?

Todos querem ingressar na exploração do serviço aéreo internacional porque pensam ganhar ali muito dinheiro. Conquanto seja esta certamente a mais plausível das razões, divergem os pareceres no que concerne à grandeza da margem para os negócios. Alguns profissionais insistem em afirmar que haverá tão pouco tráfego que os únicos lucros possíveis se resumirão nas subvenções oficiais.

Os cálculos mais moderados baseiam-se nos dados referentes ao movimento de passageiros por via marítima anteriormente à guerra. É um processo estatístico de fundo comercial, tão suscetível de erros quanto o arcálico método de basear a previsão do tráfego ferroviário no número de pessoas transportadas pelas diligências. A velocidade e a conveniência da viagem pelo ar atrairá para o novo sistema de

transporte, numerosos grupos de adeptos, notadamente norte-americanos, que se tornaram os maiores turistas do mundo.

As estimativas do tráfego aéreo para o começo do após guerra dão cerca de 600 passageiros por dia, para viajar sobre o Atlântico, entre os Estados Unidos e a Europa, isto é, 300 passageiros em cada sentido. Para transportar essa lotação em aparelhos com capacidade para 57 pessoas, mas contendo em média dois terços deste número serão necessárias oito viagens diárias de ida e outras tantas de volta. Não seriam vôos diretos, que se tornam exageradamente dispendiosos a partir de 2.000 quilômetros. Aviões maiores poderiam fazer vôos sem escalas, mas a freqüência de viagens seria menor e é voz geral que o público prefere aquela condição à alternativa das grandes velocidades. Além disto, os aparelhos ultravelozes são de mais alto preço. Cálculo minucioso levou a Pan American a fixar para a passagem de ida e volta, entre New York e Londres, o preço de \$ 186,30, a entrar em vigor algum tempo após a terminação da guerra.

Uma causa é indiscutível: havera toda a espécie de aeroplanos em uso — uns construídos para alta velocidade, alguns para grande altitude, outros com objetivos econômicos, muitos para transporte de carga e diversos destinados a luxuosas viagens de super-primeira classe.

No que se refere aos aviões de carga, é oportuno registrar que não há nos Estados Unidos aparelho algum construído com aquele destino. Todos os aviões de carga atuais são aparelhos militares ou de passageiros transformados. A princípio, sómente as mercadorias de alto valor, que justifiquem o prêmio correspondente à rápida entrega, serão despachadas via aérea, e as estimativas mais otimistas do custo por tonelada ainda deixam às mesmas larga margem de economia, exceto, talvez, quando se trata de artigo compacto e fortemente taxado. Mas, todas as hipóteses referentes ao transporte aéreo de carga estão sendo estabelecidas sem o conhecimento exato, a ser obtido pela experiência, das promissoras vantagens apresentadas pelos trens de planadores. Se bem que o ATC tenha transportado grande volume de carga em altas velocidades, fê-lo sem preocupação de reduzir despesas, exemplo que as companhias de transporte aéreo não podem imitar.

QUEM CONSTRUÍRA OS APARELHOS?

Antes da guerra, existiam 434 aviões de transporte ao serviço das linhas norte-americanas. Presentemente, a indústria dos Estados Unidos poderia produzir igual número de aparelhos em uma ou duas semanas. Depois de guerra, cerca de 3.000 aviões pesados serão necessários para o tráfego aéreo comercial do mundo inteiro, representando o seu fornecimento o trabalho apenas de 5% das fábricas existentes. Além disso,

grande quantidade de aparelhos remanescentes da guerra achar-se-ão disponíveis, e as nações não mais estarão despendendo fabulosos milhões em bombardeiros e caças.

Ao considerar êstes fatos, os construtores de aviões dos Estados Unidos mostram-se apreensivos e desanimados. É que a indústria que exploram representa um empreendimento da ordem de vinte milhões de dólares, deixando em nível muito inferior a de automóveis, que cresceu até três bilhões e setecentos milhões, um ano antes de guerra. Inúmeras serão as dificuldades a vencer na administração dos seus dois milhões de operários, do seu volumoso acervo e de suas imensas fábricas recem-montadas. Mas, tais dificuldades estão intimamente ligadas aos problemas da transmutação que se seguir imediatamente à guerra. A única causa que interessa realmente ao poderio aéreo dos Estados Unidos é a que envolve a possibilidade de conservar a indústria de construção de aeroplanos em condições de vitalidade, prosperidade e crescimento, não obtante a procura grandemente reduzida de aparelhos.

Muitos aviões do Governo podem ser vendidos às linhas aéreas que necessitarem desde logo novos equipamentos. Muitos serão transferidos ou vendidos a países estrangeiros, ou, com êstes, objeto de barganha. Muitos continuarão a serviço dos militares. Mas, grande quantidade ainda sobrará abarrotando o mercado, em constante ameaça aos fabricantes de aparelhos, devendo até surgir a tendência de se transformarem bombardeiros em aviões de transporte, apesar de não ser econômica a providência. Além de tudo, um aeroplano nunca se gasta completamente: as asas, a fuselagem e a hélice duram quase indefinitamente; os motores podem ser reformados ou substituídos.

Depois da última guerra, havia tantos motores Liberty à venda por baixo preço que foi difícil ao Exército conseguir recursos do Congresso para adquirir motores aperfeiçoados e mais eficientes. Durante anos, a própria indústria de aviões ficou marcando passo. Para que isto não se reproduza, seria de toda a conveniência que, depois da atual guerra, os aparelhos militares ficassem imobilizados, prontos para alguma emergência, mas afastados de quaisquer cogitações mercantís.

Nem todas as fábricas do Governo, especialmente construídas para a guerra, poderão continuar em funcionamento. Mas é preciso conservar a capacidade de produção exigida pelos imperativos da defesa nacional e, com muito maior relevância, assegurar a continuidade dos conhecimentos técnicos, tanto de gabinete como de bancada.

A técnica receberá possivelmente o bafejo da expansão da aviação civil. Ainda não foi encontrado o aparelho realmente satisfatório para o uso particular — o que desenvolvesse 250 km por hora, tivesse um alcance de 800 km, transportasse quatro passageiros, permitisse dobrar

as asas de modo a ser conduzido pelas estradas, entre a casa e o aeroporto — e fosse vendável por menos de 3.000 dólares. Os helicópteros ainda não pousarão nos quintais imediatamente após a terminação da guerra; serão provavelmente utilizados, a princípio, mais como ônibus aéreos do que como autos particulares aéreos. O aumento do número de pilotos, do de aeroportos e da eficiência dos motores e combustíveis será um incentivo para a rápida generalização do emprego dos aparelhos leves.

CABERA AOS NORTE-AMERICANOS O DOMÍNIO DOS ARES?

Mais do que a qualquer outra nação, a guerra deu o domínio dos ares aos Estados Unidos. As centenas de milhares de norte-americanos que aprenderam navegação aérea, a multidão de aviadores para os quais uma viagem de ida e volta à India é acontecimento tão natural

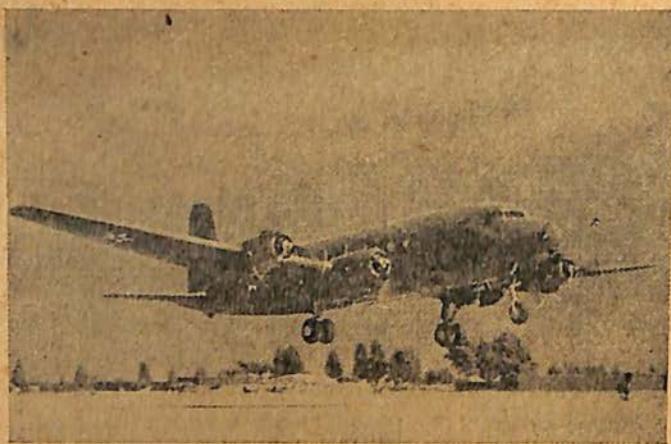


Fig. 6 — O Douglas C-54 é um aparelho que inspira confiança, maior do que duas vezes o conhecido DC-13, desenvolve uma velocidade de 320 quilômetros por hora, transporta 40 passageiros e tem uma autonomia de voo de 2.400 quilômetros.

como uma excursão de fim de semana e que contemplaram do alto oceanos e continentes em desfile, sentindo a terra diminuir de tamanho — nenhum deles há de querer abrir mão desse patrimônio aéreo, com grande sacrifício conquistado. E' que tal patrimônio encerra entusiasmo e glória, oferece perspectivas de abastança e proporciona vasto campo para novos êxitos. Parece até, as vezes, que, nos ares, não há lugar para mais ninguém, a não ser para os norte-americanos.

Mas os Estados Unidos, conquanto se tenham tornado a maior po-

tência aérea do mundo, não possuem a preempção do elemento gasoso. Não lhes é possível serem os senhores de todos os aviões, das bases e do comércio, nem podem esperar ter permissão para sobrevoar terras alheias, sem que outros possam, também, sobrevoar as suas. Até o momento presente, todas as negociações estão calcadas na preferência generalizada pelo céu aberto, mas fortemente entravadas pelo apêgo à noção do céu fechado. Já é tempo de admitir abertamente que só uma política semelhante a do céu aberto é a que mais convém a todos, como a única capaz de desenvolver o intercâmbio aéreo internacional.

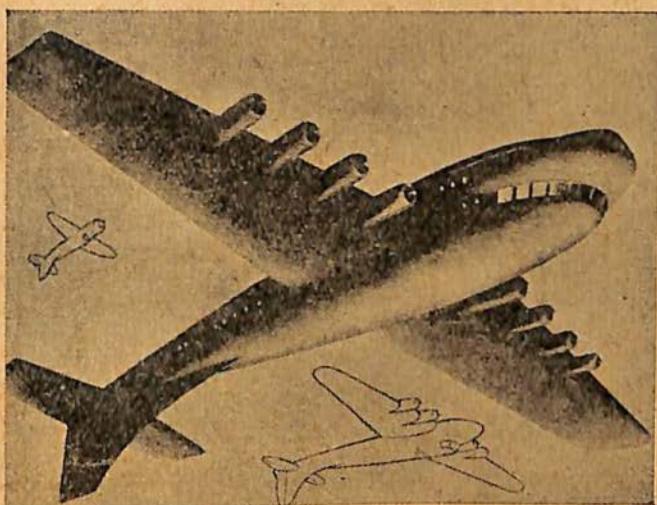


Fig. 7 — A BARCA VOADORA de Henry Kaiser, comparada com um Bombardeiro e um avião de combate — já está sendo construída, devendo aparecer em 1945.

Os ríspidos senadores que regressaram recentemente de uma excursão mundial, deplorando que os Estados Unidos nada fizessem para conservar a propriedade ou o controle das bases que haviam construído por toda parte, estão ao mesmo tempo com a razão e sem ela. Com a razão, porque não encontraram, claramente definida, uma política de garantia para aquelas bases. Sem razão, por pensarem que a construção das mesmas devesse dar aos Estados Unidos o direito de usá-las para todo o sempre. Ficamos, sim, moralmente autorizados a utilizá-las dentro de certos limites. Mas o direito de comerciar por intermédio delas, ou de incluí-las, como elas, em uma cadeia de contorno mundial constituída de aeroportos, é um direito que resultará de acordos recíprocos mais amplos.

Muito cômodo e seguro é pisar com firmeza o solo e emitir conceitos arrojados sobre o domínio dos ares no após guerra. Os entendidos no assunto podem estar de acordo no que se refere aos tipos de aviões, ao número provável de passageiros e às características, tomadas em comparação, dos outros meios de transporte. Para o período inicial, isto parece suficiente. Mas o mundo precisa conceber quão pequena ainda foi nesta guerra a demonstração do terrível efeito de que é capaz o pódrio aéreo, quando pequenos e ridículos nossos atuais aparelhos parecerão aos olhos da história, ao serem comparados com os que virão a dominar no futuro a navegação aérea. Contudo, é animadora a situação



Fig. 8 — A ASA VOADORA — Planejada para quando houver necessidade de aparelhos cinco vezes maiores que os atuais clippers — O modelo, em miniatura, jô foi submetido a experiência de vôo.

presente, em que grande se mostra a afluência de candidatos à carreira aeronáutica, cuja importância parece estar, por isso, no consenso geral. Poderão eles forçar os dirigentes das nações a cuidarem do problema com tenacidade, ou, pelo menos, induzir os líderes norte-americanos a formularem uma política concreta, antes de a magna questão se diluir em um debate estéril de palavras convencionais ou num programa de meros paliativos.

OS TIPOS DE APARELHOS

Provavelmente, os aparelhos que voarem através da estratosfera dos céus do futuro serão verdadeiros gigantes aeronáuticos, sem fuselagem, só com asas, acionados por propulsão pirotécnica (foguetes), ao invés de hélices. Mas, imediatamente após a guerra, ainda domi-

narão os ares os aparelhos que hoje conhecemos, com motores e asas nos lugares habituais e guardando proporções que nos parecem as mais adequadas.

O avião que desde já parece estar destinado a se tornar o transporte preferido no imediato após guerra é o Douglas C-54 (fig. 6), modificação aperfeiçoada do DC-4. Nenhum outro aparelho de grande porte, completamente experimentado, atualmente em fabricação, pode com êxito competir. Douglas possui uma fábrica exclusivamente para sua produção. Depois da guerra, o C-54 encontrará-se à frente dos seus congêneres, no campo das realizações aviátorias.

Apenas um outro avião de transporte, experimentado e em fabricação, existe atualmente: é o Curtiss-Wright C-46, bi-motor e menor do que o C-54, possuindo menor velocidade e autonomia de vôo. Acha-se em experiências o Lockheed Constellation, ultra-rápido, próprio para grandes altitudes, parecendo o mais naturalmente indicado para os longos vôos diretos.

As mudanças verdadeiramente revolucionárias operadas no equipamento aéreo nada têm a ver com o tamanho ou a forma dos aviões, mas com dois dispositivos destinados a sobrepujar o seu maior inimigo: o mau tempo. Um deles evitará a formação de gelo nas asas e na cauda, fazendo circular os gases aquecidos da descarga do motor pelo interior daquelas partes do aparelho. Outro é o *radar*. Com tais aperfeiçoamentos na técnica, os aviões poderão voar em todas as estações e enfrentar as intempéries. Apenas continuarão a existir inconvenientes meteóricos de menor extensão: tempestades violentas, rajadas repentinas de vento forte, etc.

APARELHOS COM QUE SE SONHAM

Toda empresa de aviões de grande porte projeta possuir outros ainda maiores e mais rápidos. A grandiosidade desses projetos e o grau de possibilidade de execução constituem segredos militares, mas pode-se afirmar que deixarão em situação ridícula os atuais Douglas C-54 e Lockheed Constellation. Henry Kaiser está construindo uma *barca voadora*, de 180 toneladas (fig. 7). A *asa voadora* (fig. 8), para futuro ainda remoto, poderá tornar-se um avião comercial muito útil quando houver necessidade de aparelhos cujo peso oscile pela ordem de 200 toneladas.

Os Militares e os Bancos

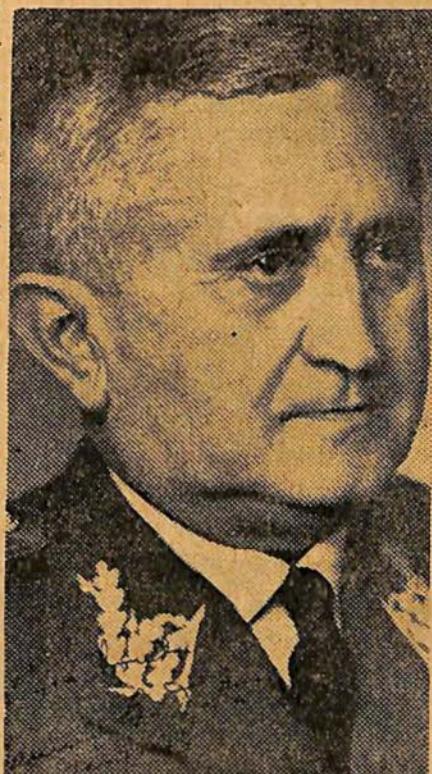
Nenhuma classe tem tanta necessidade de recorrer aos serviços bancários como a militar. As obrigações de serviço creando-lhes uma instabilidade constante, as necessidades de estagiar em garnições diversas e distantes, as viagens de estudo e inspeção, as fainas exercidas pelo Brasil além, demarcando, abrindo caminhos, articulando seguramente o território da Pátria, obrigam o soldado a recorrer constantemente ao banco que é o seu correspondente, o seu procurador, o instrumento que atende às necessidades da família frequentemente ausente ou a defesa de pequenos interesses particulares abandonados. De quando em quando, é sempre possível fazer uma economia que um dia servirão aos filhos. Esta situação determinou a criação desta seção que aparecerá, a partir de agora, em todos os números desta revista, feita para os militares do Brasil.

O Grande Realizador

O comentarista que escreve sob o pseudônimo de *Gil*, publicou n'*O Estado de S. Paulo* a seguinte nota :

“A chegada da Força Expedicionária Brasileira a Nápoles e os comentários honrosos feitos á sua disciplina e forma militar — comentários uníssonos, partidos de técnicos e de correspondentes militares os mais autorizados — vêm por em relevo o trabalho extraordinário desse ilustre organizador que é o General Eurico Gaspar Dutra.

Foi realmente o nosso Ministro da Guerra o espírito disciplinado e esclarecido que cuidou de todos os detalhes da organização do Corpo Expedicionário do Brasil. Brilhante e experimentado militar soube o General Eurico Gaspar Dutra preparar, desde o inicio, quando ainda coisa alguma estava assentada, o moral do soldado brasileiro. Foram suas diretrizes corretas e sábias que deram esse poder ofensivo magnífico, essa estrutura de legítimos combatentes que marcam os soldados brasileiros e que, agora, no teatro da guerra, são ressaltados, unanimemente, por quantos vêm desfilar e treinar os comandados do General Mascarenhas de Moraes.



General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra

“A chegada da Força Expedicionária Brasileira a Napoles e os comentários honrosos feitos á sua disciplina e forma militar — comentários unissons, partidos de técnicos e de correspondentes militares os mais autorizados — v êmpor em relevo o trabalho extraordinário desse ilustre organizador que é o General Eurico Gaspar Dutra preparar, desde o inicio, quando ainda coisa alguma estava assentada, o moral do soldado brasileiro. Foram suas diretrizes corretas e sabias que deram esse poder ofensivo magnifico, essa estrutura de legitimos combatentes que marcam os soldados brasilieros e que, agora, no teatro da guerra, são ressaltados, unanimemente, por quantos veem desfilar e treinar os comandados do General Mascarenhas de Moraes.

Vale acentuar que, desde que se encontrou á frente da pasta da Guerra, o ponto capital do programa do ilustre ministro foi sempre organizar, de maneira absoluta, os metodos que até então vinham sendo observados em nosso Exército.

Estudioso, observador por excelencia, acompanhando de perto a evolução técnica operada nos grandes exércitos do mundo, o General Eurico Gaspar Dutra lançou-se, com decisão e brilho, á tarefa de modernizar e engrandecer o Exército de Caxias. Fazendo da disciplina, a mais rigida, o alicerce de sua obra, o correto soldado pôde, em pouco tempo, armar a estrutura e traçar os prismas que tornaram os soldados brasileiros iguais, em todos os sentidos, aos melhores combatentes de outras grandes nações.

Graças á realização dessa tarefa foi possivel ao Brasil, quando agredido pelo inimigo ousado e impiedoso repelir o insulto e, logo, porque soubera preparar seus soldados, cogitar de mandar ao campo da luta um corpo de exército devidamente forte e pronto para as mais dificeis e arduas tarefas.

Ainda nesse instante decisivo foi o Ministro Gaspar Dutra o centro de gravidade, fazendo-se presente nos Estados Unidos, onde combinou minucias; selecionando oficiais para o comando, supervisionando a seleção de voluntarios, e acompanhando, de

perto, o intenso preparo de toda a tropa destinada a combater nos campos da Europa.

O fruto de tanto esforço, de tanta dedicação; o premio justo á sua capacidade de chefe e de organizador dos maiores que temos tido conquistou-o agora o ilustre Ministro da Guerra e dedicado colaborador do Presidente Getulio Vargas com os louvores gerais e entusiasticos tecidos ao Corpo Expedicionário Brasileiro.

Os nossos soldados, prestes a defrontar o inimigo, já se impuseram á admiração geral, e isso num teatro belico, onde se reunem os maiores exércitos, os melhores comandantes e os mais decididos combatentes de todo o mundo! — *G. I. L.*

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.^o andar
 Fones : { Secção de Refratários — 3.4952
 Secção Interior — 2.4229
 Gerência e Compras — 2.7636
 Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fone 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos
 TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros
 MATERIAIS REFRATÁRIOS
 de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedor das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

Mascotes



Não garantem...

Há quem acredite em mascotes. Mas é preciso construir o futuro sobre bases mais sólidas. É por isso que o Sr. já deve ter pensado no seguro de vida, garantia de tranquilidade futura para o Sr. e para os seus. O Agente da Sul América mostrar-lhe-á, sem compromisso, qual o plano de seguro que melhor se adapta ao seu caso particular.



Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

J.W.T.

METALÚRGICA

ABRAMO EBERLE LTDA.

CAXIAS - Rio Grande do Sul

FILIAL EM S. PAULO

Rua Florêncio de Abreu 793

Caixa Postal 1282

AGÊNCIA NO RIO

Av. Rio Branco, 106 - 16.º andar

Caixa Postal 69

End. Tel. EBERLE

Fabricantes e fornecedores de ferragens para equipamentos e
indústria militar.

Espadas para oficiais do Exército,
Marinha e Aviação. Talheres em
geral, e outros artigos para fins
militares.

**MATADOURO
DA PENHA**

CARNES VERDES

Caminho Maria Angú, 226

Telefone 30-3612

Irmãos Goulart & Cia.

Sucessores de FRANCISCO VIEIRA GOULART

ESCRITÓRIO SÉDE:

Rua Buenos Aires, 104

2.º ANDAR - SALA 21

TELEFONE 23-5109

A CAVALARIA MODERNA

II

O novo AKVAS

Pelo Ten.-Cel. *ARTHUR CARNAÚBA*

Este artigo é a continuação do que tivemos a honra de apresentar aos leitores desta Revista no seu número de julho último, sob o título “*A CAVALARIA MODERNA*”.

E’ a campanha sistemática que prossegue...

E’ a propaganda que continua...

Ainda mais uma vez, insistimos no nosso trabalho inicial — *ESTA E’ A VERDADE SÔBRE A CAVALARIA*”, — publicado em Agosto de 1942.

Procurando — num sobrehumano esforço de síntese — mostrar aos leitores a evolução da Cavalaria, afirmámos, naquele trabalho, ao assinalarmos a crise por que havia passado a nossa Arma, quando foi obrigada a combater a pé, diante das tirânicas imposições da guerra de 1914-18... que um “*novo akvas*” se impunha, um novo *meio*, capaz de fazer o que o antigo (o equino) já não podia realizar no campo de batalha: *alçar-se acima da massa dos combatentes* e deslocar-se no *inferno de fogo* que caracteriza o combate moderno.

Ora, todos nós sabemos que o “*novo akvas*” é o *carro de combate*, isto é, o *cavalo mecânico*, o moderno instrumento de reconhecimento e de manobra e a nova arma da cavalaria.

Dotada desse poderoso engenho, ela poderá, outra vez, *combater à akva*, que é no que consiste seu *processo específico de luta*, como o demonstrámos no nosso artigo inicial de 1942, à luz do interessantíssimo estudo do *Cap. Serpa*.

E' evidente que não poderemos substituir, duma só vez, os nossos cavalos pelos carros.

Impõe-se uma fase de transição... E é nessa fase que nos achamos. Somos obrigados a aceitar a organização mixta das nossas G. U., apesar dos sérios e graves inconvenientes que ela apresenta.

E se tentássemos uma outra solução ?

Qual ?

— A de realizarmos a combinação cavalo-motor, — não dentro da D. C., — mas pela organização de dois tipos de Divisão :

- a Divisão hipomóvel, tendo apenas um órgão de reconhecimento moto-mecanizado;
- a Divisão moto-mecanizada (haveria possibilidade de organizarmos umas duas).

Parece-nos que essa combinação seria mais feliz do que a concepção atual da D. C. e do R. C. D. mixtos.

Aqui fica a idéia...

Que outros, mais competentes e com mais experiência, discutam o assunto.

Éle é deveras empolgante!...

Recife, 24-4-44.

LABORATÓRIO KALMO

Secção de VICENTE AMATO SOBRINHO & CIA.

Especialidades Farmaceuticas

Consultores Científicos :

Prof. Dr. Rubião Meira e Prof. Dr. A. Maciel de Castro, da Universidade de S. Paulo

MATRIZ: Praça da Liberdade, 91 — São Paulo

Evolução da Engenharia

Ten.-Cel Felisberto Estevam de Oliveira Baptista

Dos jornais :

Cabeça de Ponte do Quinto Exército em Anzio, 25 (Associated Press) — Exatamente ás 7 horas, na região pantanosa de Pontino, um oficial de engenharia das fôrças desta cabeça de praia e outro do mesmo pôsto e da mesma arma, que vinha à frente das fôrças procedentes de Terracina, apertaram mutuamente as mãos.

O capitão Ben Sousa, de Honolulú, mandou uma patrulha de 20 homens fazer alto quando viu aproximar-se o capitão Francis Buckley, de Filadelfia.

“Onde vai ?” — perguntou o capitão Sousa.

“Vou entrar em contacto pessoal com a cabeça de praia” — respondeu Buckley.

“Está feito o contacto” — disse o primeiro.

Ambos trocaram vigoroso aperto de mão, marcando os seus relógios-pulseira a hora exata do auspicioso acontecimento. O local do encontro foram as vizinhanças de Boro Grappa, cinco milhas a leste do antigo front “cabeça de praia”, denominado canal Mussolini. Ás 10.15, acompanhado pelo “jeep” que conduzia os correspondentes de guerra, chegava ao local o general Mark Clark, enquanto as duas fôrças de reconhecimento se confraternizavam.

Junto a uma ponte semi-destruída, o general Clark disse aos correspondentes :

“Hoje foi um grande dia”.

Os correspondentes retiraram-se para Voltanzio, enquanto os homens da engenharia iniciavam os primeiros trabalhos

para a restauração da ponte danificada. Durante o regresso, os jornalistas que haviam presenciado o feliz acontecimento puderam ver numerosos civis italianos que regressavam de Sabaudia, na extremidade meridional de Pontine, a caminho de Littoria, já libertada.

Segundo as informações prestadas por êsses civis, os *ale-mães se retiraram, desde ontem, daquele trecho*".

Na frieza deste telegrâma encontra-se uma conclusão muito grata ao coração de um engenheiro. Terminou o complexo de "seguro de vida" atribuído à arma de Engenharia! Ela hoje, na ofensiva, ABRE CAMINHO PARA AS OUTRAS ARMAS!

Foram elementos de *Engenharia que, de um lado e de outro* das forças aliadas em avanço, estabeleceram a LIGAÇÃO. Atravessaram um terreno abandonado na véspera pelo inimigo e, após o reconhecimento mutuo, feito com simplicidade emocionante, puseram-se em conjunto a reconstruir uma ponte.

Aí está nitidamente marcada a evolução do Emprego Táctico da Engenharia. De Arma que, marchando a coberto da Infantaria ou da Cavalaria, trabalhava quasi exclusivamente para o Grosso, assumiu a Engenharia, por força da utilização intensiva, pelo inimigo, dos Obsáculos — principalmente *campos minados* — o honroso posto de precursora dos *primeiros elementos* de suas irmãs; e nem por isto deixou de, mais modestamente, continuar na sua tarefa antiga, não menos decisiva porém infinitamente menos espetacular, de *restabelecer as vias de comunicações*.

Este é o ensinamento daquele telegrâma.

Poderíamos ainda fazer ressaltar a magnifica recompensa concedida aos soldados da Engenharia: O comparecimento pessoal do Comandante do Exército...

E' uma consequência da importância que tomou essa Arma na Guerra moderna.

Que vem ela fazendo?

Continúa a construir estradas de rodagem e o faz com rapidez assombrosa devido à desenvolvida maquinaria que possue (na Sicilia, uma unidade de Engenharia do Exército Americano construiu uma estrada de 80 quilometros, através de uma região montanhosa, *em 4 (quatro) dias*. Essa via de comunicação, ligando Capizza a Monte Albano, deu à 9.^a Divisão a possibilidade de desdobrar a estrada real, batida pela artilharia alemã, para juntar-se às forças anglo-americanas em Randazzo e expulsar definitivamente os alemães da Sicilia).

Pôde desviar o curso de um rio de 15 metros de profundidade, em poucas horas. Limpar campos de minas com não menor rendimento de trabalho (outra unidade de Engenharia do Exército Americano, retirou, na Tunisia 20.000 minas terrestres em *uma semana*).

Elementos de Engenharia, lançados em paraquedas atacam fortes (o de Eben-Emael, na Belgica, é um exemplo) e casa-matas, com explosivos e lança-chamas.

Vias férreas são restabelecidas e postas em funcionamento pela Engenharia que (como em Napoles, no momento) esforça-se tambem para dar aos portos reconquistados, suas primitivas condições de serventia.

O combate pelo trabálho de que nos falam nossos Regulamentos, evoluiu muito.

Hoje a Engenharia está armada de fusis, metralhadoras e granadas de mão, não só para a defesa de seus próprios locais (canteiros) de trabálho, como para auxiliar a Infantaria, em caso de necessidade.

E é de ver o desempenho e a férrea fibra dos "engenheiros". Adaptam-se a todas as taréfas; desde a simples colocação de uma ponte ou abertura de uma brécha em um obstáculo (El-Alamein é um belíssimo exemplo) ou a conquista de uma fortaleza considerada inexpugnável.

E morrem com os demais soldados, deixando uma sensível laguna no moderno Exército de especialistas...

* * *

Neste momento, em que um sopro renovador agita o nosso Exército, é de se apelar para os nossos Chefes no sentido de olharem com maior carinho a preparação e o desenvolvimento de nossa Engenharia, dotando-a dos elementos indispensáveis ao cumprimento das variadas missões que atualmente lhe incumbem.

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande fornecedora dos Exércitos Nacional e Americano



Matriz : Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Filiais : RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:
 — Rua 7 de Setembro, 177.
 — BELO HORIZONTE, RECIFE, BAHIA, PORTO ALEGRE e
 — PELOTAS.

Agências : MANAUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e
 — MACEIÓ.

ARTILHARIA MÓVEL DE COSTA NA DEFESA DE PRAIAS

Ten. Cel. Donald G. Kimball

Extraído do *Coast Artillery Journal* pelo Major
NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

A doutrina tática e os princípios fundamentais que regulam a defesa do litoral por fôrças de terra, são suficientemente explanadas nas publicações oficiais sobre o assunto. A exposição que se segue, baseada nesses princípios, trata do papel, na defesa costeira, atribuído à artilharia móvel de costa.

Nessa modalidade da defensiva, constitui necessidade primordial a ligação estreita e eficiente entre as fôrças terrestres, aéreas e navais. As duas últimas são incumbidas de assinalar em tempo, aos elementos situados em terra, a presença das fôrças inimigas. Os preliminares da resistência a uma invasão por mar ou pelo ar, incumbe às fôrças navais e aéreas, as quais têm a missão de impedir que o inimigo obtenha o controle das operações. Seja numa invasão de vulto, seja num simples rai de, nenhum êxito é alcançado sem a obtenção, mesmo temporária, da superioridade aérea e controle do mar. Quando essas duas condições são alcançadas pelo adversário, mesmo num curto lapso de tempo, todo o peso da defesa recai sobre as fôrças de terra que, então, precisam estar preparadas para cumprirem sua missão sosinhas. Em SALERNO, os alemães demonstraram extraordinária aptidão para uma forte organização de defesa de praia, sem o apoio de fôrças aéreas e navais.

Na guerra moderna, a execução de uma invasão importante exige o concurso de forças navais, aéreas e terrestres, in-

clusive tanques, artilharia, paraquedistas e infantaria do ar. Um simples raide, executado com o fim de obter informações, destruir organizações ou instalações, também exige o emprego de todos os tipos de forças, embora em menor escala. Em ambos os casos, a missão das forças terrestres se resume em derrotar o invasor.

O atacante tem a seu favor a possibilidade de escolher o tempo e o lugar do ataque, aproveitando-se de uma ocasião favorável para obter a surpresa.

Se a êsse fator, juntar sua superioridade numérica, seu poder e fogo e o concurso de fortes reservas, certamente obterá êxito em sua missão. Para diminuir o efeito desses elementos, o defensor aproveita os recursos oferecidos pela posição que ocupa, explorando o terreno e tirando o máximo partido da organização dêste. O preparo do terreno é essencialmente destinado a conter o ataque na praia ou em suas imediações, obrigando o inimigo a retroceder, mediante um emprego adequado de reservas da defesa.

A organização defensiva duma praia exige, para preencher suas finalidades, que contenha o seguinte :

- uma linha de postos avançados, compreendendo postos de vigilância, metralhadoras e fuzis metralhadoras, canhões anti-tanques, campo de minas e obstáculos;
- uma linha principal de resistência, fronteira à costa, organizada em profundidade e comportando fortes pontos de apoio e localização adequada de reservas;
- uma linha de deter, contendo reservas altamente móveis.

As tropas que ocupam estas posições, inclusive reservas móveis, são tropas de sub-setor e, em geral, pertencem organicamente à D.I..

Os elementos de artilharia de costa incumbidos de uma defesa de praia, são aí colocados em função de uma decisão do comando. Essa decisão, resultante de um cuidadoso estudo da

situação e dos quatro fatores básicos — missão, terreno, inimigo, meios — precisa ser tomada com bastante antecedência, afim de que os órgãos encarregados de cumprirem tão relevante tarefa, estejam prontos para isso tão logo surja o inimigo.

Conquanto a artilharia móvel de costa possa ser empregada para reforçar a defesa fixa de porto, isso escapa ao presente estudo, que cogita apenas do emprego dessa modalidade da arma na defesa de praias.

A missão geral da artilharia móvel de costa, quando incumbida da defesa de praia, consiste no seguinte :

- destruição ou neutralização dos navios de guerra inimigos que apoiam o desembarque;
- destruição dos navios transportes, impedindo-os, assim, de se aproximarem de terra;
- destruição dos meios suplementares utilizados para o desembarque (embarcações como botes, lanchas, etc.);
- bombardeios nas partes da praia em que o invasor consegue se aproximar;
- destruição ou neutralização dos elementos que lograram pôr o pé em terra.

Em última análise, o objetivo normal da artilharia móvel de costa empregada na defesa de praias, consiste em evitar que o inimigo ponha pé em terra. Todos os esforços são concentrados para êsse fim, sendo a ordem de urgência de designação dos objetivos baseada nessa premissa. Em certas fases da tomada de contato com o inimigo, a artilharia móvel de costa age isolada ou em conjunto com as forças aéreas e navais, uma vez que, nessas ocasiões, as demais forças terrestres não podem ainda tomar qualquer parte na ação. Os êxitos obtidos pelas forças da defesa nessa fase da invasão, acarretarão grandes benefícios para a continuação das demais fases. Podemos, a êsse respeito, citar um recente exemplo. A ação bem coordenada das forças defensoras americanas afundando abar-

rotados transportes nipônicos, que conduziam reforços para GUADALCANAL, abreviaram de muito as investidas japonesas naquela ilha.

Con quanto a missão geral de todas as fôrças terrestres seja a de cooperar na defesa de qualquer parte do território porventura ameaçado, estas fôrças não podem cumprir as emissões especiais atribuidas à artilharia de costa, especialmente equipada e preparada para esse gênero de missão.

Para cumprir perfeitamente essas missões, o armamento da artilharia de costa deve encontrar-se em posição e pronto para abrir fogo, tão logo os objetivos estejam dentro do alcance de seu material. Isso exige, portanto, que tipos apropriados de canhões móveis de costa sejam aparelhados para cobrirem áreas costeiras defensivas, favoráveis a desembarques, bem como as partes do território que possam ser bombardeadas pelos canhões das belonaves inimigas. Não sendo possível proteger todos os pontos do litoral, deve-se cuidar, em primeira urgência, dos mais importantes.

Todos os escalões existentes na cadeia tática de comando são previstos de acordo com as disposições dadas ao material existente e tendo em vista cada situação particular. Assim e que as fôrças empregadas na defesa de costa são organizadas em setores, sub-setores, quarteirões, etc. Um setor ou sub-setor pode conter uma ou mais de uma defesa de porto, estabelecida permanente ou temporariamente, para a proteção eficiente de determinados objetivos. A defesa de porto, por sua vez, abrange as praias e outros trechos do território adjacentes ao porto e que estejam dentro do alcance permitido pelo material aí empregado. Todo o comandante de setor ou sub-setor é o único responsável pelo emprego de todas as fôrças que constituem seu escalão de comando. A artilharia móvel de costa, por seu lado, é organizada em grupamentos, grupos e baterias, de acordo com as disponibilidades do material existente.

O tipo de material móvel de artilharia de costa mais indicado para a defesa de praias é o de 155 mm. Devido ao as-

pecto especial apresentado na defesa de praias, a organização da artilharia empregada nessas missões basea-se na consideração primária da escolha das posições, ao em vez da natureza do objetivo ou de calibre, como acontece usualmente na defesa de porto. Nenhuma cadeia distinta de comando é estabelecida tendo em vista coordenar a ação da artilharia de costa e a das outras modalidades da arma. Qualquer coordenação, que se torne necessário, é feita pelo comandante do setor ou sub-setor, em cuja zona de ação atue a artilharia e mediante entendimentos entre os chefes interessados.

As posições para a artilharia de costa são escolhidas e estudadas convenientemente pelo próprio pessoal da arma. O comandante de setor ou sub-setor determina a zona de procura para cada tipo de armamento, de acordo com a situação e os meios existentes. O comandante de grupamento ou grupo determina os locais de posições para suas unidades, dentro da zona. Em seguida, os comandantes de baterias determinam as posições exatas e instalações necessárias para cada espécie de material. Posições de tiro direto, colocadas além de 500 metros do litoral, não satisfazem. Essas posições essenciais para o caso II de pontaria, devem permitir a continuação do fogo, a despeito da interrupção das comunicações ou da falência dos P. O., em geral colocados mais longe. O armamento será removido para posições suficientemente afastadas, afim de protegê-lo dos tiros de bordo ajustados sobre a orla do litoral. As posições dos projetores são escolhidas de modo que elas obtenham não só o alcance máximo sobre as águas navegáveis, mas também iluminem as praias.

Para que o material empregado na defesa de costa possa ser bem instalado e se faça o melhor uso de seu alcance e potência, é necessário estabelecer a coordenação entre as zonas de ação dos canhões de costa e os de campanha. Normalmente, a melhor coordenação nesse sentido consiste em fixar, para o material propriamente de costa, as zonas correspondentes ao alcance máximo de seus canhões a partir de 4.000 metros da

linha do litoral. Dessa forma, as duas espécies de materiais embora agindo em conjunto, recebem missões mais consentâneas com suas possibilidades.

A escolha de posições exige também o estudo de fatores importantes, como sejam as questões de desenfiamento, disfarce, construções de rodovias ou linhas férreas, bem como os demais trabalhos relativos à organização do terreno. Se possível, serão aproveitadas as instalações já preparadas por outras forças de defesa já existentes no local, bem como serão previstas as regiões para dispersão dos elementos orgânicos às unidades de artilharia.

As seguintes condições devem ser rigorosamente obedecidas por qualquer unidade em posição de alerta na defesa do litoral.

- cada posição de bateria deve ser solidamente organizada, desde que o permitam as condições de tempo, de material e da situação tática;
- a presença de outras forças de defesa não exime o comandante da bateria de suas responsabilidades efetivas;
- para manter a integridade da posição, é levada ao máximo a utilização de trincheiras, obstáculos, minas e de todo o armamento automático existente;
- um forte sistema defensivo é estabelecido em profundidade e extendendo-se tão longe quanto possível;
- o armamento automático é utilizado para fazer o tiro contra objetivos do ar, terrestres e os elementos de desembarque que estejam ao alcance do material;
- posições "mudas" devem ser cuidadosamente preparadas e disfarçadas;
- postos de vigilância e patrulha móveis são estabelecidas adequadamente afim de colocar as posições ao abrigo da surpresa e sabotagem;

- são constituidas reservas móveis nas posições, para atenderem as partes suscetíveis aos golpes de mão ou pequenos raides;
- os canhões são mantidos em ação, enquanto os objetivos permanecerem em seus campos de tiro;
- o pessoal das baterias não deve ser afastado dela para agir em missões que não sejam propriamente de artilharia de costa, ainda que a defesa esteja seriamente ameaçada por forças inimigas que já tenham tomado pé em terra.

Além do serviço de informações estabelecido dentro das unidades de artilharia de costa, também são tomadas medidas para o recebimento e difusão de informações entre as unidades vizinhas, superiores e subordinadas. As ligações devem ser mantidas entre todas as unidades que cooperam na defesa, respeitados os diferentes escalões de comando.

Todas as unidades de artilharia de costa fazem parte de um conjunto, cuja vitória depende de cada elemento que o constitui e do auxílio que se prestam mutuamente.

O artilheiro de costa deve esforçar-se para que seu material permaneça atirando até o final da ação, quer se trate de combater um destroier ou transporte, quer se trate de uma operação de desembarque já efetuada. A organização defensiva da região atacada deve ser prevista tendo em vista a execução do tiro até o último momento.

Conquanto uma retirada tática de algumas centenas ou milhares de metros possa permitir à bateria continuar o combate na jornada seguinte, o artilheiro, no fragor da refrega, vive sempre sob um dilema: vencer ou perecer junto de seu material.

Nota do tradutor — O caso II de pontaria é uma variante utilizada nas baterias de artilharia de costa, em que as peças são apontadas diretamente em direção e indiretamente em altura. No caso I, ambas as pontarias (direção e altura) são diretas e, no caso III, elas são indiretas.

Campanha contra Acidentes no Trabalho

Nobilissima e humana campanha lançada pelo Ministro Marcondes Filho, contra acidentes no trabalho.

Idéia das mais humanas e precisas, a ela aderiram inúmeras empresas, que hoje, irmanam empregados e empregadores, todos decididos a cooperar com o governo do benemerito Presidente Getulio Vargas.

Ainda ha poucos dias, realizou-se a entrega dos premios às empresas vencedoras, as que mais se distinguiram no objetivo de evitar acidentes de trabalho.

A Companhia "Usinas Nacionais" conquistando o bronze "Décio Parreiras", apresentou-se em primeiro lugar, com o menor numero de acidentes registrados.

Falou em nome das empresas laureadas, o dr. Artur Moura, presidente das Usinas Nacionais, que tem como companheiros de direção os srs. Gil Metodio Maranhão e Nilo de Alvarenga. O orador, brilhante jornalista e ex-secretario do governo Agamenon Magalhães, disse da alegria que empolgava a quantos, colaborando com a politica trabalhista do preclaro presidente Vargas, mereciam aqueles premios que eram, em toda sua expressão, um traço de união entre os homens de governo e as organizações particulares, todos fiéis a um só pensamento: amparar o trabalhador brasileiro, outrora entregue aos azares da sorte e, hoje, graças à notável legislação trabalhista do Estado Nacional, contente com sua situação e identificado, plenamente, com seus patrões e com o Governo da Nação.

O discurso do diretor da Companhia Usinas Nacionais, pelo seu conteúdo e sinceridade, mereceu as mais ardorosas palmas, extensivas à grande empresa cujo interesse pelos seus auxiliares não se traduz nessa proteção, mas também, na premiação geral que, ao fim de cada ano, costuma fazer entre todos, desde o mais simples operário até ao mais credenciado auxiliar de escritório.

O Ministro Marcondes Filho encerrou a magnifica reunião pronunciando um dos seus magníficos discursos, ao final do qual exaltou a inteligência e a cooperação do trabalhador brasileiro, que muito tem concorrido para o êxito absoluto da humana e oportuna campanha.

Organização dos abrigos segundo o seu destino

Major PASTOR ALMEIDA

S u m á r i o

- I — Abrigos segundo o seu destino.
- II — Emprego tático dos vários tipos de abrigo.
- III — Propriedades táticas das diferentes categorias de abrigos.
 - Abrigos a céu aberto.
 - Abrigos em galeria de mina.
- IV — Localização e natureza dos abrigos nas diferentes posições e linhas.
 - Posição de postos avançados.
 - Posição de resistência.
- V — Tipos de abrigos em função de sua capacidade.
- VI — Organização tendo em vista o combate.
- VII — Organização tendo em vista a habitabilidade.
 - Proteção contra os gás.
 - Abrigos-filtros.
 - Abrigo com filtro vegetal.
 - Filtro exterior.
 - Filtro interior.
 - Tomada de ar.
 - Cuidados a tomar para a colocação e conservação dos filtros na terra.
 - Proteção contra a água.
- VIII — Conservação das obras.

I — Abrigos segundo o seu destino.

Nos artigos anteriores tivemos oportunidade de ver as diversas categorias de abrigos, segundo o seu modo de construção, tendo ocasião de estudar a sua organização, segundo o seu destino.

No estudo que vamos fazer admitiremos, suficientemente, conhecidas as disposições a atribuir a um abrigo, conforme se destine a:

- um abrigo para tropa;
- um posto de comando;
- posto de socorro;
- um observatório, posto de observação ou de espreita;
- uma casamata para metralhadora;
- um abrigo para munições.

II — *Emprego tático dos vários tipos de abrigos.*

A escolha do tipo de abrigo segundo o seu modo de construção e o material nele empregado, para satisfazer a uma mesma finalidade no combate, tem por fim conseguir a sua melhor adaptação, às condições que lhe são requeridas: proteção, dissimulação e habitabilidade.

São, portanto, fatores primordiais dessa escolha: a localização do abrigo (posição de postos avançados, linha principal de resistência, linha de apoio e linha de deter) e a sua capacidade (número de elementos que o devem ocupar) além da natureza do material disponível.

Encarados sob este aspecto, cada tipo de abrigo apresenta umas tantas propriedades táticas, recomendando o seu emprego nessa ou naquela situação.

III — *Propriedades táticas das diferentes categorias de abrigo.*

Abrigos a céu aberto.

Os abrigos à céu aberto não podem, em geral, ser executados nas proximidades do inimigo, devido a dificuldade de dissimular o trabalho, salvo os abrigos de pequenas dimensões (abrigos sob parapeito) e os que podem ser construídos em terrenos cobertos.

Além da dificuldade de dissimular a posição, propriamente dita, seria também difícil ocultar às vistas do inimigo, o transporte do material, geralmente, volumoso, que essa categoria de abrigo exige, pois, para abrigos da mesma capacidade, um abrigo a céu aberto necessita, de uma tonelagem de material, vinte vezes maior que um abrigo em galeria de mina.

O abrigo a céu aberto, geralmente, superficial, pode ser ativo ou passivo.

Quando ele é passivo, sendo estabelecido a uma profundidade menor, que o abrigo em galeria de mina, oferece aos seus ocupantes a vantagem de alcançar com facilidade e rapidamente os locais de combate.

O abrigo superficial a céu aberto, em regra geral, se impõe:

- para os abrigos ativos;

- para as frações de tropa que devem entrar, instantaneamente, em ação, isto é, para as tropas que se acham instaladas em primeiro escalão;
- quando o terreno é alagadiço e não permite aprofundar, suficientemente, o abrigo em galeria de mina.

A escolha dos diferentes tipos de abrigos à céu aberto é, muitas vezes, determinada pela possibilidade de procurar e transportar, ao pé da obra, os materiais necessários à sua construção.

Por esta razão se constrói, nos bosques ou nas suas proximidades, os tipos com estrutura de madeira roliça e nas localidades, quando se torna longo o transporte deste material, dá-se preferência aos concretados.

Nos abrigos ativos e, principalmente, nas casamatas para metralhadoras, cujo relevo, na maioria das vezes, é considerável, são empregados quando o terreno facilita a sua dissimulação: em taludes contravertentes, acidentes do solo, bosques, localidades ou locais ocultos às vistas.

Estão no mesmo caso, os observatórios protegidos, aos quais é preciso, em primeiro lugar, assegurar uma dissimulação perfeita.

O tempo necessário para a construção dos abrigos concretados e dos abrigos em galeria de mina, sendo bastante longo, conduz muitas vezes, atendendo a sua terminação ou utilização progressiva, a construir abrigo com estrutura de madeira ou com chapas de ferro ondulado, sob camadas de madeira ou trilhos, cuja realização é muito mais rápida.

Abrigos em galeria de mina.

A construção dos abrigos em galeria de mina é, relativamente, fácil de dissimular.

O numero de trabalhadores presentes, simultaneamente, sobre o canteiro é pouco elevado; a tonelagem de material necessário é, relativamente, pequena e o seu transporte pode ser escalonado, durante todo o tempo de duração da construção.

Os abrigos em galeria de mina oferecem a grande vantagem de serem utilizados nas suas diferentes fases de construção.

Com exceção de uma casamata, desembocando em uma escarpa abrupta ou em talude de corte de estrada, o abrigo em galeria de mina, é, em geral, passivo.

Para ter um elevado grau de resistência, o abrigo deve ser profundo, em consequência, exige um certo tempo para a saída dos elementos que o ocupam.

O uso dos abrigos em galeria de mina, na frente das posições, é contra-indicado, por esta razão.

IV — *Localização e natureza dos abrigos nas diferentes posições e linhas.*

Posição de postos avançados.

Os abrigos localizados nesta posição, salvo os destinados as reservas, que pôdem, as vezes, ser em galeria de mina, são abrigos superficiais e, em geral, ligeiros.

Os abrigos à prova não podem, comumente, ser construidos sobre uma posição de pôstos avançados, devido a proximidade do inimigo e da dificuldade de transportar os materiais necessários a sua construção.

Se, por exceção, decide-se construí-los, é necessário evitar, que possam ser utilizados pelo inimigo, no caso da perda da posição; neste caso, deve ser prevista a sua destruição com auxilio de explosivos.

Posição de resistência.

Todos os abrigos da posição de resistência devem, em princípio, ser a prova dos projéts da artilharia pesada inimiga.

Mas, considerando que estes abrigos são de construção demorada, de longa duração e devem ser utilizados progressivamente, é necessário sempre substituí-los, momentaneamente, por abrigos ligeiros.

Na zona da linha principal de resistência, os abrigos à prova são, em princípio, à céu aberto, de preferência concretados, permitindo uma ocupação rápida dos locais de combate.

Na zona da linha de apoio, pôde-se construir abrigos à prova em galeria de mina, mas, como esta linha pôde ser transformada, eventualmente, em linha principal de resistência, convém prever alguns abrigos concretados, para os órgãos mais importantes da defesa.

Na zona da linha de deter, os abrigos à prova são, quasi sempre, construidos em galeria de mina.

V — *Tipos de abrigo em função da sua capacidade.*

A capacidade dos abrigos deve ser considerada em função de sua proteção e de sua dissimulação.

Os abrigos ligeiros sob parapeito, simplesmente protegidos contra os estilhaços ou projéts de fraco calibre, construidos nas linhas avançadas, não devem conter mais que dois ou tres ocupantes.

Os abrigos com estrutura de madeira tosca ou em chapas de ferro ondulado, protegidos por uma camada de madeira róliça, são construidos, seja para meio grupo de combate seja para um grupo completo.

Os abrigos em galeria de mina têm uma capacidade que varia,

Assinantes - Atenção

A Assembléia Geral Ordinária realizada em 25 de Fevereiro p. p., deliberou que, a partir dessa data, sejam os seguintes os preços das assinaturas:

Associados da Cooperativa . . .	Cr\$ 30,00 — ano
Assinaturas renovadas	Cr\$ 45,00 — ano
Assinantes novos	Cr\$ 60,00 — ano

— X —

Leiam o Cap. II e o artigo 11.^o dos Estatutos da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intellectual “A DEFESA NACIONAL”, os quais foram publicados na Revista do mês de Setembro de 1943, e nos remetam a fórmula no verso deste, devidamente preenchida, para que possam auferir das vantagens do sistema cooperativista e tambem se constituirem como parte integrante de uma associação que edita a mais bem cuidada Revista sobre assuntos militares.

Não vacile, mande-nos sem demora a sua proposta.

Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual

"A DEFESA NACIONAL"



Proposta para Associado:

(Art. 13 do Cap. II)

Nome: -

Natural de

Cidade

Estado Civil

Data do Nascimento

Profissão Guarnição

Data:

Assinatura: -

(Firma reconhecida)

OBSERVAÇÕES: -

- a) Remeter 2 fotografias 3x4.
- b) Tabelião em que tem firma reconhecida, aqui no Rio, caso não possa reconhecer-la no local onde está servindo.
- c) A importância das QUOTAS-PARTES deverá ser remetida em vale po tal.

de um grupo, sobre a linha de apoio a um pelotão, mesmo uma companhia, sobre a linha de deter.

Os abrigos concretados são construídos com capacidade para um grupo sobre a linha principal.

Sobre as linhas menos avançadas, sua capacidade pode corresponder a um pelotão.

Emfim, os abrigos de maior capacidade não são admissíveis, senão sob a condição, que todas as precauções tenham sido tomadas, para evitar aos ocupantes a surpresa do ataque inimigo, para isso é necessário:

- serem afastados da frente;
- terem um dispositivo de espreita;
- terem saídas multiplas;
- prever a defesa das vias de acesso.

VI — Organização tendo em vista o combate.

Todo abrigo deve prestar-se:

- à organização do alarme (posto de espreita, fazendo corpo se possível, com o abrigo);
- à saída dos ocupantes antes que o inimigo tenha logrado atingir as entradas do abrigo (saídas numerosas e fáceis instalações de combate tão próximas, quanto possível, da posição de espera no interior do abrigo).
Esta condição é realizada, no seu mais alto gráu, nos abrigos ativos;
- à defesa própria, que pode ser:
- exterior (organização de traveses próximos, saídas em pleno campo, disfarçadas, para os contra-ataques);
- interior (defesa interior das entradas, escadas e galerias).

VII — Organização tendo em vista a habitabilidade.

Disposições que se devem tomar desde o inicio da construção de um abrigo:

- contra a invasão das águas de infiltração (poços e bombas especiais de evacuação) e contra as águas de chuva, que podem penetrar pelas entradas (soleiras elevadas, valetas, etc.);
- Para a ventilação natural (chaminés) ou, então, artificial (ventiladores);
- para a iluminação (elétrica, se possível).

Proteção contra os gases.

A proteção dos abrigos contra os gásés é realizada nas seguintes condições:

Abrigos-filtros.

Os abrigos-filtros são abrigos cuja provisão de ar interior, pôde ser renovada, por uma tomada do exterior.

O ar é aspirado por um ventilador e, antes de penetrar no abrigo, atravessa um filtro, que absorve ou neutraliza os gásés de combate.

O filtro é constituído por uma camada de terra vegetal ou por uma caixa filtrante.

Por outro lado, o ventilador cria, no interior do abrigo uma compressão, que impele para o exterior o ar viciado pela respiração e impede ao mesmo tempo a entrada do gás.

A organização dos abrigos-filtros é delicada e minuciosa; só deve ser empregada nos abrigos importantes e bastante longe do inimigo, para serem mantidas em perfeito estado de funcionamento.

Abrigos com filtro em terra vegetal.

A terra vegetal tem um notável poder de fixação para certos gáses nocivos, por exemplo: o cloro e os fosfogenio.

Uma terra é tanto mais eficaz quanto maior é o seu teor em materiais orgânicas, mas, uma terra pobre (2% de materiais orgânicas) possui ainda um certo poder de fixação, nadá despresivel.

As terras proprias para cereais e de hervas mirradas são mediocres, como filtros.

A terra com húmus e a do interior da mata são as melhores.

Utilizar sómente a terra que se acha ao nível das raizes.

O filtro deve ter, pelo menos:

- 2 metros quadrados de superficie e 0m.35 de espessura, si fôr constituído com terra muito rica, contendo, pelo menos 10% de materiais orgânicas e de 20 à 40% de humidade;
- 4 metros quadrados de superficie e 0m.50 de espessura si fôr constituído com terras pobres, 2 à 4% de materiais orgânicas.

O débito do ventilador, ligado ao filtro, não deve ultrapassar a capacidade de absorção do mesmo; nessas condições, manter este débito sensivelmente inferior a nove litros por minuto e por decímetro quadrado de superficie filtrante, quando a terra vegetal é muito rica.

Para um filtro de quatro metros quadrados de superfície, o débito do ventilador deve ser de $3,0^3 600$, por minuto.

O filtro pôde ser colocado no exterior ou no interior do abrigo. Os filtros colocados no interior dos abrigos são melhor protegidos.

Filtro exterior.

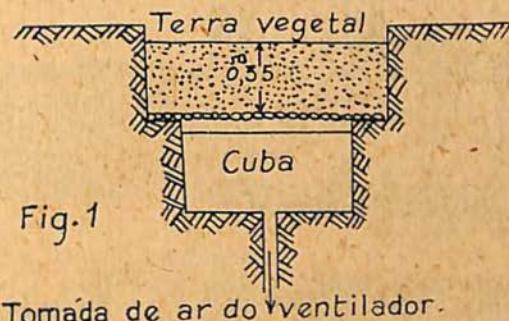


Fig. 1

Filtro exterior. (fig. 1).

O filtro exterior compõe-se de um fosso de 0m.70 à 0m.80 de profundidade e com a superfície determinada pelas considerações anteriores.

O fosso é excavado no sólo nas proximidades do abrigo e posto em comunicação com este por intermédio de uma canalização subterrânea de 4 à 6 decímetros quadrados de seção.

Na parte média se faz um assoalho, com caniçadas ou fachinas sobre ele coloca-se a camada de terra vegetal, ocupando toda a superfície do fosso e comprimida com os pés, principalmente, nas bordas.

A espessura da camada de terra vegetal é de 0m.35.

O ventilador será instalado na extremidade da canalização, que parte da cuba.

Filtro interior.

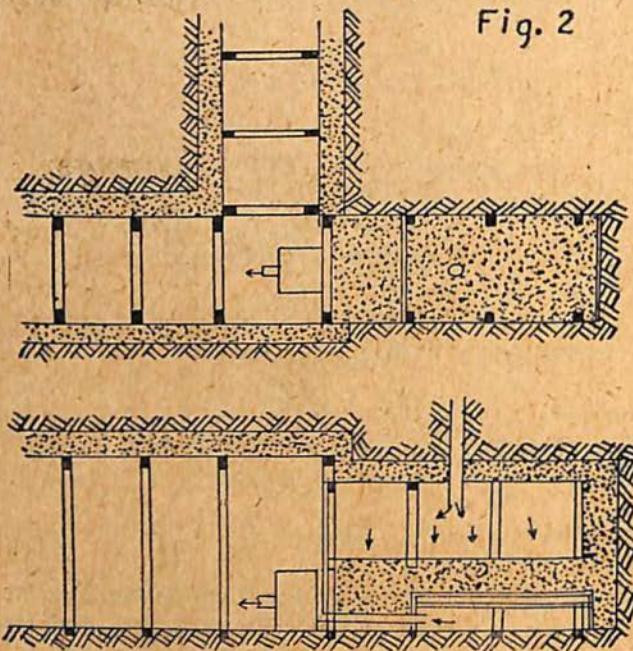
A figura 2 representa um filtro instalado em um elemento especial de galeria, no mesmo nível que o sólo de um abrigo em galeria de mina, sendo o ar aspirado do exterior por meio de uma chaminé.

Pôde-se, igualmente, construir de modo semelhante, um filtro interior, em um abrigo betonado.

Tomada de ar. — A tomada de ar é constituída por uma chaminé, vertical ou inclinada, de acordo com as condições locais.

Filtro interior.

Fig. 2



A chaminé poderá ser em tubo de ferro ou em madeira, porém, perfeitamente aderente ao terreno, para evitar as infiltrações de gás.

Ha vantagem em desembocar esta chaminé em um ponto elevado do terreno, onde o teor de gás é, geralmente, menos elevado, ou melhor, desembocar junto de um tronco de arvore, colocando o cano no seu prolongamento e perfeitamente ligado ao mesmo.

Por este processo assegura-se o seu disfarce e proteção.

Cuidados a tomar para a colocação e conservação dos filtros na terra.

Proteger o filtro com uma camada de terra e não utilizar paredes de madeira ou metal.

Peneirar a terra para retirar todos os detritos vegetais ou pedras grandes, que poderiam determinar uma fissura no filtro.

Não se deve utilizar a terra depois de uma chuva abundante.

Verificar se a massa de terra, que constitui as paredes do filtro, está, suficientemente, homogênea e não contém no interior pedaços de

madeira, raízes grossas, etc, ao longo das quais se poderiam produzir fugas.

Perver uma proteção do filtro contra as águas de enxurrada, que o poderiam danificar.

Tomar precauções contra os orifícios cavados por animais diversos, por exemplo: minhocas, ratos, etc.

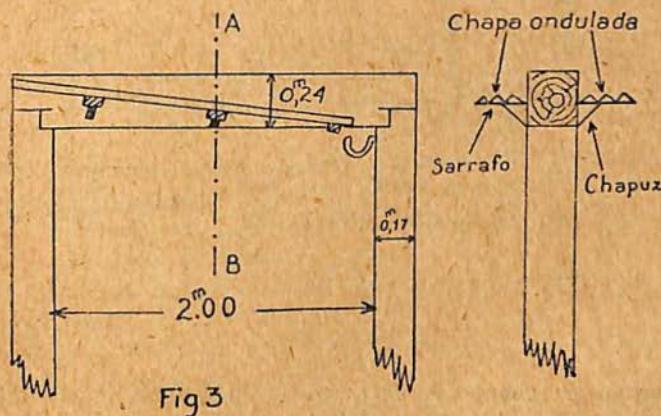
Substituir a terra do filtro, após cada ataque pelo gás.

Proteção contra a agua.

A drenagem dos abrigos merece atenção especial.

Para impedir a infiltração da água nos abrigos, estabelece-se, no momento da construção, no aterro, se se trata de um abrigo em escavação a céu aberto, ou sobre o solo natural, se se trata de um abrigo em galeria de mina, uma cobertura, ligeiramente inclinada, de papelão alcatroado, pixado ou de zinco ondulado.

Para assegurar a evacuação das águas de infiltração ou de condensação, fazem-se desde a terminação do abrigo, instalações especiais cujo tipo pode variar conforme o dispositivo do abrigo, e os materiais disponíveis.



Por exemplo:

Praticam-se sobre cada vertical da verga dois entalhes a serrote de 1 centímetro de profundidade com inclinação de 1/10, aproximadamente, segundo o comprimento da verga e, ligeiramente, inclinados para o alto, como mostra a figura 3.

Prendem-se, nessas ranhuras, folhas de zinco, onduladas e leves, calefetadas com barbante.

Uma calha longitudinal recebe as águas e as conduz para o poço, colocado na extremidade de uma das descidas.

O poço é coberto por uma grade e esgotado por meio de bomba ou balde.

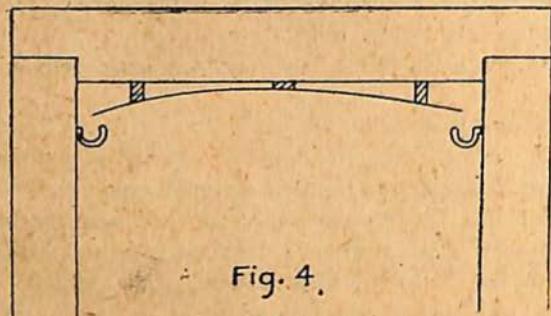


Fig. 4.

Fixam-se as chapas sobre a verga, no caso da figura 4, arqueando-as ligeiramente, afim de escoarem as águas, para duas calhas longitudinais, presas às ombreiras.

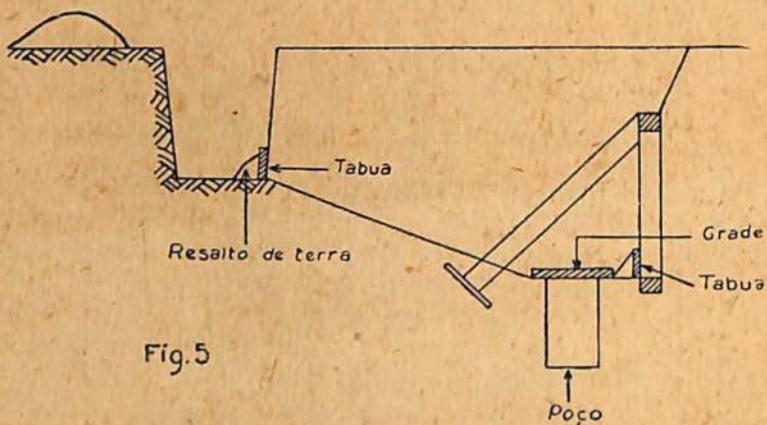


Fig. 5

Os abrigos de chapas de ferro ou de folhas de zinco onduladas, quando dotadas de folhas de cumieira, estão a coberto das infiltrações.

Afim de impedir, que as águas coletadas pelas trincheiras ou comunicações enterradas penetrem nos abrigos:

- cria-se na origem da normal anexa, que conduz à entrada do abrigo, um resalto de terra de 20 centímetros de altura, mantido por uma tabua colocada atravessada (fig. 5);
- instala-se na entrada um poço coberto por uma grade e faz-se, no primeiro caixilho, um resalto análogo ao descrito acima.

O enxugo dos abrigos cuja ocupação não deva ser permanente e construídos em terreno pouco permeável exige precauções especiais:

- si possível, escoamento natural das águas por uma entrada ou um ramal com inclinação para o exterior;
- visitas frequentes e evacuação artificial das águas.

A necessidade destas medidas para a conservação dos abrigos pode influir na escolha dos locais para os mesmos.

VIII — *Conservação das obras.*

A boa conservação das obras de uma frente organizada é de grande importância, porque interessa ao mesmo tempo o valor militar das posições e a conservação dos efetivos empenhados no combate.

Causas de estragos das obras.

As causas principais de estragos das obras são:

- as intempéries (chuvas, geadas, etc.);
- o bombardeio;
- o desgaste normal, devido ao uso e ao emprego de materiais pouco duráveis;
- a vegetação.

- a) — **Intempéries.** — Os taludes das comunicações enterradas esboroam-se sob o empuxo das terras humidas ou sob a ação da água, que se estagna no fundo da escavação.

Para diminuir a importância dos trabalhos correspondentes de conservação, é preciso:

- manter os taludes com declives suaves ou revestí-los;
- evacuar as águas.

Os trabalhos de conservação das estradas e caminhos merecerão carinho especial.

Os abrigos devem ser garantidos contra as águas exteriores e contra as águas de infiltração.

- b) — **Bombardeio.** — Os estragos ocasionados pelo bombardeio são reduzidos, ao mínimo, por uma boa concepção da organização e uma boa execução técnica das obras.

Os efeitos sobre as comunicações e as redes de arame são, entretanto, consideráveis; as reparações devem ser feitas à medida que forem necessárias, sem se esperar que o tempo ou as intempéries aumentem as avarias.

- c) — Desgaste. — O desgaste que chega ao ponto de necessitar reparações só se faz sentir nas comunicações de circulação intensa.
- d) — A vegetação. — Os estragos causados pela vegetação são originados pelas raízes de algumas espécies de vegetais, que resecam as terras e as desagregam.

Regras gerais para a conservação.

As regras essenciais à observar são as seguintes:

- organização da vigilância;
- repartição nítida das missões (delimitação precisa das zonas de conservação);
- continuidade nos trabalhos de conservação;
- previdencia no momento da construção (revestimento, evacuação das águas, etc.);
- ação do comando em todos os planos de conjunto (plano de evacuação das águas);
- especialização da mão de obra nos diversos trabalhos.

Numa posição desocupada, os trabalhos de conservação são, relativamente, pouco importantes se as comunicações enterradas foram sómente traçadas e iniciadas, se os abrigos foram bem construídos, se a evacuação das águas foi judiciosamente preparada e se a vigilância foi organizada em tempo útil.

“COBRAZIL”

COMPANHIA DE MINERAÇÃO E METALURGIA “BRAZIL”

Engenheiros Construtores

Representantes exclusivos dos produtos industriais da
Westinghouse Electric International Co., de New York

Av. Almirante Barroso, 81-10°

Tel. 42-8150

RIO DE JANEIRO

A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano

I — MISSÃO E MEIOS

Capitão *TASSO DE AQUINO*

Identificação e localização das forças inimigas, determinação dos flancos e pontos fracos no seu dispositivo, bem como localização de suas reservas, constituem o papel da Cavalaria na Guerra.

Ela tem hoje, como teve no passado, e terá no futuro, por missão principal: Reconhecimento.

Para cumprir esta missão, é ela muitas vezes levada a combater.

O combate da Cavalaria Mecanizada apresenta as mesmas características do da Cavalaria a Cavalo:

- mobilidade explorada ao máximo;
- ataque lançado de surpresa, violento e coordenado, contra os flancos e pontos fracos do inimigo.

O objectivo é abrir uma brecha no dispositivo inimigo, através da qual se infiltrarão os reconhecimentos.

A iniciativa do combate não deve ser perdida nunca, e o contáto rompido na ocasião oportuna. Uma Unidade de Cavalaria que se engaja em combate de maneira a perder a iniciativa das operações e a possibilidade de desaferramento, é uma Unidade que fracassou no cumprimento da missão.

Além da missão de reconhecimento, à Cavalaria Mecanizada poderá ser dada a incumbência de proteção a um flanco

descoberto no dispositivo amigo, e, quando as forças antagonicas estão suficientemente proximas não mais se justificando sua presença na frente, será mantida em reserva, para futuro emprego, de acordo com o desenrolar do combate:

- tapar uma brecha aberta no dispositivo amigo,
- infiltrar-se pela brecha aberta no dispositivo inimigo,
- persuadir o inimigo em aproveitamento do êxito,
- cobrir o retraimento da tropa amiga, em caso de insucesso.

Estas as missões que a Cavalaria Mecanizada está habilitada a desempenhar na Guerra, pelas suas características:

- mobilidade
- potência de choque
- potencia de fogo.

Características que são função, respectivamente, da velocidade e mobilidade, em todos os terrenos, dos carros de que dispõe, da armadura de que são providos os seus carros de choque, e do armamento de que é dotada.

A eficiencia da Cavalaria Mecanizada no cumprimento de suas missões normais é função do grão de instrução técnica e tática dos seus soldados, graduados e oficiais, bem como do cuidado dispensado aos veículos, armamento e meios de transmissão.

A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano está organizada, equipada e os seus elementos instruídos para cumprir as missões apontadas ácima.

Elá constitui o elemento de reconhecimento das Grandes Unidades, sendo organizada em "Troop", "Squadron" e "Battalion". Essas Unidades correspondem respectivamente ao nosso Esq., R. C. I. e R. C. D.

Cada D. I. tem como elemento de reconhecimento um "Reconnaissance Troop", constituida de três pelotões de três "team", um destacamento de ligação e um pelotão extra; o

“Reconnaissance Squadron”, organizado em Três “Reconnaissance Troop”, uma “Light Tank Company” e um “Assault Gun Troop” (Esq. de Obuzeiros), é o elemento de reconhecimento da D. C., enquanto que o “Reconnaissance Battalion” constituído de quatro “Reconnaissance Troop”, uma “Light Tank Company” e um “Assault Gun Troop” é o elemento de reconhecimento da “Armored Division” (Divisão Blindada). Reconhecimentos para Corpos de Exército ou escalão superior são feitos por Grupos de Cavalaria Mecanizada, que são organizados em dois ou mais “Reconnaissance Squadron”.

Essas Unidades de reconhecimento estão equipadas com veículos, armamento e meios de transmissões necessários para o cumprimento da missão.

Veículos — De grande velocidade e mobilidade em todos os terrenos, possuindo, os de choque, couraça contra a qual são impotentes as armas ante-pessoal individual e automaticas.

Esses veículos são o “Jeep”, o “Armored Car” (veículos de reconhecimento) e os tanques léves (veículos de choque e de apoio).

Armamento — As Unidades de Reconhecimento possuem grande potencia de fogo, dada pelas armas automaticas contra pessoal, morteiros, armas ante tanque e ante-aérea e obuzeiros, de que são largamente dotadas.

Essas armas são Mtr. 30 léve, Mtr. 50 (ante-aérea), Mort. 60mm. canhão ante-tanque 37mm e obuzeiro 75mm.

As guarnições dos carros são armadas de fuzil, mosquete ou “sub machine gun”.

Meios de Transmissão — O radio é o principal meio de transmissão. Os carros são dotados de aparelhos de curto e longo alcance, para ligação entre os elementos da Unidade de reconhecimento e transmissão das informações para o Q. G. da G. U.

Washington, Abril de 1944.

OS TRABALHOS NA CASA DE MAUÁ EM 1943

O ano de 1943 marcou uma fase de atividade intensa para a Associação Comercial do Rio de Janeiro, brilhantemente presidida pelo sr. João Daudt de Oliveira. Além de fundar o Instituto de Economia e inaugurar seu Departamento Cultural, a Casa de Mauá realizou ainda, entre outros, os seguintes trabalhos:

Reorganizou seu Departamento Jurídico-Fiscal.

Lançou o movimento de expansão associativa, para que cada município do Brasil tenha sua Associação Comercial, filiada à Federação Estadual, que, por sua vez, irá figurar na Confederação Nacional das Associações Comerciais.

Acolheu, em sua sede, a III Conferência Inter-Americana das Associações de Comércio e Produção.

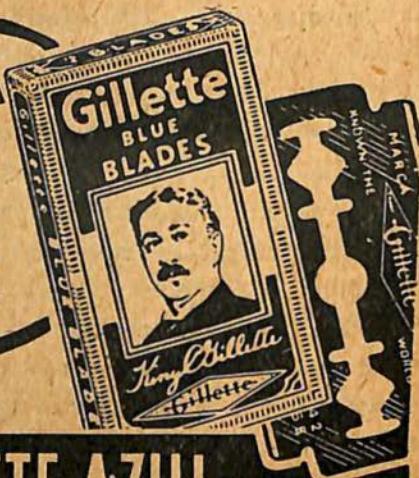
Colaborou nos estudos sobre arbitramento comercial.

Promoveu o Congresso Brasileiro de Economia, realizado no Palácio do Comércio e que reuniu as figuras mais expressivas da economia nacional, delegados das associações de classe, economistas e técnicos, planificando as diretrizes ideais recomendáveis para o pleno desenvolvimento da economia brasileira.

Foram êsses, entre outros, os acontecimentos centrais do ano que passou, na tradicional entidade representativa do nosso comércio, dentro do seu esforço permanente e construtivo para servir ao Brasil, erguendo bem alto o nome da sua classe e honrando suas tradições seculares.

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem sómente quem
se veste com apuro. Ela
depende, sobretudo, da barba
bem escanhoadas, o que só se
consegue com a insuperável
lamina Gillette Azul.



Lamina GILLETTE AZUL

249

A Química nas Ações de Guerra

Os presentes estudos e informações são dedicados ao Exmo. Snr. General Comandante, demais oficiais, e praças da 1.^a D. I. E..

MAJOR ALFREDO FAUROUX MERCIER

INTRODUÇÃO E GENERALIDADES:

I

Desde quando o engenho humano começou a empregar a Química com intutitos agressivos ou defensivos?

De nossa parte, julgamos que ao se uzarem archotes de madeira resinosa e outros materiais de facil combustão, que uma vez catapultados ou arremessados por outro meio qualquer causariam incendios e produziriam também nuvens de fumo, começou-se a fazer Guerra Química.

Mais tarde, com o advento da polvora negra, pois, os chineses e arabes, como precursores no partido tirado da mistura de salitre, enxofre e carvão, fizeram produzir modificações profundas nos átos de guerra, deu-se inicio às pesquisas para melhor aproveitar a energia potencial tão avaramente retida pela Química; surgiram as cargas de projeção usadas nos canhões de alma arremessando projéteis não explosivos, criou-se a guerra de minas e com ela ruiram fortificações que até então, desafiavam altivamente quaisquer ataques.

Por muitos séculos a Humanidade deixou-se embalar ouvindo o ribombar das bombardas e de outros armamentos cujo valor era de pouca monta quanto à agressividade; continuavam no entanto, as investigações químicas e no decurso do XIXº século, surgem as polvoras sem fumaça e aparecem outros explosivos tais como: — a nitrocelulose, a nitroglicerina, a dinamite, a turpinita, e outros propelentes que permitiram o aumento do alcance das armas de arremesso, a adoção do armamento de retrocarga e a criação de projéteis explosivos.

Desde o princípio do século atual a Físico-Química procurou meios para libertar as Nações, do monópolio do salitre que pelas divisões políticas estabelecidas na crosta terrestre, tem cabido acidentalmente, a alguns povos. Como sabemos, era só do salitre que a indústria quí-

mica extraía o azoto indispensavel à fabricação de qualquer polvora ou explosivo mas, atualmente, o pesadelo de certas Nações passou, pois ha vários processos para haurir da atmosfera que de maneira alguma é monopolizável, qualquer quantidade de azoto.

Hoje a química de pôlvoras e explosivos nos fornece produtos quasi que ideais: — trotol, fulminato de mercúrio, pentil, herogênio, amatol, schneiderita, nitrato de amoneo, pôlvoras de base dupla, chedite, melinite, etc. e até, um explosivo que pode usar como matéria prima a nossa mandioca — “o nitroamido”.

II

Deixando as pôlvoras e explosivos vamos, a princípio de um modo geral e depois com mais insistência, ver como age a Química noutras ações de guerra — este o nosso escopo. Quando se fala em “Guerra Química” é comum pensar-se somente, na guerra de gases; lembramos no entanto, que há muitos produtos químicos usados para: provocar incêndios, produzirem-se cortinas de fumo, uzam-se fogos para iluminar campos de batalha, há substâncias empregadas em aparelhos próprios para lançar chamas, hoje comuns e uma infinidade de artifícios que a pirotécnica atual esconde para o emprego oportuno e adequado.

Quanto á chamada “Guerra de gás”, devemos observar que as substâncias não só se apresentam em

estado gazoso	óxido de carbono
	gás de clóro
	fosgenio

como tambem em

estado líquido	cloropicrina	L
	palita	
	superpalita	
	iperitá	
	bromacetona	
	brometo de benzila	
	lewisitas	
	etc.	
	primaria	
	secundaria	

e até em

estado sólido {

cloracetofenona
difenilclorarsina
difenilcianarsina
etc.

quanto a este último, o estado sólido, e para mostrar do que são capazes essas "poeiras" lembramos que:—um quarto de miligrama (1/4mm³) de difenilcianarsina torna um metro cúbico (1m³) de ar irrespirável (produzem-se efeitos esternutatórios), o que é considerável quando observamos que o homem em ação utiliza, em média, 3.000 litros de ar por hora.

III

Pessoal de guerra Química da Divisão de Infantaria.

Perfeitamente côncio deste assunto, o Alto Comando de nossa 1^a. D. I. E., determinou e fez ressaltar a necessidade de:

- a) — proceder-se a instrução intensiva da tropa em relação a tudo o que é relativo á guerra química;
- b) estudarem-se meios e planos para proteção;
- c) — promover-se a manutenção em dia e em completa ordem de material de guerra química de cada unidade;

declarou mais: — "Os Comandantes de Unidades são responsáveis pela proteção contra ataques químicos e incendiários, dos elementos sob seu comando".

e também: — "Os oficiais de guerra químicas de Unidade incorporada ou Sub-Unidade, são responsáveis perante os Comandantes respectivos, em relação a todos os assuntos concernentes á guerra química nas Unidades e Sub-Unidades a que pertencem".

Para o bem desempenho dessas finalidades, houve a designação de pessoal para, na Divisão, tornar exequíveis as medidas previstas, assim, transcrevemos a seguir o quadro constante das Instruções e relativo ao Pessoal de Guerra Química da Divisão.

Haverá, pois, em cada Unidade, um oficial de guerra química com o qual manterão estreita ligação os oficiais de guerra química das Sub-Unidades (um por Sub-Unidade); cada um desses oficiais terá dois sargentos auxiliares de guerra química, um dos quais chefiará a "turma de descontaminação", a qual deverá existir em cada Sub-Unidade (1 cabo e 8 soldados).

Quaisquer observações e reconhecimentos sobre operações químicas serão condensadas em informações químicas que deverão chegar às instâncias superiores, passando: — do oficial de guerra química da Sub-Unidade para o do Batalhão ou Grupo, daí para o Regimento, e finalmente, para o Oficial de guerra química da Divisão.

As informações químicas deverão ser também, simultaneamente, transmitidas pelos canais normais, à 2.^a Secção do E. M. da Divisão. Temos assim, idéia de como se articula, na Divisão, o respectivo pessoal de guerra química, o qual deverá ser designado a critério do respectivo Comandante de Unidade e acumulará suas funções na guerra química, com aquelas que, normalmente, já vier exercendo.

IV

Alguns agentes químicos: — propriedades, classificações, emprego tático, identificação, meios de defesa, descontaminação.

O emprego oportuno e inteligente da Química na guerra, mostra as indiscutíveis vantagens advindas do "Princípio da economia de forças", do qual não se podem olvidar os grandes Chefes; assim é, desde que se consideram os esforços obtidos com a força expansiva dos gás (armas de arremesso, destruições com explosivos, etc.) até quando a surpresa tira partido também dos agentes químicos, desorganizando ofensivas, retardando-as e até anulando-as pelas desmoralização completa dos atacantes.

Obtem-se grandes efeitos quando se age com surpresa e para isto, devem-se abandonar complicados planos de guerra química, fazendo-se sobretudo, o que for simples e prático; a Tática e a Técnica dirão onde, como e quando fazer uso dos agentes químicos.

Como tivemos ocasião de salientar, só como a instrução intensiva em tudo o que concerne à Guerra Química, visando-se a coordenação cuidadosa entre os que fazem uso dos meios químicos, serão controlados, disciplinados os animos, evitados efeitos contraproducentes não se causando males às próprias forças amigas, pois, como é sabido, certos projéteis e altos explosivos tem efeitos de pouca duração, quasi que instantâneos e numa área relativamente pequena, ao passo que os agentes químicos, além de fazerem sentir seus efeitos em áreas consideráveis podem causar panico entre os não amadurecidamente prepa-

rados para enfrentá-los, e teem ação mortifera duradoura (horas, dias e até anos).

Agentes incendiários: — empregam-se substâncias de fácil combustão afim de destruir reabastecimentos inimigos, equipamentos e instalações, queimando-as; lançadas com projetores, por meio de granadas e ejetores de avião, podem provocar a queima de matas, edifícios, armazéns de reabastecimentos, embarcações, depósitos de combustíveis, etc.

Esses verdadeiros projéteis incendiários podem ser constituídos de *Sódio* que se inflama ao contato da água e uma mistura de parafina e petróleo, que serve para propagar o incêndio.

Empregam-se também: a termita, o magnésio, o fosforo branco e óleo incendiário.

A termita é mistura de óxido de ferro e alumínio pulverizado com uma escorva apropriada, produzindo-se assim, elevações de temperatura a mais de 2.000° C.

Há misturas especiais de termita e vários aglutinantes para evitar a separação de seus componentes, como por exemplo a *daisita* — mistura de termita com aglutinante de enxofre; é preciso cuidado com os jatos d'água sobre esse fogo para não espalhá-lo generalizando-o.

O magnésio, produzindo intensa luminosidade, também produz elevada temperatura. Cuidado! devem-se evitar jatos d'água sobre o fogo de magnésio pois, poderá haver uma explosão.

O fosforo branco, é também, muito usado em bombas incendiárias que se fragmentando em numerosos estilhaços após a queda, multiplicam os fócos incendiários.

Oleos incendiários, são muitas vezes misturados com pequenos fragmentos de sódio metálico para evitar que o fogo seja facilmente extinto pela água; os jatos d'água tendem a espalhar o óleo inflamado em vez de apagar o fogo.

Substâncias fumígenas: — muitas vantagens são conseguidas com o mascaramento, com os fogos de cegar, etc., obtidos com substâncias capazes de produzir fumaças cujas colorações previstas servem até para identificação de forças amigas ou inimigas. Deixando os processos primitivos para se produzirem nuvens muito semelhantes às cerrações naturais (queima de: — madeira umedecida, de cascas de árvores, de óleo crú, etc.), entraremos logo na apreciação de agentes elaborados com os conhecimentos químicos atuais assim, nos projéteis de artilharia e de aviação podem se usar certos líquidos que reagem com a umidade, tais como: o *tetracloreto de titânio*; *uma solução de trióxido de enxofre em ácido clorossulfônico*; o *fosforo branco*, o qual queima em combinação com o oxigênio do ar; *um metal e um óxido metálico com um hidrocarboneto clorado*, formando cloretos metálicos higroscópicos.

O valor das fumaças é aquilatado pela sua *força obscurecente total*; convencionou-se até que a "cortina padrão" fosse a que apresentasse densidade tal, que em 30 metros de profundidade, obscurecesse por completo uma lampada de 25 velas.

Conforme as indicações e necessidades táticas empregam-se fumaças de varias cores (negras, brancas, azues, etc.).

Experiencia tem mostrado que o êxito alcançado pelos tiros das forças amigas, é maior quando o inimigo se acha envolvido nas nuvens de fumo (12% de êxito), ao passo que si as forças amigas estiverem sob essas nuvens, o rendimento baixa (3% de êxito); além disso, envolto nas nuvens de fumo, o inimigo fica desorientado e cego por assim dizer, pois não poderá observar seus tiros, não poderá fazer pontaria, ficará impossibilitado de manobrar seus carros de combate e outros veículos.

FINALIDADE DO EMPREGO DAS FUMAÇAS:

- 1) — impedir a observação inimiga;
- 2 — reduzir a eficácia dos tiros inimigos;
- 3) — dificultar e causar confusão nas manobras inimigas;

Ofensivamente, é vantajoso o emprego de fumigenos com as seguintes intenções:

- a) — cobrir o avanço duma tropa atacante;
- b) — proteger o flanco de forças atacantes;
- c) — cegar a observação inimiga e suas zonas de defesa;
- d) — iludir o inimigo quanto ao local e direção do ataque;
- e) — encobrir o movimento de tropas nas posições amigas;
- f) — mascarar a travessia dum curso d'agua ou um desembarque de forças.

Na defensiva, a ação química fumígena permite:

I — o êxito nas retiradas de tropas expostas ao fogo e observação do inimigo;

II — encobrir mudanças de dispositivos nas linhas amigas;

III — apoiar contra-ataques;

IV — cegar postos de observação inimigos;

V — encobrir aos ataques aereos, instalações em zonas de reaguarda.

Ha também que considerar-se condições metereologicas e topográficas para o emprego oportuno e satisfatório de fumigenos; assim, entre as condições favoraveis apontam-se:— céu, fortemente encoberto; horas matutinas e da noite; superficies pouco accidentadas e praticamente horizontais; direção favoravel dos ventos de volicidade constante

entre 3 a 12 milhas horarias; destruição dos agentes fumígenos pela absorção hidrolizante.

Meios de lançamento de fumígenos: — todas as armas podem ser dotadas de meios de lançamento; assim, ha os chamados meios de lançamento locais (aqueles que podem produzir o fumo nos proprios locais onde estão colocados), ha os projeteis de pequeno alcance (granadas de mão, granadas anti-carro produzindo fumo e incendios), ha os projéteis de medio e longo alcance (bombas-morteiro, artilharia), e finalmente o material de lançamento aereo.

V

GUERRA DE GÁSES

Tratemos finalmente, da chamada guerra de gases (já vimos que os agentes químicos uzados tanto se apresentam em estado gasoso, líquido, como sólido, isto é, sob aspecto de pó extremamente fino). Diremos então, com Héderer e Istin: — “Chamaremos gás de combate toda substancia química, utilizavel em combate, que possa ferir ou matar os seres vivos, misturada à atmosfera que os envolve e que eles respiram, ou que contaminem os objetos que lhes possa tocar o corpo”. Inumeras são as condições especiais, as consequencias e as dificuldades no emprego tático dessas substancias; urge, no entetanto, que se as conheçam, notadamente as de ação muito energica tais como as arsinas, a iperita, as lewisitas, etc.

Alem disso, podem-se efetuar destruições de depositos, de reabastecimentos, de agua, usinas eletricas, pontes, abrigos, interditar vias de comunicações, com a associação de bombas químicas, incendiárias e explosivas em series seguidas ou conjuntamente.

Entre as arsinas vesicantes, as lewisitas, cujos efeitos não chegaram a ser observados no homem, são tidas como de grande valor agressivo, são elas: a lewisita primaria, de todas a mais vesicante, a secundaria que é irritante e a terciaria, principalmente, esternutatoria; é possivel o emprego da *lewisita técnica*, mescla das tres lewisitas e que aproveita as propriedades dos tres tipos. O General FRIES, referindo-se a lewisita, disse tratar-se de “um misterioso orvalho da noite perfumado de gerânio.”

A *iperita*, líquido oleoso, de viscosidade próxima a da glicerina, com cheiro de alho, líquido pouco volatil de modo que a contaminação por este meio é de grande duração, donde o perigo de usarem roupas e objetos que tenham sido atacados por ele. Tem-se a impressão de que os males causados são contagiosos, em virtude das fracas propriedades denunciadoras, o que exige a inutilização de tudo o que for suspeito de haver sido contaminado, às tropas ficam, por assim dizer sob

a ação de epidemias tóxicas retardadas. Pouco soluvel náqua, a ipérita é no entanto soluvel na maior parte dos dissolventes orgânicos e se decompõe por hidrolise muito lentamente a frio e mais rapidamente a quente, com a água em ebulação, formando ácido clorídrico (caustico) e tioldiglicol (pouco tóxico); daí se conclue que deve ser evitada a desinfecção de objetos e lugares, com água quente.

Para transformá-la em compostos fisiologicamente inativos podem empregar-se permanganato, cloreto de cal, etc.

Classificações: — a consideração de certas propriedades químicas, físicas, modo de ação no organismo, resistência aos agentes atmosféricos, grau de persistência após o emprego, tem levado os estudiosos do assunto a propor várias classificações; interessa-nos porém, o grau de capacidade militar do produto e sua eficiência como meio de combate. Somos assim, levados a repetir as seguintes classificações táticas: uma levando em conta os resultados obtidos em combate, compreendendo agentes:

- a) — *causadores de baixas*, — capazes de concentrações mortíferas;
- b) — *não letais*, — capazes de ações irritantes;
- c) — *inquietantes*, — os que obrigam a certas precauções, diminuindo o poder combativo da tropa; outra classificação também tática, separando dois tipos:
 - 1.º — agentes persistentes;
 - 2.º — agentes não persistentes.

Os persistentes, agentes sólidos ou líquidos, dispersam-se caindo sob forma de nuvem pesada e se evaporam muito lentamente, o que, taticamente, faz com que apresentem melhor atuação; entre estes há os agentes de agressividade imediata (brometo de benzila, cloropicrina, bromacetona, etc), e os de agressividade retardada (ipérita, lewisita, etc), estes manifestam suas propriedades agressivas após certo espaço de tempo, não paralizando logo a ação do adversário, mas também não lhe fornecendo informes imediatos para a proteção.

Os não persistentes, agentes gasosos, formando nuvens e agentes sólidos que se dispersam em partículas finíssimas, ultramicroscópicas, formando fumaças. Militarmente, são de ação rápida, misturadas com o ar em movimento, suas ondas causam pânico e até pavor as tropas não instruídas suficientemente quando colhidas de surpresa. O quadro a seguir condensa alguns gases de combate, informando sobre o modo de utilização e propriedades físicas e fisiológicas:

GASES DE COMBATE

Nome	Identificação física.	Grau de persistência.	Males causados ao corpo humano. tóxico.	Modo de emprego
LORO	Gás, amarelo esverdeado, odor especial.	Desaparece rapidamente.	Sufocante	Ondas
ROMO	Líquido vermelho escuro.	Idem	Idem	Projéteis
ROROPRINA	Líquido incolor.	Perisistência 2 a 4 horas.	Sufocante, lacrimogêneo, tóxico.	Idem
OSGENIO	Gás incolor odor desagradável.	Dilue-se rapidamente, sensível a humidade.	Sufocante, muito atóxico	Ondas e Projéteis
ALITA	Líquido incolor,	Idem	Sufocante, tóxico e lacrimogêneo.	Projéteis
ERITA	Líquido incolor, cheiro de alho.	Grau de persistência.	Vesicante, sufocante e lacrimogêneo.	Idem
ROMACEONA	Líquido	Muito persistente	Lacrimogêneo e sufocante.	Idem
LORACEFEMONA	Sólido (poeiras)	Idem	Lacrimogêneo	Idem
ROMETO BEMZI	Líquido aromático de agradável odor incolor.	Idem	Idem	Idem
FENILORASINA	Sólido cristalino	Pouco persistente	Vesicante e esternutatório.	Idem
FENICRSINA	Sólido, odor de ácido cianídrico.	Idem	Idem	Idem
WISITAMARIA	Líquido, odor de gerânio.	Fracamente volátil	Esternutatório, irritante, lacrimogêneo e vesicante	Idem
WISITACUNDA	Idem	Idem	Irritante e vesicante.	Idem
WISITARCIARIA	Idem	Idem	Esternutatório, pouco vesicante.	Idem
CIDOCIADRICO	Líquido incolor, odor de amendoas amargas.	Fraca persistência	Muito tóxico	Idem

Observações a considerar no emprego de agentes químicos: — Tendo em vista as ações devastadoras cobridoras e incendiárias dos agentes químicos é preciso cuidado no modo de emprego, muita atenção quanto às finalidades a atingir, etc.; quando o objetivo deve ser ocupado por tropas amigas, não se devem empregar agentes de grande persistência. As condições meteorológicas devem ser levadas muito em conta, do contrário o emprego de agentes químicos pode transformar-se em "arma de dois gumes". Tanto nas ações ofensivas como nas defensivas nunca serão desrespeitáveis as particularidades apresentadas pelo terreno.

A velocidade e direção dos ventos só não será levada muito em conta quando os agentes são lançados pela artilharia, morteiros ou aviação. A temperatura pode criar correntes ascendentes de ar e diluir ou desvia os agentes químicos de suas finalidades, assim as altas temperaturas no verão devem contraindicar o emprego de gases; por causa da tendência do ar refrescar durante a noite e soprar nos vales e depressões, estes logares devem ser evitados quanto à permanência de tropas aí, pois, poderão conter perigosas concentrações de agentes tóxicos.

Um dia nublado, é favorável ao lançamento de gases, visto que a pouca mobilidade do ar deixa as camadas de gases rastejarem a pouco altura do solo. Finalmente a observação da pressão atmosférica, deve ser levada em conta, uma vez que o local de emprego pode transformar-se num centro de baixa pressão e haverá movimentos turbilhonares no ar, causando-se, assim, males aos amigos e aos inimigos.

Influencia Topográfica: — a observação tem mostrado que os bosques, mato alto, edifícios, retardam o movimento das ondas de gases, tornando-as assim, mais persistentes; nas cáravas, valas profundas, nas concavidades os gases permanecem muito mais tempo. Alguns gases de combate sendo mais pesados que o ar, tendem a fluir pelas reentrâncias, dobras dos terrenos, vales, deixando as elevações livres, daí o ensinamento: — Sempre que possível, evitar estacionamentos nesses logares. Por tudo que acabamos de ver, aqui também, a surpresa é fator essencial para a consecução de objetivos visados.

Meios de lançamentos: — Ocasões há em que se torna necessário forçar evacuações de certos setores usando-se para isso, grandes concentrações de vesicantes, fazem-se tiros de contra-bateria, enjaulamento, interdição de caminhos, desfiladeiros, etc.; há pois, necessidade do emprego de material diverso para as várias modalidades de lançamento e usam-se: granadas, tubos, minas, cilindros, projetores, morteiros, projeteis de artilharia, bombas de avião, tanques químicos para aviões, foguetes químicos, lança chamas.

Proteção: — como só acontecer, para cada modalidade de agressivo apresentado, a vontade de subsistir e o instinto de conservação,

avivam a perspicacia e inteligência do homem, de modo que sempre aparecem agentes capazes de neutralizar os efeitos das celebres armas secretas, desde que estas deixam de sê-lo. Surgiram pois, inúmeros meios de proteção individuais e coletivos.

Na proteção individual, há os aparelhos isolantes autoprotetores, tendas, valises, sacos, vestuários e as máscaras; para os combatentes, estas últimas constituem verdadeiros salva-vidas para as ondas gasosas e por isso, devem cuidar de suas máscaras, do mesmo modo que os navegantes vêem os salva-vidas nas travessias marítimas e nas viagens aéreas, olham seus paraquedas.

As Nações criaram seus tipos de máscaras e entre nós também é conhecido o tipo de máscara brasileira, já bem evoluído e capaz de proporcionar segura proteção aos que dele tiverem que lançar mão. A proteção coletiva, consiste primordialmente: nos abrigos de campanha cuja construção pertence à tropa de engenharia (abrigos ventilados e não ventilados), só levaremos em conta, os abrigos ventilados por oferecerem a possibilidade de permanecendo dos homens em número proporcional ao cubo de ar e permitirem fácil circulação do pessoal; na construção de abrigos particulares ou públicos, e no conjunto de ações para a defesa passiva bem organizada e disciplinada (alarme, dispersão de populações, distribuição de máscaras, neutralização de tóxicos, socorros aos atingidos). Não se podendo chegar a um tipo ideal de máscara, para conciliar questões de financiamentos e rendimento máximo neutralizante, tem-se usado o tipo capaz de nas condições regulares de conforto, agir como neutralizante polivalente. A eficiência da máscara é função: — 1) da proteção contra todos os agentes químicos usados nas operações de guerra; 2) da confecção, reparação e manejo faceis; 3) do conforto; 4) da leveza; 5) do não prejuízo à visibilidade; 6) de não afetar muito a respiração; do preço e da duração. Na simplicidade de suas cinco partes (máscara propriamente, tambor filtrante, traquéia, bolsa e acessórios) a máscara nacional atende bem às condições acima.

Descontaminação — muitas vezes o homem acha-se atingido pelos agressivos químicos, sem no entanto ter percebido e o processo de intoxicação vai se agravando, de modo que é necessário que todos tenham bem presentes os meios de identificação, os meios de neutralização e desinfecção; daí as vantagens da indicação de elementos que, no combate, sejam capazes de tomar iniciativas (pessoal de guerra química), e: — indicar em que momentos se devem praticar as medidas de proteção (uso da máscara, desinfecção, ventilação) capazes de verificar o estado dos aprovisionamentos, dos materiais suspeitos de contaminação; — de orientar tanto quanto possível os Comandos sobre o produto agressivo empregado pelo inimigo. Há como auxiliares para

constatação da presença de agressivos, aparelhos detetores, processos físico-químicos, reativos e reação químicas. Meios práticos de deteção foram usados utilizando animais (deteção fisiológica), tais como; pássaros, cães, ratos brancos, pombos, etc.

As regiões que sofreram bombardeios com agressivos químicos persistentes (ipérita, lewisita, etc.) devem ser descontaminadas para tornar possível a vida nesses locais.

O primeiro cuidado consiste na demarcação das áreas contaminadas e depois usam-se, conforme o caso, as substâncias: — terra, areia, cinzas, água, fogo, cloreto de cal, sulfato de sódio, certos dissolventes (gasolina, benzina), solução de carbonato de sódio.

As peças de vestuário, o material de equipamento e armamento que não poder ser descontaminado por meios seguros, deve ser substituído.

Há aparelhos empregados para a desinfecção e descontaminação (pulverizadores, foles, ventiladores, carros empregado na descontaminação, deve usar máscaras, vestimentas especiais, luvas, calçado, aparelhos isolantes, etc.

Trincheiras e abrigos de campanha, que não puderem ser abandonados devem sofrer a pulverização de solução de cal e aeração abundante quando possível.

Roupas suspeitas de contaminação devem ser trocadas, pois a sua conservação é contraindicada sob todos os aspectos.

Ao terminar estes estudos e informações, devemos lembrar que, a displicência, a falta de instrução especializada e mesmo, o desrespeito dos preparativos contra esses meios de guerra química, poderão trazer consequências danosas, uma vez que nosso inimigo atual é extremamente ardiloso e, quem sabe, no desespero de causa poderá dizer: "Una salus victimis, nulla sperare salutem", isto é, a única salvação para os vencidos é, salvação nenhuma esperar; e assim, usará de toda a sua perversidade e atingirá o ápice da devastação da Humanidade.

EMPRESTIMOS

Para liberação de hipotecas onerosas ou aquisição da casa própria. Pagamentos a longo prazo, pela Tabela Price, com juros modestos, sem comissões de qualquer natureza.

Informações sem compromisso

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO
S. A. do Crédito Real

Rua do Ouvidor n. 90 - 1º. andar — Rio de Janeiro

A doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940

Heitor A. Herrera, Capitão.

Em sua obra clássica — “Les transformations de la guerre” — COLIN documenta fartamente as suas conclusões a respeito da causa fundamental das transformações da fisionomia dos combates, das batalhas e do próprio conjunto das operações: o aperfeiçoamento das armas, a evolução dos meios materiais postos em jôgo no combate — sempre decidiram, através dos séculos, a sorte dos partidos em luta. E se outras causas concorreram para o maior ou menor sucesso dos cabos de guerra — aquelas sempre dominaram.

Vale a pena registrar, a propósito, a tese defendida pelo Cel. L. ROUSSUET (“Os mestres da guerra”), segundo a qual a constituição política e social das nações deva ser a causa principal de sua superioridade militar. Se na época em que que foi escrita a obra de COLIN — 1911 — já seu ponto de vista encontrava forte apôio nos fatos, cremos que a atual campanha mundial veio dar-lhe foros de axioma ou, pelo menos, reduzir a de seu opositor às proporções de um erro de apreciação. Os sucessos iniciais da Alemanha nazista, a vigorosa reação das Repúblicas Soviéticas, a capacidade de resistência da democracia inglesa, a extraordinária mobilização bélica da democracia norte-americana — todo êsse panorama confuso do atual conflito permite concluir que, em que pese à superioridade de uma forma de governo sobre outra, tem sido a preponderância industrial, gerando a preponderância do armamento, a responsável comum pelos sucessos dêste ou daquele partido.

Entretanto, se tal superioridade sempre desempenhou papel tão decisivo — como explicar que uma nação como a francesa, espicaçada pela vizinhança incômoda da rival sedenta de desforra, levasse sua imperdoável cegueira ao ponto de permitir que a superioridade material inimiga pudesse culminar nas vitórias espetaculares da “blitzkrieg”? Como compreender que os sucessores de NAPOLEÃO adormecessem à sombra da Maginot, numa concepção de guerra que deveria levar, fatalmente, à hecatombe que nos estarreceu a todos?

A resposta é ainda COLIN quem a dá: “E’ o patriotismo — à primeira vista parecendo exercer uma influência insignificante sobre o sucesso — que, em última análise, domina tudo. E’ êle que constitui e anima os exércitos, instrui os quadros, faz surgir os chefes. Quando êle começa a extinguir-se em uma Nação, esta não tem mais do que a aparência da força militar, mantendo, apenas, uma fachada mais ou menos brilhante, que ruirá ao primeiro choque”. Palavras proféticas que — teria COLIN sentido os sintomas da desagregação? — trinta anos mais tarde iriam explicar a fraqueza da produção, as semanas de 40 horas, o armamento antiquado e reduzido, o apêgo a processos obsoletos — numa palavra, a dolorosa hecatombe da França.

O ASPECTO INTELECTUAL

Deixando de lado o papel decisivo que a superioridade material exerceu nos sucessos iniciais dos alemães — analisemos, mais de perto, o aspecto intelectual do problema. Em outros termos, procuremos as causas desta afirmativa do Cmt. F. O. MIKSCHE em seu discutido livro “A Guerra Relâmpago”:

“Por outro lado, se os franceses possuissem a superioridade material, as suas ideias antiquadas impedi-los-iam de alcançar qualquer êxito. Tôda a gente pode ver que êles não alcançariam Berlim tão depressa como os alemães alcançaram Paris”.

Se examinarmos, mesmo com os dados insuficientes que possuímos, as principais campanhas da presente guerra, verificamos, de pronto, a aplicação integral dos princípios que, desde NAPOLEÃO, constituíram o arcabouço da doutrina francesa. Apenas, como a guerra é “a barbárie multiplicada pela ciência”, novos meios e novos processos surgiram, desde a colaboração inestimável da propaganda, solapando o moral adversário — até o brusco progresso que os paraquedistas, os blindados e o avião introduziram nos princípios da surpresa e da oportunidade da ação.

Tal raciocínio permite concluir que a doutrina de guerra francesa, calcada em verdades tão verificadas, deveria orientar seus processos de ação segundo o ritmo acelerado que os novos meios impõem à conduta das operações.

Entretanto, a leitura atenta dos regulamentos e tratadistas franceses deixa perceber uma certa tibieza na aplicação dos princípios, uma prudência não raro exagerada nas prescrições regulamentares e até mesmo um certo conformismo ante a confessada inferioridade material, que transparece a cada passo, mesmo entre os mestres mais acatados.

A razão desta espécie de complexo de inferioridade talvez se encontre na própria objetividade que lhes orientava os estudos militares: “Nous ne préparons pas la guerre d'une façon abstraite; nous préparons spécialement une guerre, la guerre sur le théâtre du nord-est avec l'armée française contre le plus probable de nos adversaires éventuels: l'almée allemande.” (Général ALTMAYER — “Études de Tactique Générale”, pág. 32).

A rivalidade secular, a ameaça constante sobre a fronteira oriental, o perigo de toda hora, embuçado na outra margem do Reno — tudo isso, ao mesmo passo em que erigiu, penosamente, a linha Maginot, transmitiu aos textos dos regulamentos o reflexo do poderio latente do inimigo certo: “Par suite, il est probable que nos adversaires au début d'une campagne auraient sur notre armée la priorité des opérations” (Gen.

ALTMAYER, op. cit., pag. 33). Daí, aquela dose de prudência, aquela preocupação de segurança, da corrida para o obstáculo, que extravasam nos capítulos referentes à ofensiva.

Examinando, por exemplo, as missões de uma vanguarda, previstas no último regulamento francês para a infantaria, lá encontramos:

- reconhecer detalhadamente o terreno;
- interceptar qualquer comunicação entre a zona de progressão e o inimigo;
- constituir, no momento aceso, uma frente defensiva, ao abrigo da qual o chefe disporá livremente do grosso de suas forças;
- identificar as zonas gaseadas ou infectadas;
- desembaraçar e reparar sumariamente as estradas.

Falta aí — a observação ouvimo-la do então Maj. TAMOIO — a missão precípua de uma vanguarda animada de intenção verdadeiramente ofensiva: repelir o inimigo.

O mesmo espírito se encontra no “Curso de Tática Geral”, professado na “École Supérieure de Guerre” pelo Cmt. CURNIER; na análise do fator *terreno*, da decisão de um Cmt. de D. I. em marcha de aproximação, recomenda o autor que, logo após o estudo das facilidades de circulação, se devem verificar as possibilidades de proteção contra engenhos blindados, concluindo pela “recherche systématique des coupures...”; sã após, é recomendado o estudo das possibilidades eventuais (sic) do combate.

Em uma conferência do Gen. NOEL, dissertando sobre a “tomada de contacto”, assim se expressa o ilustre chefe: — “Contra adversário em posição, a cavalaria e as vanguardas vêm tomar contacto sucessivamente no mesmo ponto. Contra adversário em movimento, ao contrário, a cavalaria é recalçada e reflui sobre as vanguardas”. Transparece, nítida, na afirmativa, a premissa de ser a segurança afastada do inimigo *necessariamente* mais forte.

Ainda na obra já citada do Gen. ALTMAYER, encontramos, explicitamente, esta conclusão: "Plus que jamais", (a frase foi escrita em 1937) "la mission des échelons de combat, pour les détachements de sûreté et notamment pour les avant-gardes, comporte la couverture, souvent de préférence à l'attaque..." (pag. 406).

As citações poderiam alongar-se, mas cremos que é lícito concluir, ante textos tão claros, de autoridades tão reconhecidas, que as ideias dominantes encerram um fundo nitidamente defensivo. Em outras palavras: que a superioridade material do inimigo provável gerou a preocupação de aparar os golpes, ao invés de desferí-los; criou a mentalidade da procura sistemática dos obstáculos, para manter-lhes a posse, tirar partido deles, como tentou, inútil e desesperadamente, aquêle infeliz IX Exército do Gen. CORAP, em maio de 1940, na linha do Mosa, enquanto as "panzer" rolavam através das Ardenas, num fragor de avalanches. *Os reflexos da guerra de 14-18.*

Independente da influência que a reconhecida superioridade material do inimigo deve ter exercido sobre a mentalidade dos chefes, é muito provável que, como querem alguns, a forma geral da guerra de 14-18 tenha deixado, no espírito dos combatentes, reflexos falsos.

Em verdade, salvo movimentos de acanhada envergadura, a guerra se resumiu, para os franceses, em 4 anos de estabilização.

Além de ter sido apanhado de surpresa, como em 1940, pela manobra envolvente do adversário, estava o exército francês em uma fase aguda de evolução.

Na 3.^a Sec. do Estado Maior do Exército, o Cel. GRAND-MAISON abriu luta contra o que prescrevia o regulamento de 1895, sobre a conduta do combate; uma febre de ofensiva "à outrance" agitava os quadros superiores. Nesta altura, a guerra estalara e o espírito do novo regulamento — ainda pouco difundido — apenas pôde esboçar-se na malograda ofensiva de leste. Vieram, então, as penosas manobras em retirada, até o

“on ne passe pas”; depois, a simultânea corrida para o mar, na tentativa inútil do desbordamento; finalmente, o retorno ofensivo, mas já então dentro de um ambiente acanhado, consequente da longa fase de estabilização. A manobra apenas era possível no domínio da estratégia; taticamente, o problema se resumia em duros ataques frontais, partindo de posições que, havia quase 4 anos, se defrontavam.

Tôda aquela engrémagem complicada — aproximação, tomada de contacto, engajamento e ataque — que faz do combate ofensivo a forma mais difícil das operações táticas, ficou resumida na custosa reunião de meios, atrás da frente constituída, e no ataque de ruptura frontal. O trabalho inicial da cavalaria, ousadamente lançada em exploração; o papel das vanguardas, na penosa marcha contra um inimigo que mal se sabe quem é e onde está; a ação do Chefe, desdobrando seus meios para ser o mais rápido e o mais forte; tôda essa movimentada série de operações, onde a superioridade intelectual se afirma e as virtudes guerreiras mais duramente se aprimoram — mal teve oportunidade de esboçar-se, no cenário monótono da luta parada; subindo mais de escalão, o aspecto dinâmico é igualmente sem expressão, pois que as manobras de ala estavam irremediavelmente condenadas a priori, pela ausência de flancos.

A sistemática repetição das ações de ataque, partindo de uma linha estabilizada, deveria fatalmente crear reflexos que não se podem ajustar às outras formas de combate ofensivo. E' como se — ressalvada a vulgaridade da comparação — um saltador se exercitasse, exclusivamente, no salto sem impulsão. Faltará ao atleta, como faltou às ações, o elemento *velocidade* que, aliado à *massa*, daria origem à *quantidade de movimento*. Daí, o perigo em generalizar conclusões que, verdadeiras para um determinado caso, podem conduzir a resultados funestos, dêsde que aplicadas fora do ambiente particular que as propiciou.

Um exemplo que nos parece frisante, a respeito, está numa relação que a experiência da guerra de trincheiras sobejamen-

te ratificou: "um ataque tem sua profundidade limitada a uma distância praticamente igual à metade da frente atacada"; surgiram, daí, as célebres bôlsas em semi-círculo, tão comuns na guerra passada.

Que esta relação fosse verdadeira para os meios da época — é fora de dúvida. Também tempo houve em que a *aproximação* começava à vista do inimigo, dada a falta de meios com que hostilizá-lo de mais longe; posteriormente, a artilharia afastou o limite inicial da fase para 5 Km., logo aumentado, numa progressão ininterrupta, até que a aviação, destruindo violentamente a noção clássica da *segurança*, encurralasse as marchas de etapa dentro dos períodos de tensão política.

Com a célebre relação entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria, ainda uma vez, confirmar a inanidade das fórmulas em ciência tão complexa. A realidade é que, antes do advento da moto-mecanização, o apoio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa, onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia, fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com o consequente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar, para que o ataque fosse retomado.

Amarrado, assim, a uma base parada, expondo flancos que se tornavam, com a progressão, cada vez mais extensos — o ataque partia com um limite fixado a priori. Mas os tempos mudaram e a velocidade voltou a imperar, como na época da epopéia napoleônica. Era necessário, pois que o fogo continuasse, com a mesma intensidade, a apoiar e proteger o escalão de ataque. E o canhão e a metralhadora passaram a rolar, então, dentro dos próprios engenhos blindados, confirmado, agora integralmente, o velho aforismo: "o ataque é o fogo que avança."

Entretanto, os reflexos ainda reagiam. Ao anoitecer de 13 de maio de 1940, a cabeça de ponte dos nazistas, no Mosa,

tem 10 Km. de profundidade e alcança Mézières. Adivinha-se a derrocada, iminente, irremediável. Mas na tarde de 14, o Conselho Supremo de Guerra Aliado, reunido em Parisouve, de seus peritos, a informação tranquilizadora: a bolsa alemã não poderia aprofundar-se muito, pois que, com a linha Maginot de um lado e, de outro, a praça de Namur, mantida firmemente, estava o ataque estrangulado em largura, reduzido a uma frente de 50 milhas...

O resultado passou à história com o nome de Dunkerque — tranquilo pôrto a 300 quilômetros da linha Maginot — antes que o mês de maio findasse.

CONCLUSÃO

Antigos e constantes admiradores da França eterna, do fulgor de seus genios e do clarão de epopéia de seu passado; familiarizados com a elegância e clareza de seu espírito, que iluminou o mundo durante séculos; estudiosos de suas obras, que nos orientaram e esclareceram; discípulos de sua doutrina de guerra, que nos veio através da palavra de seus militares mais ilustres — todos nós assistimos, estarrecidos, à queda do ídolo. Na confusão da hecatombe, ofuscados pelo esplendor, pela potência, pelo “savoir faire” do adversário, uma onda de descrença nos invadiu: todo um sistema laboriosamente arquitetado ruia num fragor de arcabouço solapado.

Passada, porém, a estupefação das primeiras notícias e estudados, com vagar, os elementos que nortearam o emprêgo da formidável máquina nazista — foi-se acentuando a convicção de que tudo se resumiria na aplicação metódica, com meios poderosos, dos velhos princípios que o genio napoleônico codificara, há mais de um século, nos campos de batalha de toda a Europa.

Hoje, como outrora, quando os veteranos do Exército da Itália ganhavam batalhas com as pernas — a velocidade permanece soberana, mantendo-se inalterável o princípio da sur-

presa. "Il faut préférer la foudre au canon toutes les fois qu'on le peut", aconselhava o Mestre.

Igualmente imutável, o princípio da concentração dos meios e dos esforços reafirmava-se em todos os pontos: "La première de toutes les règles est d'être le plus fort", pois que "la victoire est surtout une affaire de force".

E através de todos os outros, do princípio da segurança ao da economia de fôrças, chegamos à constatação do mais flagrante de todos: "Só a ofensiva conduz à vitória".

Infelizmente, da teoria à prática há mais de um passo. E a arte e a ciência da guerra são instrumentos da política, sua própria continuação por outros meios, como afirmava CLAUSEWITZ. Deste modo, as origens da preparação bélica de um povo são, em última análise, consequência do espírito que o anima, em que pese à sabedoria de sua doutrina militar.

"Há causas gerais — escrevia MONTESQUIEU no século XVIII — que agem sobre cada monarquia, a elevam, mantêm ou precipitam. Todos os acidentes são submetidos a causas, e se a eventualidade de uma batalha, isto é, uma causa particular, arruina um Estado — é que havia uma causa geral que fez com que este Estado devêsse perecer em uma única batalha".

E é depois de citá-lo, que COLIN conclui, melancolicamente: "MONTESQUIEU não revela o nome desta causa geral, mas nós a conhecemos: é o declínio do sentimento nacional."

REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.º andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL
que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

Soldados Brasileiros na Europa

871

O Tenente-Coronel LIMA FIGUEIREDO, antigo colaborador de "O Estado de S. Paulo", publicou naquele grande orgão da imprensa bandeirante o seguinte artigo :

A paz esplendida que ha de surgir após essa guerra nefanda e selvagem, como um arrebol rutilante, depois de período longo de trevas, será a aleluia dos povos oprimidos, das nações pisoteadas pela bota do invasor que só utilizou as belezas da civilização do século para fazer sofrer a humanidade.

O Brasil que já vinha contribuindo de mil fórmas, ora fornecendo matérias primas indispensáveis à industria bélica, ora permitindo que no seu território os aliados encontrassem bases seguras para bem desenvolverem seus planos estratégicos, resolreu enviar a fina flor do seu exército, a nossa mocidade, para lutar com desassombro e denodo contra o inimigo comum, provando que seu ideal humano não fica conserto às nossas lindes fronteiriças.

Os soldados que enviamos para a Italia honrarão, certamente, as tradições da nossa Pátria. Têm como comandante o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, homem concentrado, pouco comunicativo, inteligente, de vontade firme e devotado, exclusivamente, às lides da caserna, aos problemas da profissão, desde os postos mais baixos. Foi excelente tenente, magnífico capitão, seguro comandante, e tudo indica, pelo seu passado, que será um chefe, um condutor de homens, à altura da elevada e espinhosa missão que lhe foi confiada.

Seus oficiais, instruídos à luz da doutrina que herdamos da Missão Militar Francesa, foram, quase todos, aperfeiçoados

no proveitoso estágio que realizaram nos Estados Unidos da América.

As praças, representando uma parcela do povo brasileiro, têm todos os caracteristicos desse mesmo povo: alegre e folgazão fora do perigo, mas bravo, enérgico e impetuoso, quando sente a honra da pátria ofendida. Serão capazes de pelejar por longo tempo, desprezando qualquer conforto e desafiando mesmo a própria fome, se as circunstâncias da luta assim o exigirem. As páginas já escritas da nossa história são a prova de que o nosso soldado jamais faltou ao Brasil, fossem quais fossem as vicissitudes por que tivessem de passar, nos momentos históricos de provação da nossa nacionalidade.

Os dotes morais do nosso povo foram, através de sólida instrução cívica, impregnados na nossa tropa que sabe, perfeitamente, a sua incumbência de vingar os nossos patrícios miseravelmente naufragados em águas brasileiras e de contribuir, com galhardia e valor, para a mais rápida vitória dos que se batem pela causa da liberdade. E' dupla a missão, uma é exclusivamente nossa, mas se acha contida na outra mais grandiosa que diz respeito à felicidade geral dos habitantes do planeta. Obtida a vitória, a preço do nosso sangue, teremos cumprido o nosso dever para com as vítimas dos submarinos nazi-fascistas.

O preparo físico e profissional da soldadesca foi apuradíssimo. Fisicamente foi preparada segundo os novos métodos americanos, nos quais o combatente moderno aprende a marchar, saltar, transpor aramados, nuvens de fumaça, campos minados etc., acostumando-se aos ruidos e estampidos dos campos de batalha. Quanto á parte do emprêgo do armamento, foi adestrada, cuidadosamente, com material moderníssimo. Assim sendo, a nossa tropa está preparada moral, física e profissionalmente, como qualquer outra dos exércitos das grandes potências aliadas.

Podemos confiar nos nossos soldados, êles estão em condições de honrar o Brasil, fazendo os nossos inimigos pagar

caro a humilhação a que submeteram a nossa Bandeira. Tudo nos diz que farta será a obtenção de louros, porquanto os chefes são hábeis, a oficialidade culta, as praças fortes e ousadas e o material de primeiríssima ordem.

Em breve teremos a confirmação de tudo que foi dito, com a entrada dos brasileiros no "front" italiano.

E' esta a segunda vez que saem tropas regulares do Brasil para combaterem fora do continente. A primeira foi levada a efeito a 12 de maio de 1648. Os holandeses, como haviam feito no Brasil, estabeleceram-se em Angola e de lá não queriam sair. D. João VI ordena uma expedição contra os bátavos, a ser organizada no Rio de Janeiro, sob o comando do impávido Salvador Correia de Sá que, com onze naus, navega para a África e a 12 de agosto põe o invasor em cheque. Loanda é ocupada e toda a colônia fica livre dos invasores.

Já naquele tempo foi sentida a necessidade de lançar-se mão de tropas da beira ocidental do Atlântico para ir em socorro do seu litoral oriental, se bem que a viagem de transposição do Atlântico durasse três meses. Agora, que o espaço marítimo entre Natal e Dacar, com mil e seiscentas milhas náuticas, fez o oceano metamorfosear-se em estreito, mercê da velocidade das possantes aeronaves que o cruzam em sete horas, mais do que nunca houve a premência de garantir-se as duas costas do Atlântico Sul e, enquanto Dacar não se tornou aliada, grandes foram as apreensões do povo do continente de Colombo.

Os soldados do Brasil agora, como os de outrora, cruzaram o mar imenso, guiados por Deus e, como venceram no século XVII, rapidamente, saberão, ombro a ombro, com seus irmãos na causa santa, derrotar os novos hunos que fizeram parar o progresso da civilização, tisnando a face do homem dêste século.

Comece

a sua noite
à meia noite, no

“MEIA NOITE”

o
sensacional
“night-club”
do

Cassino

Copacabana

S. Francisco - Arauto do Grande Rei

(4 de Out.)



PATRONO DA ENGENHARIA

Gen. Silveira de Melo

Situação da Itália e da cristandade. — S. Francisco veio ao mundo, em Assis, quando descambava o século XII. A Itália dêsses tempos vivia dilacerada pelos dinastas alemães, de sangue bárbaro, os quais, sem ter conta da cultura que hauriam nas suas universidades, depre davam e saqueavam por vezes as suas cidades, ciosas da própria autonomia e dos brios de seus maiores. Levas de estudantes livres e de clérigos transalpinos, andejos e desenfreados, a pretexto de estudarem a arte e a ciência, traziam consigo para a Itália a boemia e o ridículo. Era o alienígena que transpunha os Alpes e se mesclava à escória de jograis e de religiosos, desregrados, que faziam o descrédito da fé na própria terra credenciada pelo sangue de Pedro como séde da cristandade. O partidarismo girava menos em torno de idéias que de magnatas ou facções, e atingia este contrassenso: os próprios católicos, submissos quanto à fé, dissentiam politicamente do Papa. Dava testemunho disso à intransigência em que se degladiavam os “guelfos” e “gibelinos”, não sendo de estranhar que, em seu tempo, o próprio Dante — homem de fé — se houvesse alistado entre os segundos, adversários políticos da Santa Sé. Essa agitação nos espíritos e essa desordem nas idéias abriam campo ao desenfreio das paixões, e traziam no bojo a prepotência de reis como Felipe Augusto e João Sem Terra, a incontida beligerância entre senhores feudais e as comunas, mesmo das províncias do Papa, a heresia albigense ao sul da França primogênita da Igreja, o domínio e opressão de príncipes alemães em muitas regiões da Itália, e, em toda parte, estragos gerados pela miséria e pela guerra. “A ferocidade e a depravação, a anarquia e a pobreza encontravam-se com todas as classes” (De Maistre). Ademais, as armas maometanas haviam dominado a Terra Santa, fechavam à Europa o intercâmbio do Oriente e da África e o alfanje vitorioso, que já se insinuara na Ibéria e na Sicília, pendia ameaçadoramente sobre a

Europa Cristã. Esse cortejo de males pairava nos espíritos, pressagiando o advento do anticristo.

O alvorecer do século XIII encontrou no sólio pontifício um grande Papa — Inocêncio III. Conturbado pelo descalabro social e político dessa idade turbulenta e pela desordem subjacente que lavrava mesmo em terras da Sé Apostólica, esse esclarecido Pontífice, fazendo apelo a uma nova descida do Espírito Santo em favor da cristandade, compôs o hino fulgurante que a Igreja entôa na festa e no oitavário de Pentecostes:

Veni, Sancte Spiritus — vem, ó Santo Espírito.

Veni, lumen córdium — vem, luz dos corações.

Sana quod est sancium — cura o que está ferido.

Rege quod est devium — regula o que está desviado.

E sua prece foi ouvida. Sentiu-se renovar a face da terra. Os sinais maravilhosos do século XIII começaram a luzir. Celebrava-se por esse tempo o IV concílio lateranense. Durante a realização do notável certame, o grande Papa viu em sonho este quadro paradoxal: a gigantesca Basílica do Latrão parecia desmoronar e um pobre religioso, esquálido, a soerguia com os braços. Esse homenzinho era o Irmão Francisco, que se tornaria o patriarca da recristinização do mundo. A seguir, viriam santos e reis, poetas, guerreiros, políticos, para engrossar a série de acontecimentos que tanto lustro deram a esse século de ouro.

Nascimento do Santo. — Nasceu Francisco em 1182 em Assis, filho de um rico mercador italiano, arguto e ambicioso, e de uma nobre francesa amável e piedosa. O jovem conservou os traços daquele, para guindar o espírito às coisas elevadas, e os desta, para os requintes da delicadeza e da generosidade. Como Deus o destinava para viva imagem de seu Filho, fê-lo representar ao nascer a cena do presépio. Sua mãe, acossada pelas dores do parto, não conseguindo dar-lhe à luz entre as comodidades da casa, transferiu-se, a conselho de um forasteiro, para a estrebaria do solar, e, em alí chegando, nasceu-lhe facilmente o ditoso filho, à semelhança do natal de Jesus.

Educação e mocidade. — Francisco era de índole cavaleiresca, enamorado da natureza e do belo, elegante e gentil, generoso até ao sacrifício, voluntarioso e jovial, dado aos divertimentos, porém jamais incoveniente e grotesco.

A idade-média foi o clima das ordens militares, da nobre cavalaria, dos incentivos à glória, do pendor pela carreira das armas. Até os mercadores se faziam aventurosos, porque haviam de arrostar mares e terras de sarracenos, para arrancar ao Oriente as pérolas e especiarias que constituiam o regalo dos europeus. Francisco cresceu num ambiente de idealismo e de fé, de desordens e de lutas, de exaltação

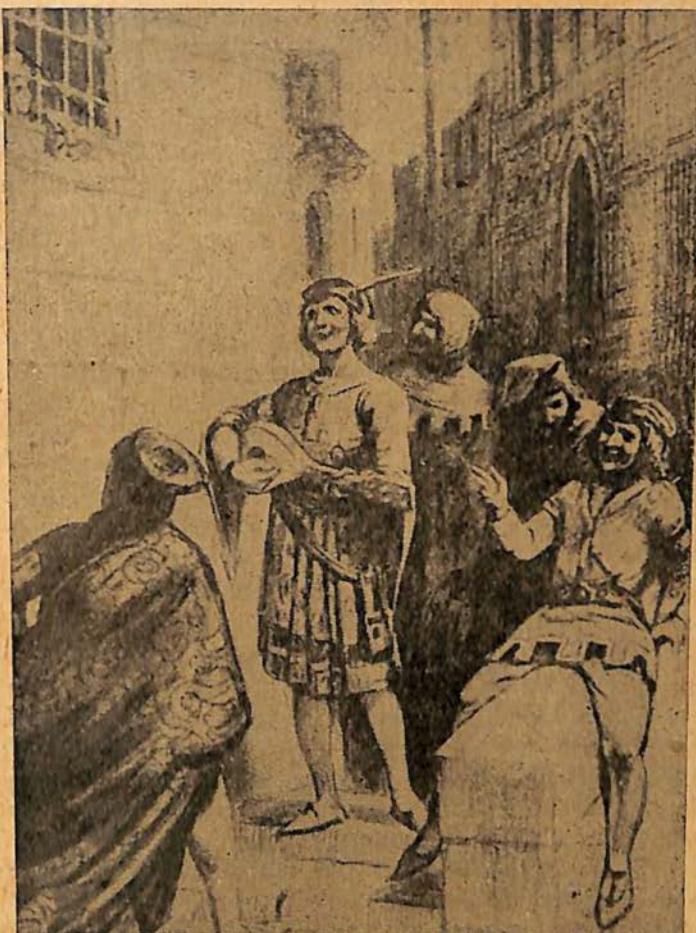


Fig. 1 — O jovem Francisco, com seu bando, em alegres serenatas

do espírito e de anseios de renovação. Não é de admirar pois que, ainda jovem, parecesse indeciso, tal como a pomba liberta alçando o vôo, nesse meio de afirmações e de contrastes. Trazia, porém, em germe, o destino que havia de tomar na vida e a influência que exerçeria no mundo. Em serenatas bizarras e ceias divertidas reunia em Assis o bando alegre de rapazes de seu tempo, a que sua fidalguia, sua voz de tenor, sua jovialidade, seu gênio poético, sua elegância e distinção imprimiam o ascendente natural de chefe.

A Encruzilhada das vocações. — O amor da glória, os lances heróicos, as narrações de aventuras, as reivindicações de justiça, a leal-

dade cavaleiresca, a defesa da fé, o brilho da carreira das armas — que agitam a mocidade de todos os tempos, inflamaram no espírito de Francisco a centelha da vocação militar.

Como Deus prefere seus cooperadores? Ele não faz questão de condições. O que Deus quer é que o sirvam com amor. Em todos os estados e situações Ele suscita dedicações. Eis porque Deus quer amigos também como soldados. Quando quis reformar a sociedade, Deus falou a linguagem da guerra: — Francisco defende a minha Igreja. E o jovem mercador se fez soldado. Bem assim, quando mais tarde foi preciso reerguer os espíritos e defender a Igreja contra a Reforma, Deus não foi escolher um prelado ou um monge, mas um soldado — S. Inácio. No fundo, o que Deus quer não é propriamente homens de espadas, mas almas de soldados, homens de firmeza. Foi assim que Jesus procedeu com Saulo no caminho de Damasco. Não era o soldado, mas o homem intrépido e combativo que Ele queria, porque dissera antes: — “Eu não vim trazer descanso à terra, mas a espada”, isto é, a luta pelo bem. E porque Deus escolhe seus cooperadores com o feitio de soldados. Ele mesmo se chama o “Deus dos Exércitos”, isto é, dos soldados.

Por ser generoso e sincero, em qualquer rumo que enveredasse Francisco encontraria uma boa vocação: o comércio, a ciência, as artes, a vida religiosa. Tudo quanto se faz bem, bem é, mas só é perfeito o que se faz por amor (S. Ag). O comércio seria inclinação hereditária, a milícia — um incentivo de glórias, a vida religiosa... talvez não entrasse ainda em suas congitações. O que é certo, porém, é que seu espírito, desprendido das coisas, librava-se na esferas elevadas em fáina, repeliu um mendigo importuno. A recusa de uma esmola é indigna de um gentilhomem e de um cristão. Refletiu a seguir e foi ao enlace do pobre recheando-lhe de moedas uma e outra mão. De outra feita, apressou o passo, enojado à vista de um leproso à beira do caminho. Áto contínuo, retrocedeu, abraçou e acariciou o infeliz. Estas ações heróicas, aparentemente banais, mas de infinita ternura, carecem de sólida virtude ou de esponâneo sentimento de bom samaritano. A natureza é avessa ou tarda a esses átos de extrema delicadeza. Quando o subconsciente está embotado para as ações de despendimento, há que excitar o consciente com um raciocínio pronto, que muita vez falha. Ao contrário, porém, as ações heróicas, os lances de glória, efêmeros embora, arrestam os espíritos pelo seu próprio brilho. Assim as expedições militares e o luzir da farda.

Entusiasmo que não esmorece. — Foi o que aconteceu com Francisco. Aos 17 anos, rebelou-se com os de sua cidade contra os dominadores germânicos. O povo de Assis arremeteu contra os quarteis da guarnição alemã e os desmantelou. Urgia, porém, cobrir-se contra

as reações do adversário, que não demoraria no revide. As autoridades civis deram-se pressa em cercar a cidade de muralhas e fortins. Todos os habitantes foram convocados para esse trabalho precipitado. Francisco deixou tudo, apredeu a lascar a pedra, a lidar com a argamassa, a manejar a trolha e a ferramenta de sapa. Trabalhava e cantava. Mostrava-se tão ardoroso no rude trabalho das fortificações como em tudo que fazia, e até mesmo nos folguedos, porque punha alma em todos os empreendimentos. Os dissidentes de Assis porém, uniram-se ao partido oposto, açulados pelos tedescos. Reacendeu-se a rivalidade entre Assis e a cidade vizinha de Perúgia, visto que, esta decidira-se pelos Gbelinos contra o Papa. Os assisenses pegaram em armas. Tratava-se de defender duas nobres causas: a sua cidade e a Sé Aposólica. Marchou animoso e cantando. A guerra, porém, não se faz só de entusiasmo, mas de aprestos e de perícia consumada. A gente de Assis foi destroçada; os que não se salvaram pela fuga caíram prisioneiros.

“A disciplina militar prestante”

“Não se aprende, Senhor, na fantasia...”

“Senão vendo, tratando e pelejando.” (Lusiadas, X, 153 a)

Os prisioneiros, e entre êles Francisco, sofreram grande provações e máos tratos durante um ano de prisão. Somente Francisco conservou a serenidade de espírito e o bom humor habitual, alegrando os tristes e reanimando os desacorçoados. O seu semblante jovial e cortez ganhou até os enfezados, que se faziam aborrecidos de todos. Restituido à liberdade, apanhou grave enfermidade em Assis. Durante a doença pensou seriamente no vazio da vida doidejante que levára e nos grandes destinos do homem, criado à semelhança de Deus. A doença é boa conselheira, quebrando a vaidade e as paixões e dispõe o espírito para refletir nas verdades eternas.

Por esse tempo correu em Assis a notícia de que zarpara de Veneza uma frota levando cavaleiros e homens de armas com destino ao Oriente. Lastimou Francisco de não estar entre esses felizes argonáutás. A seguir, porém, seus anseios de glória encontraram uma resposta favorável: apareceu em Assis um gentilhomem, recrutando voluntários para o Duque de Briena que defendia, em Apúglia, os direitos da Igreja contra Marconvaldo, príncipe alemão, o qual queria arrebatar ao Papa a tutela de Frederico. Francisco inflamou-se de zelos e de entusiasmo. Preparou um rico fardamento, que faria inveja a um príncipe. Estava afôito para partir. Nisto se lhe apresenta um nobre de Assis, empobrecido pelos revéses das últimas refregas e em trajes mesquinhos. Lamentava não poder partilhar da expedição, por faltarem-lhe meios de adquirir equipamento e armas. Francisco, embora atordoado pelo renome e pela glória, contristou-se da penúria do cava-

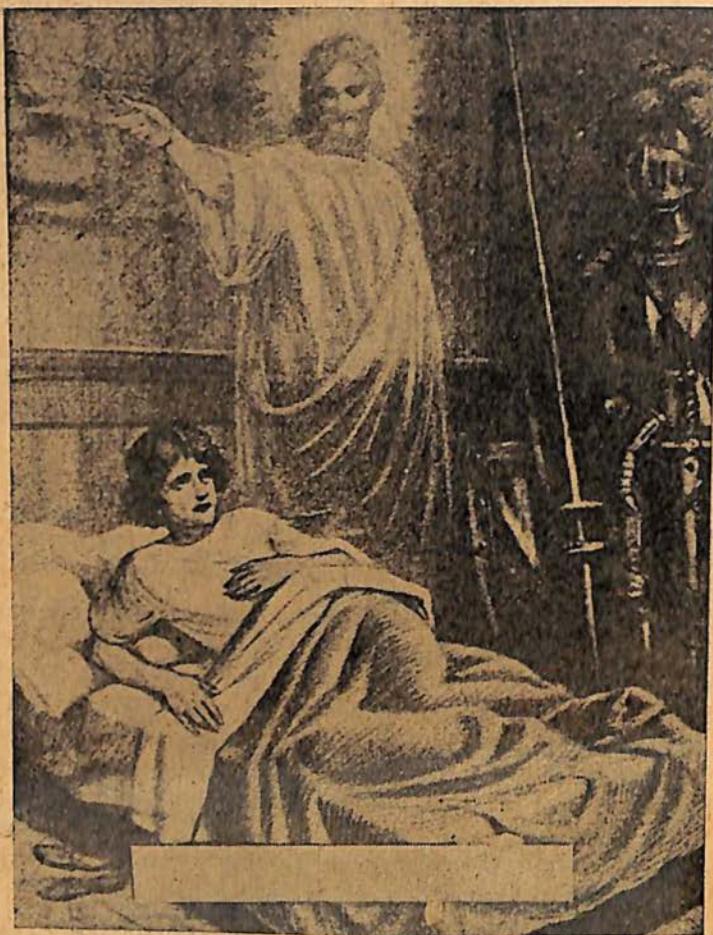


Fig. 2 — Entre sonhos da glória: — A espada ou a cruz ?

leiro e cedeu-lhe a rica indumentária. Sua liberalidade era maior do que sua ambição.

Deus, porém, que a ninguem cede em generosidade, suscitou a Francisco um sonho deslumbrante: um castelo magnífico... Abate-se a ponte levadiça. Francisco entra na sala de armas. Arneses, panóplias, escudos, catapultas... Em todas as armas brilha, como sinete, uma rutilante cruz.

— De quem são estas armas? perguntou.

— São para ti e para os teus soldados, respondeu uma voz do alto.

Pela carreira das armas. — “E para os teus soldados...” Compreende logo: seria, não somente militar, mas Comandante. Este sonho tinha dois caminhos: O das armas propriamente dito e o da cruz, que nelas figurava. Qualquer jovem, como Francisco, decidir-se-ia logo pelo convite das armas. Confirmada sua vocação militar, realizaria, tal qual a mocidade de seu tempo, os desejos de glória. A idade-média foi uma etapa de contradições entre os altos ideais e as paixões vulgares. Aos motivos transbordantes de santidade e de fé, correspondiam grandes desordens nos costumes. Sacrificavam-se à religião e à Pátria os bens da terra e violava-se de contínuo o sentimento humano e cristão em lutas e crueldades fratricidas. Nutriam-se represálias seculares e por elas se degladiavam, famílias, corporações e cidades. Quem mais dispunha de ouro, mais milicianos punha em campo. A Itália em particular foi teatro dessas lutas cruentas, que ora irrompiam de dentro, ora procediam de fora. As cidades eram guarnecidas de muralhas e de redutos, afim de que ficassem ao abrigo de assaltos repentinos das próprias cidades vizinhas. A gente vivia em contínuos sobressaltos.

Francisco comprehendeu que chegara a vez de acabar com esses distúrbios e de libertar a Pátria da intromissão estrangeira. Urgia pacificá-la e uní-la, para poder mobilizá-la. E decidiu-se pela carreira das armas. Aparelhou o equipamento. Enfarpelou-se como um cavaleiro, apresilhou a espada e partiu para a expedição de Apúlia contra Marconvaldo. A segurança da nação, porém, exige muitos requisitos, e não basta, a cada patriota, de prender o sabre ao cinto e pôr-se em forma, para tê-la resguardada.

“Tal há de ser quem quer co’o dom de Marte

“Imitar os ilustres e igualá-los:...”

“Com militar engenho e util arte

“Entender os imigos e enganá-los”. (Luziadas, VIII, 89).

Vocação malograda. — No fim da primeira jornada, em Spoleto, nova surpresa o esperava. Reapareceram os sintomas da doença. Na modorra da febre, entre visões de guerra e estrépitos de armas, ouviu de novo aquela mesma voz que o perseguia: — Porque deixas o chefe pelo vassalo? O cavaleiro estremeceu: — Como hei de proceder Senhor? — Volta para Assis. Aqui viste o sonho com os olhos, lá o entenderás com a mente. E os pensamentos de Deus lhe iluminavam o cérebro, à medida que suas veleidades se extinguiam, como vagalumes fugidíos. Estava encerrado o ciclo das vacilações.

Voltou para casa, mas não se pôde acomodar mais aos negócios. Seu coração estava torturado, buscava na oração o segredo que a voz desconhecida lhe prometera desvendar. Em lugar de serenatas, dava-se agora aos colóquios com Deus. Certa vez, corria alegremente pelas

matas cantando as belezas da natureza. Nisto, dá de frente com um grupo de ladrões.

— Quem és? perguntaram.

— Sou o ordenança, o arauto do Grande Rei.

Os meliantes, vendo-o maltrapilho e sem bolsa, atiraram com ele numa poça de neve. Nem se amedrontou nem ofereceu resistência. Continuou cantando mais vivamente, como se encontrasse novo mote para glosa.

Contramarcha para a direita e mãos às obras. — Francisco passava horas a fio deante do grande Crucifixo da igrejinha de S. Damão, fora dos muros de Assis. Era um velho templo onde faziam morada bandos de andorinhas. Certa vez implorava: — Como vos hei de agradar, Senhor? E eis que lhe fala o crucifixo: — Não vês que minha casa ameaça ruina?

Era a mesma voz que ouvira em sonho. Estava entendido o mistério. O Senhor queria a restauração da velha igreja.

Francisco engajou-se a fundo nessa empreza. Esmolava, transportava materiais, trabalhava em tudo. Empenhou também o dinheiro da loja, pelo que foi levado a juízo. Renunciou então a herança e até a reupa que trazia restituuiu ao pai.

A igrejinha restaurou-se, e, como o crucifixo não dissera mais palavra, Francisco interpretou o silêncio como sinal de que sua missão não estava acabada. Havia em Assis mais 2 velhas igrejinhas carcomidas pelo tempo, a de S. Pedro e a de N. S. dos Anjos. Cumpriria refazê-las? Meteu mãos à obra. Dois anos, de 1207 a 1209, levou a esmolar, a contratar obreiros. Trabalhava cantando, de sol a sol, e orava pela noite a fio.

Para a frente. A reforma das almas. — Restauradas as velhas igrejas, começou a sentir que Deus não se poderia contentar com obras mortas, mas queria templos vivos. De que serviriam casas confortáveis, mas vazias? Onde estavam as almas para povoá-las?

No domingo seguinte o evangelho da missa, que o sacerdote explicou, deu-lhe um novo sentido de vida que haveria de viver: renunciar tudo para associar-se a Cristo na salvação das almas. Dito e feito. Despojou-se até dos sapatos e vestiu uma longa túnica, ajustada aos rins por um cordão.

A nova grei. — Não tinha mandato para pregar, mas começou a fazê-lo, tal era o seu ardor de caridade. Suas alocuções em público eram um apêlo veemente ao amor de Deus e à união fraterna. "Salvação e paz", repetia ele pelas ruas de Assis. Suas exortações e seus exemplos produziam efeitos maravilhosos, porque traziam a unção do Espírito Santo. Dois homens importantes de Assis apresentaram-se para segui-lo, um jurisconsulto (Pedro de Catani) e um abastado e



Fig. 3 — Dialogando com o crucifixo de S. Damião

culto gentilhomem (Bernardo de Quintavale). — Iremos à Igreja e saberemos o que Deus quer de nós. Na manhã seguinte invocaram com grande fervor as luzes de Deus, e, aberto ao acaso, por três vezes, o Novo Testamento, eis se depararam textos idênticos de três evangelistas: — se queres ser meu discípulo, renuncia tudo e segue-me.

— Eis a nossa regra e a de todos os que se nos quizerem associar-se, exclamou Francisco. E pela primeira vez expressa a idéia de uma congregação. Bem logo outros e outros se apresentam. A nova grei se agita e começa a pregar pelas redondezas concitando as gentes à penitência. O Bispo de Assis advertia-lhe que a pobreza

total, que levava com os companheiros, era dura demais para a condição humana.

— Se possuíssemos bens temporais, careceríamos de tempo para cuidá-los e de armas para defendê-los. Da posse das coisas provêm litígios que degradam a fé e que endurecem o coração do homem.

Os postulantes aumentavam. Era necessário pleitear a aprovação do Papa. Dirigiram-se a Roma em 1 210. Governava a Igreja o grande pontífice Inocêncio III. Causou estranhos ao Pontífice a regra de pobreza e o teor de vida que se impunham.

— Não duvido de vosso fervor, mas tenho em conta a perseverança dos que vos seguirem.

E mandou que porfiassem em orações, para que fosse manifesto se, o que pediam, era conforme à vontade de Deus.

Escorando a igreja-mãe. — Entrementes o Pontífice viu em sonho a estranha visão daquele homenzinho de Assis, mirrado e pobre, a soerguer, como pigmeu de bronze, a Basílica-mãe. Não teve mais dúvidas. Embora, no sentir humano fosse rematada imprudência aprovar uma regra de total desprendimento, não devia desconhecer que ela fôra a norma seguida e preconizada pelo Cristo. Inocêncio III abençoou a nova família religiosa. Os 12 primeiros irmãos fizeram aos pés do Pontífice a profissão solene. Assim, reconhecidos pela Igreja, receberam as credenciais do apostolado e começaram a multiplicar-se e espalhar os benefícios da pregação e da paz.

Francisco era homem católico e apostólico por excelência. Católico no sentir e no agir com a Igreja, e, apostólico, no destino missionário de sua geração. Mesmo inspirado por Deus, nada empreendia que não tivesse o beneplacito da autoridade eclesiástica. Por isso mesmo não arquitetava planos. A inspiração divina e a fidelidade aos movimentos da graça orientavam o seu coração nos rumos que Deus lhe traçava dia a dia. Seu primeiro sonho advertiu-o devia tornar-se chefe de cavaleiros para reaver a Terra Santa. Depois, a voz falou-lhe em restaurar a casa de Deus, e ele empenhou-se em recompor os templos arruinados. A seguir, percebeu que essas casas de oração continuavam mudas e era mister povoá-las de fiéis, que contassem os louvores de Deus, visto que as paredes frias não podiam fazê-lo. Ele então decidiu-se a pregar. Vieram-lhe chufas e vãs do populacho, mas responderam ao chamado os primeiros discípulos, homens de letras e de haveres. Foi daí que pensou em organizar o apostolado. Homem fiel a Deus e manso, à maneira de Moisés e de Davi, havia de ser também um grande condutor de homens, porque procurava na oração frequente o divino bemquerer. Este, lhe sendo indicado no correr dos incidentes, ele o abraçava, como sendo mandato do grande Rei, e o punha em prática, depois de obter o sinete de reconhecimento

do Vigário de Roma. Assim surgiu a Ordem dos Frades Menores — chamada a Primeira Ordem — destinada ao apostolado. Em 1.212 foi procurado por uma jovem de família nobre de Assis. Ouvira as suas prédicas. Ficara deslumbrada. Queria também dar-se a Deus. Era moça, bela e rica. Havia candidatos à sua mão. Francisco mostrou-lhe o eterno dilema da vida. Dois caminhos. Um, estreito e eriçado de espinhos, poucos enveredavam por ele. Outro era espaçoso e franco, acomodava-se a todos os gostos. Qual escolheria? Ela preferiu o primeiro. Foi a pioneira das Damas Pobres — a Segunda Ordem. A 1.^a Ordem, dos Frades Menores, constitui o Estado Maior da milícia seráfica. Destina-se a estruturar o cérebro e o arcabouço da grande obra. Integra no seu quadro diretores e artífices, chefes, missionários e desbravadores, condutores de almas, mestres e guias do povo. A 2.^a Ordem, das Pobres Mulheres, que manejam as forças invisíveis da oração, vota-se à vida do claustro, apartada do convívio social. Paradoxo para o mundo: "parasitas", "derrotistas", fogem e se segregam, sonegando concurso à família e à sociedade. Incompreensão do mundo. Almas de elite, decididas, heróicas, generosas, deixam os encantos do lar e do século por uma vida de renúncia, de trabalho, de oração e de penitência. Que visam com isso? Imolar-se, como Cristo, para a salvação das almas e pelo bem da sociedade. Há milhões e milhões de almas que vivem como se não houvesse um Deus que é Pai; que não lhe reconhecem a existência e os benefícios. Outros que vivem extraviados nos caminhos da ignorância ou da iniquidade. Por êsses, elas se imolam. Pedem pelos que não oram, agradecem pelos ingratos, vigiam pelos displicentes, sofrem pelos oprimidos, humilham-se pelos soberbos e pelos violentos, maceram-se pelos dissolutos, jejuam pelos gosadores e insatisfeitos. Realizam, enfim, esse esforço psíquico da prece, esforço imponderável, mas fecundo, que sobe suavemente para Deus, como o perfume do incenso e como os vapores da tarde; e que desce invisível sobre a terra, como o orvalho das noites serenas. A vida de renúncia e de oração, no fundo dos claustros, é de tal modo eficiente e necessária à paz do mundo e ao bem público, como soem ser as retaguardas ativas, concentradas no esforço de guerra, para a vitória dos exércitos nas frentes de batalhas.

A conquista do mundo. — Uma nova formação — a Ordem 3.^a — viria depois. Era uma inovação. Ninguém a teria pressuposto. Estava sómente no pensamento do Eterno. Francisco a realizará a seu tempo, quando Deus lha houver manifestado, depois de haver consolidado os quadros da Primeira e da Segunda Ordens.

Estavam lançados os fundamentos e os destinos da obra franciscana. Cumpria agora fossem disseminados os seus rebentos e os seus frutos. Não bastariam os países cristãos? Francisco lançou uma mi-

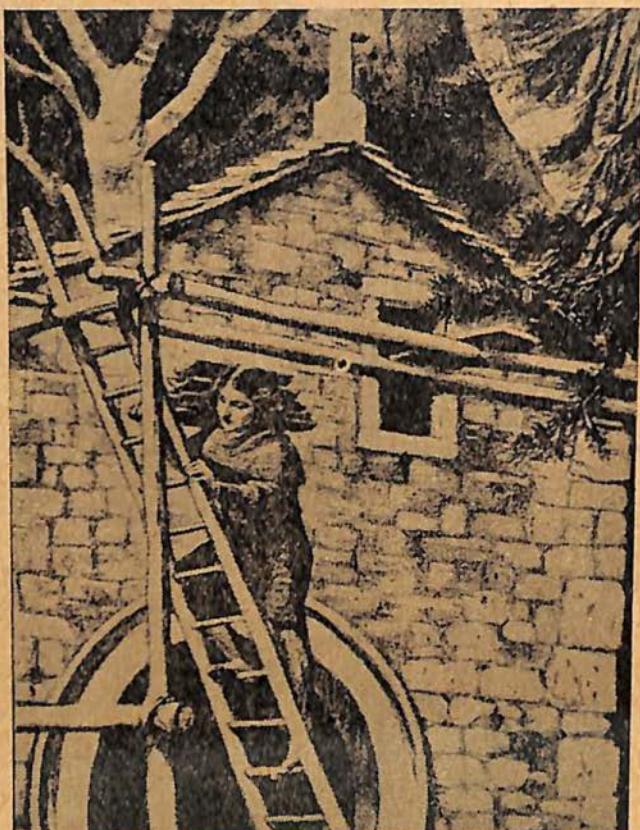


Fig. 4 — "Francisco, repara a minha igreja"! — Ordem dada e executada.

rada para o Oriente. Ali nascera o Cristo, mas o Evangelho fôra de lá banido. E não se pôde conter. Jerusalém era prêsa do Islamismo. Não podendo investir de frente, decidiu abordá-la pelo flanco, cominho de Damasco. Ele precisaria dar o exemplo. Comegaria pela Síria, de onde partiu Abraão para a Palestina. Ali está o Líbano, montanha sagrada...

Mas o navio em que embarcara foi jogado por uma tormenta nos baixios da Eslovênia. Teve que regressar. Não esmoreceu nem alterou os fins da missão. Falhara-lhe o 1.º objetivo. Modificou apenas a idéia de manobra: em vez de atacar pelo flanco norte, atacaria pelo meridional. Não seria mais Jerusalém pelo caminho de Damasco, mas Jerusalém pelo caminho do Egito. Fez meia volta para a Itália, atra-

vessou o sul da França e entrou na Espanha com o fito de abordar Ceuta. Iniciaria a conquista da África, a começar em Marrocos, para chegar ao Cairo. Daí, em 40 jornadas, atingiria a Palestina, como fizera o exército de Moisés. Sonho de louco? Sim, ainda era cedo. Depois da viagem a pé, fatigante, mas cheia dos frutos que deixou em Compostela, Barcelona e alhures, adoeceu gravemente. Houve de retornar a Assis, sem ter podido chegar às colunas de Hércules.

Mais uma vez Deus lhe fechava o caminho do Oriente. Tentaria ainda uma vez, desta para se implantar definitivamente em Jerusalém.

Em 1215 celebra-se o IV Concílio do Latrão. Conhecem-se ali, sob as vistas do grande Pontífice Inocêncio III, as duas almas iluminadas daquele século: Francisco e Domingos. Seus Institutos são abençoados pelo Papa e êles partem para levar a todos os quadrantes a palavra de Deus.

Em 1216, surge nova maravilha franciscana — a indulgência da Porciúncula, coisa desconhecida nos anais da Igreja: Uma pequena Igrejinha de Assis recebia o privilégio das grandes Basílicas de Roma. Agora sim, Francisco está preparado para a conquista do mundo, conquista sem troféus, nem humilhações. Em 1219 reúne-se o Capítulo Geral, chamado Capítulo das Esteiras. Cinco mil religiosos, por não terem cômodos na pequena cidade de Assis, acampam ao relento, construindo palhoças para se abrigarem. Magnífico exemplo de verdadeiros soldados. Realizando esse certame memorável, Francisco insistiu no caminho do Oriente. Já havia mandado em 1219 uma "esquadra de volteadores" a Marrocos, flanco esquerdo do inimigo; agora escolhera para si o centro do dispositivo. O grande amante da cruz ansiava em reerguer a cruz, nas mesmas terras em que Cristo preagara o Evangelho, e onde ela fôra levantada para crucificá-lo.

A 5.ª Cruzada. — Mobilizava-se a 5.ª Cruzada, para acudir ao apelo do Papa. Era uma ignomínia para a cristandade que Jerusalém estivesse em mãos do infiel. Os soberanos da Hungria, da Baviera e de Áustria estavam à frente dessa operação militar e política. O plano de operações consistia em levar primeiro a guerra ao Egito-Damieta, cidade-forte, gosava de situação chave, cobrindo o acesso ao mar Vermelho. Assegurava também ligação estratégica da África com a Ásia, berço e sede do Islamismo. Francisco dirigiu-se ao Egito e enviou de caminho elementos para descerem na Síria. Já se havia espalhado a semente dos cinco primeiros mártires franciscanos de Marrocos, em 1220. O sangue desses heróis seria a semementeira de novas conquistas. Enviara agora novos elementos à Síria e ele ia lançar a rede evangélica ao centro.

As operações militares entram em curso. — Os chefes resolveram

fazer o esforço principal pelo Egito, onde estava a sede do grande comando muçulmano. Sua situação estratégica era de importância capital para as operações no Mediterrâneo oriental e para contrarrestar a influência política e militar do inimigo no Norte da África. Era necessário desarticular esse poderoso elo de ligação entre os 2 continentes, no sentido de conter a invasão da Europa com trampolins em Tripoli e em Ceuta, tal qual fizera Aníbal.

Os chefes da 5.^a Cruzada acometeram assim pelo centro do extenso dispositivo inimigo, como para quebrar-lhe o espinhaço. Destruído o poder militar e político no Egito, conquistada a Palestina e o Líbano, os invasores do Norte Africano seriam varridos para o Saara e seus remanescentes, do Nilo e das Terras de Israel, refugiar-se-iam pela Arábia em fora. A concepção era magnífica. A execução foi desastrosa.

Os exércitos desembarcaram no Egito, alargaram sua cabeça de ponte e investiram contra a cidade fortificada de Damieta, que cobiçava o vale do Nilo. Os mouros foram batidos nos primeiros encontros e tiveram de abrigar-se por traz das muralhas de sua cidade-chave, que, a seguir, foi sitiada pelos Cruzados. Nesses tempos de inexistência da pólvora, as armas de arremeço eram como que brinquedos de nossas crianças de hoje. Não passavam de catapultas que lançavam seixos e fachos de fogo a pequena distância contra inimigos fortificados. Estes ficavam ao abrigo dos fossos ou a cavaleiro, em altas muralhas, de onde lançavam setas e pedras contra os assaltantes.

Se a praça dispusesse de água, viveres e munições, o ardor combativo não esmorecia. O cerco havia de prolongar-se por largo tempo e, às vezes, se tornava inoperante. A guerra era um duelo de exército contra exército, como luta de touros. Quando o podério militar da nação estava nas fortalezas, essas é que entravam em xeque, visto que, uma vez tomadas, caía a armadura militar da nação.

Eis porque os Cruzados, como outros exércitos desse tempo, ao invés de deixar para traz as praças sitiadas e prosseguir na conquista do país atacado, de modo a ocupá-lo, dominando as forças vivas da nação, deixavam-se ficar deante dos muros daquelas praças como se elas fossem o fim da guerra e, não simplesmente, objetivos. Sua importância era de grande valimento na trama de operações, mas constituía um impasse e um desgaste para os atacantes quando elas poravam na resistência.

Exército sem coesão, Exército vencido. — O que foi o cerco de Damieta? — Inépcia militar, fruto de desinteligências, que romperam a unidade de comando e culminaram em malôgro nas operações do conjunto.

Quando Francisco chegou à Damieta, a cidade islamita estava

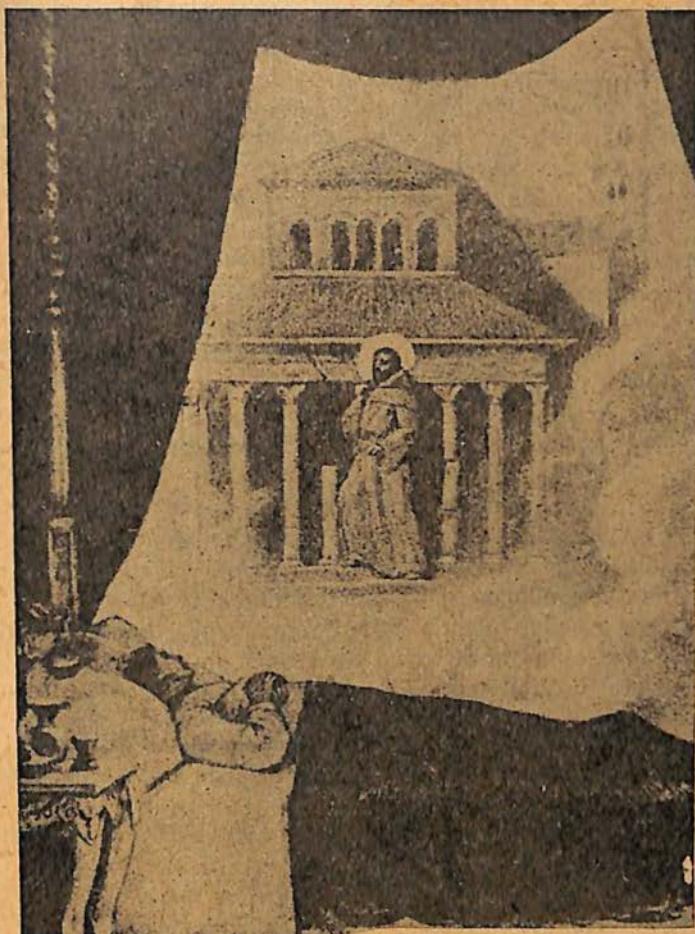


Fig. 5 — Francisco escora a igreja do Latrão. Sonho de Inocência III

sitiada pelos Cruzados, mas êstes vinham de ser repelidos sangrentamente num assalto infeliz à praça forte, defendida valentemente por dois caudilhos muçulmanos, o sultão do Egito e o de Damasco.

O Exército cristão estava minado pela indisciplina. As desavenças dos chefes somavam-se à rapinagem e a intemperança das tropas. Sta. Joana D'Arc advertira um dia que as derrotas provêm da indisciplina e corrupção dos soldados.

O Santo viu tudo, observou a situação e ficou consternado. O estandarte da cruz só estava ali como sinal de ignomínia. Francisco advertiu aos Chefes não tentassem estupidamente novo assalto que

seriam derrotados. Não lhe deram ouvidos. O assalto foi desencadeado e nova derrota os arremegou para a retaguarda, ficando coalhada de mortos a orla da praça.

A conquista dos corações. — A missão mais urgente devia ser empreendida entre os próprios cruzados. Depois de se haver dado à oração e de fazer apelo aos chefes empedernidos, julgou que devia empregar o último cartucho para amolecer aqueles corações, e começou a pregar-lhes, usando da linguagem ardente dos cavaleiros que ele bem conhecia. Aproveitando da humilhação trazida pelos revéses, procurou reacender, entre os cristãos, um novo entusiasmo pelo destino da guerra que vinha sendo desfigurada.

Mas não bastava erguer o espírito combativo dos cruzados, urgia realizar o objetivo de sua missão, que não era apenas a vitória das armas cristãs, mas a conquista dos muçulmanos para a fé. Iria ao campo adversário, não com o propósito de Judit, para golpear o Sultão, mas, à maneira de Ester, para ganhá-lo para Deus. Vencida a resistência capital, todo o corpo da grei submeter-se-ia. E penetrou sózinho, ousadamente, nas linhas inimigas, levando uma couraça — a fé, e esta só arma formidável na mão: — a Cruz.

As pratulhas inimigas quizeram trucidá-lo. Quem era esse homem de aparência grotesca, dando ares de fanático? Como gritasse com ênfase: — Sultão! Sultão!, tomaram-no por um mensageiro e o levaram a presença de El Kamel:

— Vens como mensageiro da paz ou em busca de Alá?
— Venho em nome de Deus, para anunciar-te a salvação, respondeu ao Sultão,

e falou-lhe com tamanha unção e eloquência que El Kamel, encantado daquele homenzinho prodigioso, disse-lhe:

— Fica comigo e te darei honras entre os meus.

Francisco porém lhe advertiu amavelmente:

— Se te queres converter com teu povo ao Cristo, ficarei contigo de bom grato. Mas se duvidas, põe em jogo o Cristo e Maomé. Manda acender uma fogueira e lança-me com os teus sacerdotes nas chamas. Seja para tí verdadeira a fé daquele a quem o fogo não tocar.

Receou o Sultão da ousada proposta:

— Temo que nenhum sacerdote de Alá queira expôr-se de tal sorte em defesa do Alcorão.

Francisco tentou um supremo esforço:

— Pois então, para que te persuadas, dansarei eu no fogo. Se arder, leva-o a conta de meus pecados, mas se sair ileso, reconhece nisso a virtude do Cristo e renega a tua fé.



Fig. 6 — Todos fogem, mas o lobo reconhecido por Francisco, torna-se manso como cordeiro.

Surpreendido e admirado por tão estranho desprendimento, o Sultão oferceu-lhe valiosos presentes, que ele recusou com simplicidade:

— O que eu quero de tí é o teu bem e tua alma para Deus.

Recebeu, em troca, um salvo-conduto com a liberdade de trânsito em terra sarracena, podendo ir e vir à Palestina e nela se estabelecer.

Foi uma de suas maiores conquistas. Conseguio assim um lugarzinho permanente para seus frades no Santo Sepulcro, o qual vem sendo mantido há sete séculos, sem mesmo sofrer interrupções nas perseguições ali desencadeadas contra os cristãos. Diz-se ainda que ganhou

Por tal modo o coração do Sultão, que, êste, sentindo-se morrer, pediu lhe fossem enviados dois frades para o confortarem.

Em 1220 Francisco voltou à Itália. O seu nome empolgava as populações da península e corria mundo. Foi por êsse tempo que a pequena grei de 5 frades que êle enviara à Marrocos para a conquista da África, pereceu às mãos dos mouros. De lá retornaram sómente as ossadas daqueles "loucos" missionários. Expedição malograda, é certo, mas — coisa notável — o que não puderam aqueles homens ardorosos, puderam-no as suas cinzas frias, levadas para Lisboa, e a tal ponto, que viraram a cabeça daquele rebento dos Bulhões, que depois foi S. Antonio, frade formidável, o qual, sózinho e enquanto vivo, conquistou meio mundo para a fé, e, depois de morto, se fez prestimoso soldado do Brasil.

A conscrição geral — fundação da Ordem Terceira. — A mobilização dos espíritos para a vida religiosa tomou um impulso desconhecido. Em 1221, Francisco pregou em Canara com tal unção, que homens, mulheres e jovens queriam abandonar tudo e segui-lo na vida religiosa, esquecidos de seus lares e de sua condição social. Enquanto êle falava, sobreveio um incidente pitoresco: As andorinhas, em revoadas, acorreram onde falava Francisco e faziam tal alarido em torno da pessoa do Santo, que êle interrompeu a прédica, para acariciar as que pousavam no seu manto. Abençoando-as, mandou que partissem. Elas, fazendo um grande vozerio, repartiram-se em leque aos quatro ventos.

Estas ocorrências fizeram amadurecer no espírito de Francisco a resposta que vinha formulando há tempos na oração, para corresponder aos anseios das populações, ávidas de terem uma direção espiritual na vida. O Santo, porém, cuja piedade corria parelhas com a prudência, via no fervor das multidões uma ameaça à desorganização social e da família. Concebeu então uma forma de laicato, que não levava ameaça nem à ordem social nem às vocações religiosas, mas, ao invés viria fortalecer a ambas, prestigiando o Estado e a Igreja. O novo sodalício era a *Ordem Terceira*, que cabia a todos de ambos os sexos, e se adaptava a todas as condições, sem o vínculo dos votos que prendem os religiosos das ordens regulares.

S. Francisco tornou-se assim, praticamente, não só um reformador dos costumes mas também um corregedor espiritual da sociedade. A Primeira Ordem formava a hierarquia, o comando das milícias franciscanas; a Segunda, uma alavancas psicológica e moral, cujo braço de aplicação firmava-se na oração e na clausura. A Ordem Terceira seria a conscrição geral, formada de homens e mulheres de todas as condições e gêneros de vida, unidos entre si pela caridade fraterna, mas distintos e separados quanto aos vínculos políticos, de família e

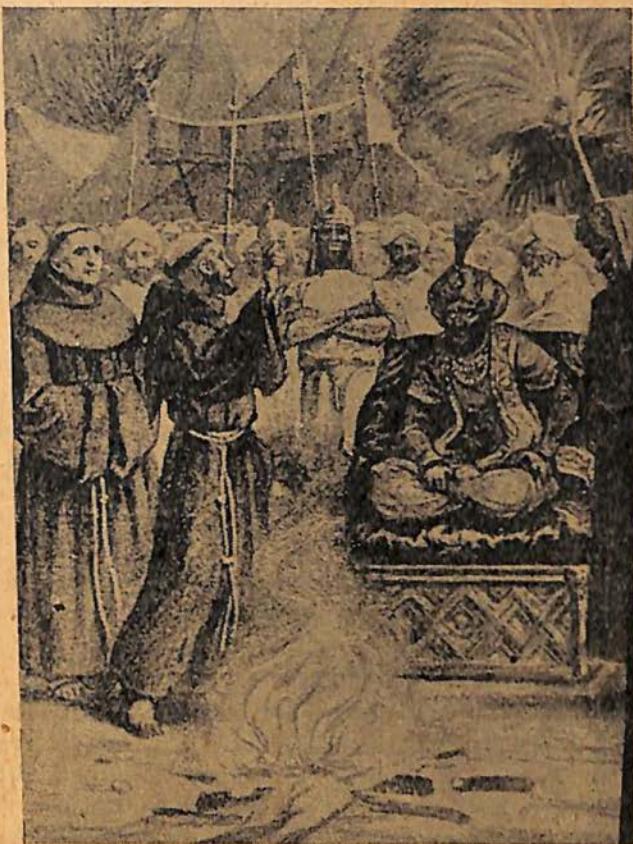


Fig. 7 — Um desafio ao Sultão: Francisco propõe uma dança na fogueira

de interesses. Todos os que não pertenciam a ordens regulares podiam ser terciários: padres, seculares e leigos, viúvos, casados e solteiros, uma-vez-que fossem fieis às regras de fé e devotadas à Igreja.

Os cânones da Ordem Terceira. — Quem se inscrevia na Ordem dos irmãos terceiros comprometia-se a procurar a paz com os próprios desafetos; a restituir os bens mal havidos, a cumprir os mandamentos de Deus e da Igreja, a não usar armas, a não prestar juramentos senão nos casos admitidos pela Igreja; a reunir-se mensalmente para as instruções e ofícios em comum; a visitar os enfermos, a contribuir para a caixa comum, em benefício de obras pias e dos irmãos que viessem a cair em necessidade.

Essa regra de vida produziu uma revolução social nos costumes e na política. A obrigação de restituir os bens mal adquiridos era de

molde a transtornar a economia de muitos, mas reparava as injustiças, moderava o arbítrio das autoridades, acalmava os rancores dos pobres contra os abastados, prevenia as vindictas particulares e as repressões fiscais. Os próprios usurários e prevaricadores se viam constrangidos.

A obrigação de não prestar juramento, senão nos casos graves e de consciência, rompia de-uma-vez com a trama feudal de obrigações, pelas quais a nobreza e os ricos se associavam, explorando o bem comum e a fraqueza dos desprotegidos. Por outro lado, a isenção dos juramentos partidários desorganizava a máquina política das facções comunais, instrumento odioso que dividia os cidadãos e os acirrava em perpétuas contumélias.

Não podendo jurar, os terciários não podiam firmar compromissos com partidos ou senhores e, dessarte, ficavam livres da sujeição dos mandões. A interdição do porte de armas era avançada novidade para aqueles tempos, em que campeava a prepotência, e cada um se tinha de valer das armas, para garantir-se ao direito de viver, que as leis não asseguravam.

Desde então estes homens inermes, mas corajosos, — *os terciários* — não temendo reações contrárias, intervinhiam para acalmar as contendes, reconciliar os inimigos, apaziguar os espíritos e repôr a ordem e a paz na sociedade. Agindo pelo exemplo, afastavam, com seu proceder pacífico, o germe de represálias e de guerras civis.

As contribuições mensais dos irmãos, visando um fundo para assistência coletiva, era uma antecipação feliz das nossas caixas de previdência social. Essa forma de socorros mútuos permitiu à Ordem Terceira de arrancar a beneficência do monopólio tendencioso dos ricos. Ficava assim a política de facções à mercê das iniciativas isoladas e dos caprichos de certos monastérios. A verdadeira benficiência se erigia em obra de assistência organizada, sob os auspícios da caridade, que se manifestava pelas contribuições de todos em benefício coletivo, e sem olhar o esforço maior ou menor do rico e do pobre, mas ao amor fraterno que todos congregava, à semelhança do “cíngulo” — laço afetivo que unia os altos dignitários à arraia miuda.

A Ordem Terceira foi uma notável invenção do gênio criador de Francisco, a última na série de suas grandes obras. Tornou-se, pela extensão e universalidade de sua conscrição, o “lugar comum” que assegurava no mundo civil, o prestígio e o suprimento de vocações das duas primeiras Ordens, e implantava o espírito do Evangelho em todas as classes.

Se Francisco ficasse adstrito às duas Ordens regulares, como S. Domingos, seria ainda assim, como este e alguns predecessores, um grande fundador. E' porém, pela sua Ordem Terceira que ele se elevou a grande reformador social e “*emendator*”, como o qualificou depois



Fig. 8 — Com o nome de Antonio ingressa entre os Frades Menores o jovem cônego lisboense.

de sete séculos, o grande Pontífice Pio XI, ao lhe outorgar esse título “ousadamente novo na história da Igreja” e a lhe confiar a “liderança” espiritual da Ação Católica. (Nota n.º 1, in fine).

A última batalha. — O Grande Exército estava organizado: a Primeira Ordem exercia os misteres da direção e do comando; a elite das virgens da Segunda Ordem, no retiro dos claustros, seria a pira ardente da imolação e da prece que desarma a justiça de Deus e propicia as bençãos, como irradiações do sol na maturação das searas.

A Ordem Terceira compreenderia a multidão de irmãos de todas as classes a que se alistaram, ainda nos dias do Patriarca, príncipes e monarcas, generais e cavaleiros, sábios, camponezes e artistas, damas da Corte e mulheres do povo. O Patriarca encerrava assim o ciclo de suas obras. Era ainda moço, mas estava no fim. Em 1224, na

quaresma do Arcanjo S. Miguel, Patrono dos Grandes Comandos, Francisco recebe os sinais da crucifixão. Seu desejo, de fato, era ser imolado como Jesus. Tendo o “infiel” lhe recusado duas vezes o martírio, pediu ao Cristo lhe desse a sofrer as dores acerbas de sua paixão. E o Cristo veio em pessoa crucificá-lo, abrindo-lhe, nos membros e no lado, feridas idênticas as dos ferros que os traspassaram. Dois anos ainda carregou os estígmata doridos. Passou o comando das milícias. Chegado o dia 4 de outubro de 1226, convocou seus filhos, os amigos e os irmãos da natureza.

Ergueu-se num esforço supremo e abençoou a Pátria com as mãos cruzadas sobre os peitos. Depois, estendeu-se na cinza sobre a terra nua, reunindo as últimas energias, para entoar a última canção. Único entre todos, ia morrer cantando.

Vinha entardecendo. Bandos de cotorias ruflavam as asas em revoadas. O irmão sol, rotundo e belo, encerrava mais uma jornada rutilante. A irmã água, humilde e casta, murmurava sua eterna sinfonia. E a irmã morte... mas a irmã morte veio no último momento, entoando uma canção de glória aos que morrem cantando as glórias do Senhor.

CONCLUSÕES

1.º) S. Francisco é o único dos Santos que gosa de universal estima dos homens de pensamento, sem distinção de credos e filosofias, porque todos vêm nêle a criatura mais simples, humana, pacífica, generosa que tem existido. (Nota n.º 2, in fine).

Foi a um tempo idealista e realizador, contemplativo e homem de ação. As idéias nêle se cristalizavam em atos e os atos se espiritualizavam em anseios de perfeição. De impulsivo e veemente, que era no começo para as ações generosas, tornou-se depois, não menos ardente, mas sereno, e como que senhor dos acontecimentos, pela intuição segura que nutria dos seres e das causas.

2.º) Foi homem de fé consumada. Via nitidamente, sem véus, os aspectos da criação e o ascendente inconfundível do Creador. Por isso mesmo, não sendo homem de letras, foi cantor e poeta, enamorado da natureza e das almas — obras primas de Deus.

Brilhou nêle a centelha do gênio, mas só pôde ser gênio porque foi seráfico, saindo de si totalmente para dar lugar ao próprio Deus que nêle agia.

Não tinha “eu” nem “meu”. Ganhou assim os corações de todos e até os animais e as forças da natureza lhe eram submissos.

“Alter Christus” é chamado.

3.º) Fez-se guerreiro para defender a honra e os brios da Pátria. Não via no adversário um inimigo, mas um obstáculo. Tomou parte em três arremetidas heróicas: o levante contra a ocupação tedesca de sua cidade, a expedição de Assis contra Perúgia e a primeira jornada de Apúlia.

Em Perúgia tiveram por certo de subjugá-lo para fazê-lo prisioneiro, pois temia mais a desonra militar que a morte. Portou-se sempre ariosamente como bom soldado, seja manejando a trôlha e a pá, seja de armas na mão, e, ainda, nas horas de amargura, vencido e prisioneiro. Trabalhos, lutas, vicissitudes, ele os encarava como incidentes do ofício e os levava com ânimo sereno e bom humor, procurando tirar partido até das ocorrências desfavoráveis.

Compartilhou da destruição das obras germânicas em Assis e da ereção das fortificações de sua cidade.

Reparou e construiu templos e mosteiros — casernas de formação das almas. Escorou com o peito a Igreja-mãe.



4.º) Foi organizador e Chefe de milícias — um grande exército — que engajou no curso dos séculos a remover o “não” e a erguer o “sim” do que concerne ao reino de Deus.

5.º) S. Francisco, como subordinado, foi diligente, pronto, humilde e afeiçoado aos Chefes. Como Chefe, exerceu o mando com paternidade. Na obediência e no comando foi exímio e admirável, porque, como Davi, punha em tudo a “verdade” e a “justiça” com o condimento da “brandura”.

6.º) S. Francisco foi grande em tudo. Ufane-se a Engenharia militar de tê-lo por Patrono.

Um exército não marcha sem estradas, não agarra o inimigo sem varrer os obstáculos que o precedem, e só detem adversário superior opondo-lhe tropeços e fortificações.

Foi "Arauto de Deus", fazendo o papel das "transmissões". Destruiu obstáculos, construiu obras de defesa e de comunicações, impondo-se como exemplo a sapadores e pontoneiros.

Eis como S. Francisco, que é padrão de todas as virtudes, veio a figurar também como insigne Patrono da Engenharia militar, a arma dos grandes trabalhos e dos modestos lidadores na paz e na guerra.

NOTA 1

S. FRANCISCO — PATRONO DA AÇÃO CATÓLICA

S. Francisco foi um homem dinâmico, de energias criadoras. Sua força de realizações prolonga-se através dos séculos. Não faz muito, o grande Papa Pio XI, "divinamente inspirado", consoante sua própria afirmativa, criou, no final do seu vigoroso pontificado, uma novel organização universal — a AÇÃO CATÓLICA —, isto é, participação dos leigos, dirigidos pelo Episcopado, no apostolado hierárquico da Igreja. E, para Patrono desse grande exército espiritual, a quem iria buscar o venerando Pontífice? Não houve que vacilar; um grande nome se impôs desde logo, foi o do Patriarca de Assis, mercê das cintilações de sua intuição social, católica e apostólica do mundo.

Entusiásmando com essa feliz idéia — de apostolado leigo — nestes tempos em que o clero é insuficiente e que as lutas ideológicas são acirradas e frequentes, assim se exprimiu um esclarecido Bispo brasileiro:

— Esta nova forma de apostolado, sob a "liderança" espiritual de S. Francisco, parece indicar o pensamento oculto do Santo Padre, de refundir os vários ramos das Ordens Terceiras, para erigir um só exército terciário, não mais por grupos estanques, vinculados às antigas Ordens regulares de onde procediam, mas unificados, rejuvenescidos e supercomandados pela Cúria Romana, sob a imediata direção do Episcopado. Este exército terciário, disciplinado, coeso e uno, eu antevejo, só pode ser a grandiosa e novel organização da Igreja — A AÇÃO CATÓLICA.

Eis aí como o espírito vivificador de S. Francisco se transporta no correr dos séculos, suscitando novos processos de recristianização da sociedade.



Fig. 10 — Francisco, agonizante, abençôa a Pátria.

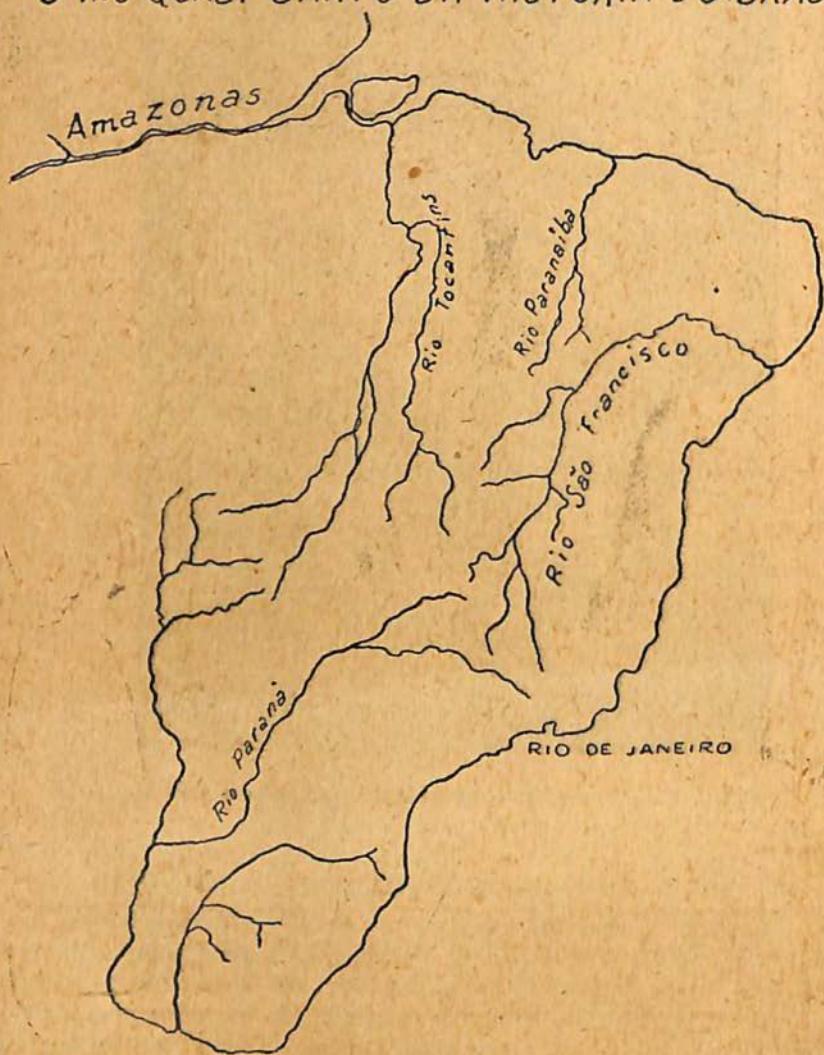
NOTA 2

O NOME DE FRANCISCO EM TODO O MUNDO

S. Francisco é alvo da simpatia universal. Os aspectos de sua personalidade, simples em si mesma, mas complexa para quem a observa de fora, vem sendo estudados, cada vez mais, há 7 séculos, por escritores e artistas de todos os credos e matrizes, em variados gêneros do pensamento, no afã de surpreenderem o segredo das transformações por ele operadas nos corações dos homens e no espírito do mundo.

Seu nome foi o alfa de um série notável de "Franciscos" que se seguiram na categoria de santos, soberanos e homens ilustres. Francisco passou a figurar no onomástico de famílias de linhagem nobre. Em todas as línguas seu nome multiplica-se aos milhões nas pias batismais e nos registros civis.

O RIO QUASI SANTO DA HISTÓRIA DO BRASIL



O RIO SÃO FRANCISCO CURVADO SOBRE OS RIOS VISINHOS, REALIZA UMA FUNÇÃO DE TRAMPOLIN NO DESBRAVAMENTO DA INTER-LÂNDIA BRASILEIRA

Diversas Ordens religiosas e sodalícios autônomos, no curso dos últimos séculos, vieram alinhar-se debaixo de seu patrocínio. Na história e na geografia das nações, a repetição de nome "Francisco" patentêia o grau de preferência que êle tem desfrutado no espírito dos desbravadores e povoadores da terra.

Tambem no Brasil os acidentes geográficos e políticos vem repassados da influência do Santo de Assis. A primeira missa celebrou-a um franciscano, Frei Henrique de Coimbra, ao plantar a primeira cruz no solo brasileiro. A evangelização do selvícola, a colonização, os grandes colaboradores do golpe do Ipiranga com Frei Sampáio, missionários de todos os tempos, Capelães de nossas operações militares, tiveram decidida participação de franciscanos. Cidades, portos, vilas, sítios, fazendas, bispados, paróquias, basílicas, capelas, irmandades, empresas, etc. etc. pontilhados na cartografia brasileira com o nome do santo, testemunham que S. Francisco é grandemente querido e piedosamente invocado no Brasil por nossos patrícios de ontem e de hoje.

Por último, surge em evidência êsse nome bizarro do *Rio S. Francisco* — "rio quase santo da história do Brasil" (*), — rio essencialmente brasileiro — que é uma página de nosso passado e uma esperança de nosso porvir, caminho andante que liga o litoral, de Leste a Oeste, com a interlândia, e, depois, numa admirável conversão à esquerda, encurva-se mágicamente de um quarto de círculo, para vincular o Norte ao Sul. O rio-corcunda parece genuflexo. E' como um braço do Santo, em atitude de amplexo, acariciando as vertentes (vide o mapa do Brasil) dos grandes rios Paranaíba, Tocantins e Paraná, no sentido de irem narrar ao Oceano, à Amazônia e ao Prata as glórias e riquezas do Brasil Central.

(*) Capistrano de Abreu.

REGINA HOTEL

PRÓXIMO AOS BANHOS DE MAR E A 5
MINUTOS DA AVENIDA RIO BRANCO

RUA FERREIRA VIANA, 29-JUNTO Á PRAIA DO
FLAMENGO -- TEL. 25-7280. END. TELEG. "REGINA"

RIO DE JANEIRO



*A "boite" do Cassino
Atlantico tem o segredo
dos grandes centros cos-
mopolitas. E' o "foyer"
onde, na presente esta-
ção, se reúne a nossa
sociedade.*

CASSINO

atlantico

A Instrução de Tiro de F. O.

(Seu aproveitamento maximo dentro da dotação)

pelo Capitão *Marílio Malaquias dos Santos*

Sendo o tiro um dos ramos mais importantes da Instrução, devemos dedicar-lhe todos os esforços e carinho, de modo que, pelo menos, cada reservista que da caserna saia, esteja em condições de efetuar o tiro até 400 metros. E para isto ser obtido, necessário se torna, que o soldado, quando em serviço ativo, tenha executado todos os tiros da série, pois só com o treinamento é possível ser obtida a prática.

Na guerra atual, em que como doutrina, o Exército alemão utiliza no máximo o fogo, para dar sempre ao inimigo a impressão de que o efetivo da tropa em luta é superior do que é na realidade, preciso se torna, que cada Brasileiro que em punhar um fuzil nos campos da luta, o faça eficientemente, com grande rapidez, mas, também, com o máximo aproveitamento, para que não haja desperdício de munição. E, assim, toda a munição que for consumida em tempo de paz com uma instrução de tiro de ótimo aproveitamento, representará uma grande economia na guerra.

Baseado nestas considerações, é que julgamos oportuno este pequeno estudo, que resolverá, cremos, as dificuldades que anualmente sente um Cmt. de Sub-unidade, para dentro da dotação orçamentaria, conseguir com que o maior numero possível de soldados execute todos os tiros a distância real. Sendo a tabela da dotação de munição de caráter reservado, este estudo não poderá ser tão explícito como é nosso desejo, pois, não nos podendo basear em números, seremos obrigado a um exame mais geral.

Pela dotação, um soldado fuzileiro que fôr reprovado em um exercicio de tiro, quer da distancia reduzida ou da real, não poderá completar a série, ficando, se fôr uma só vez reprovado, impossibilitado de executar o tiro a 400 metros. Sendo peior a sua situação, caso sofra mais uma reprovação, o que nem sempre depende exclusivamente do atirador, pois temos que levar em conta a arma, que, embora escolhida entre as de melhores calibres, são utilizadas em todas as demais instruções, o que sempre prejudica um pouco a sua eficiência, as condições atmosféricas, a qualidade do estande e as vezes, tambem da munição. Já com o soldado volteador, por ser um pouco maior a dotação da munição destinada aos seus exercícios de tiro, a situação melhora um pouco, mas ainda é precária, pois sendo um elemento que no combate somente emprega, como arma, o seu fuzil, deve estar em condições de executar com este o tiro em todas as posições e dentro dos alcances eficientes da arma. E o que se verifica é que sendo reprovado uma só vez desde que seja em uma das posições em que haja o tiro de ensaio, não poderá mais sofrer nenhuma reprovação, sob pena de ficar impossibilitado de completar a série; nas demais posições, só poderá ser reprovado no máximo em duas.

Considerando-se que nem todos atiradores possuem ótima visão, que por mais perfeita que tenha sido a instrução técnica, não se poderá corrigir completamente o sistema nervoso do atirador, o qual só mostrará melhoras com a continuação de exercícios de tiro e, finalmente, que há exercícios mais ou menos dificeis, como os de números 8, 10 e 11, verifica-se que a munição destinada à realisação dos tiros previstos é, pôde-se dizer, pequenissima.

Como resolver este problema, sem que haja necessidade de um aumento no consumo da munição e com toda honestidade possível no critério da marcação do tiro, só passando aqueles que tenham na realidade atingido, pelo menos, o limite mínimo exigido na posição ?

A solução para o caso será a economia de munição feita no bom atirador, em proveito do mal. Mas para que a Cia. a primeira vez que fôr ao estande já tenha, mais ou menos selecionados, os bons atiradores, faltando a última prova, que é o primeiro exercicio de tiro real realizado, torna-se necessário que a instrução técnica do tiro, tenha sido ministrada com a máxima dedicação, com grande constância e por auxiliares conhecidos como bons instrutores e atiradores, para que se possa ter confiança absoluta nos triangulos de pontaria. Abrindo aqui um parentesis, aconselho a todos os Cmts. de sub-unidades, que desejarem levar ao estande sómente homens que saíram realmente fazer uma visada correta, a empregarem na instrução preparatoria um aparelho de visada, de facil manejo e grande eficiencia, de autoria do soldado musico JOÃO JÓCA, pertencente ao 3.^º Regimento de Infantaria.

Vejamos como fazer a economia.

1.c) Abolindo o tiro de ensaio a todo bom atirador.

2.^º) Diminuindo de um tiro as posições ns. 3 e 9, isto é, distribuindo sómente 4 tiros, visto ser a condição de passagem 3 impactos; isto ao bom atirador;

3.^º) Suprimindo também um só tiro nas posições ns. 10 e 11, embora a dotação seja de 7 tiros e a condição de passagem 4 impactos no círculo maior, mas isto se levando em consideração a distância (300 e 400 metros respectivamente) e as posições (deitado, com a arma livre e de joelhos, com a arma livre).

Com esta economia uma sub-unidade eficazmente instruída na parte técnica do tiro, conseguirá no fim do ano de instrução estar com os seus elementos no mesmo nível, isto é, terem feitos todos os tiros previstos na série.

Este sistema de economia poderá trazer em alguns casos o prejuízo individual, para o bom atirador, pois, muitas vezes, si fizesse o uso de mais um cartucho, a sua classificação de Bôa, si fosse o caso, poderia passar para Muito Bôa, mas nun-

ca o de ser reprovado, visto que, si algum imprevisto acontecesse, lhe seria fornecido a munição que iria economizar.

Mas para Cia. nenhum inconveniente haverá, visto a classificação ser feita pela quantidade dos homens nas diferentes posições e não pela qualidade dos atiradores da Cia. Baseando-se neste sistema de classificação, verifica-se que estas sugestões estão perfeitamente enquadradas, pois, é fóra de dúvida, que uma sub-unidade que no fim do periodo apresente todos os seus homens como tendo realizado os tiros previstos na série, embora com a proporção mínima de atiradores classificados como Muito Bons, será muito mais eficiente para guerra, do que uma Cia. que cerca da metade de seus homens sómente tenha conseguido passar por todas as posições, apresentando homens ainda nos tiros 8, 9 e 10, embora a porcentagem dos atiradores classificados como Muito Bons nos diferentes exercícios, seja o dobro do da outra.

Quanto ao pedido da munição nenhuma dificuldade haverá, porquanto os estojos serão todos recolhidos, visto que a munição será na realidade consumida.

Na parte relativa a escrituração, uma vez que esta economia fôsse oficialisada, poder-se-ia escriturar para o bom atirador o número de tiros com que na realidade passou na posição e escriturar no mal o número de vezes que repetiu a posição, colcando na observação a situação de ter sido realizada com economia ou não. Isto facilitaria muito o controle do consumo da munição.

Caso a economia, dentro da base acima, fosse maior do que a necessaria para que todos os homens da Cia. completassem a série, esta seria recolhida ao Almoxarifado juntamente com os estojos e seria uma munição que a sub-unidade contraria para o treinamento dos seus bons atiradores, para os concursos de tiros.

Estas são as sugestões que creio resolveriam o problema de tiro de F. O. em uma sub-unidade.

307

○ Soldado Ferroviário

1.º Ten. *LINDENOR DE MELLO MOTTA*

No presente artigo desejo fazer uma apreciação geral do grande acervo de realizações do soldado ferroviário, mostrando, sob uma forma comparativa, o modus vivendi daquele pioneiro do progresso.

O soldado ferroviário, nos últimos anos, tem representado no Exército, talvez o menor contingente que é consagrado reservista combatente do Brasil, pois o Primeiro Batalhão Ferroviário é a única seara aonde se forma atualmente, aquele obreiro, quasi anônimo do nosso engrandecimento, ao mesmo tempo que se torna a coluna aonde repousa a garantia da continuidade das nossas comunicações ferroviárias em tempo de guerra.

Tenho acompanhado, como a totalidade dos nossos oficiais, o desenrolar da atual guerra, para o que possuo como termo principal desse determinante, a nossa colenda "A DEFESA NACIONAL", e não tive ainda a oportunidade de ver uma descrição exclusiva dos feitos desse modesto servidor do Exército, e no teatro da luta; entretanto ouço diariamente: "A R.A.F. bombardeou hoje importante nó Ferroviário; os Russos destruiram grande extensão das vias férreas que levam a Berlim; os Exércitos Alemães em seus recuos teem destruído todo sistema Ferroviário que vão deixando para a retaguarda". Quem efetua num lapso de tempo o mais curto possível tais reconstruções de importância vital para as nações em luta? Naturalmente, o soldado Ferroviário.

O Snr. Ten. Cel. Lima Figueiredo nos trouxe do Extremo Oriente importantes notícias sobre as Unidades Ferroviárias Japonesas, e mostrou Á ARMA DE ENGENHARIA BRA-

SILEIRA, como se desenvolve a instrução daquela tropa naquele País, apresentando, outrossim, dados dalguns rendimentos alcançados. Tais ensinamentos nos levam instintivamente, a fazermos uma comparação entre aquele e o nosso soldado Ferroviário e podemos inferir, com satisfação, ser o nosso, melhor e no mínimo igual áquele. Tal conclusão se chega pelos resultados alcançados nas construções das Ferrovias em que os nossos soldados são, numa feliz determinação, empregados. Digo feliz determinação porque no útil emprego dos soldados executando as missões dadas ás COMISSÕES DE ESTRADA, os nossos quadros da Arma de Engenharia, encontram ambiente fertilíssimo para se desenvolverem, tendo em vista a exuberância de recurso necessário para que as referidas Comissões se desencumbrem das suas missões, os quais meios são colocados a disposição das UNIDADES, que teem sob a sua direção. A tal respeito vejamos o caso do Primeiro Batalhão Ferroviário e nele apreciemos o soldado: — o Primeiro Batalhão Ferroviário é anualmente responsável pela execução de dois programas, um essencialmente técnico e outro, o seu normal, de instrução, e conforme a orientação geral do Comando o Batalhão é ora inclinado para o primeiro ora para o segundo, sendo necessário para a execução dos dois, e de uma forma que possamos dizer ótima, esforços enormes. Durante o tempo que servi naquela Unidade, o Batalhão era treinado de forma surpreendente para a formação do soldado essencialmente técnico-ferroviário, isto é, ótimos soldados de avançamento e de nivelamento de linha, bons executantes de terraplenagens; no que diz respeito á formação de cabos, formámos ótimos chefes de turmas, especialistas em lidar com explosivos, bons maquinistas, telefonistas, exploradores de movimento de trens, e chefes de Estações; finalmente no tocante aos sargentos, conseguimos ótimos mestres de obras, dedicados e competentes mestres de linha, e treinados chefes de seções de oficinas.

Durante a construção da linha de S. Tiago a S. Luiz, aonde empreguei as minhas atividades, a preocupação máxima de

todos que comigo morejaram, era apresentar, no fim do dia, o maior rendimento possível de trabalhos concluidos, de fornir que, para executarmos os demais assuntos do programa, aproveitávamos da seguinte forma: — Os dias chuvosos, — que em determinadas épocas do ano são em grande quantidade, — para ensinarmos a instrução geral e Educação Moral, também para efetuarmos a limpeza e reparação do material; os domingos e feriados para efetuarmos a instrução de tiro; nessas instruções os soldados se empenhavam de forma muito entusiasmante, pois os resultados conseguidos sempre foram ótimos, isto é, raros soldados não conseguiam colocar de três a mais impactos no espelho; resultados esses obtidos quer por ter sido ensinado, a miúdo, e facilmente assimilada, a instrução preparatória, quer porque nós empregávamos ótimos mosquetões, alguns novos e na sua maioria mosquetões recompostos pelo Arsenal de General Camara.

Parte do pessoal durante os domingos e feriados era empregada para o transporte do material, a fim de efetuarmos o abastecimento das várias construções que iam sendo ombreadas concomitantemente.

O soldado Ferroviário, denominação dada áquele que, vindo da colônia ou da cidade, tem a ventura de tirar o seu tempo militar, conduzindo em seus ombros, a semelhança do antigo batalhador quando conduzia o archote sacrossanto do cumprimento do dever o entregava á seguinte geração, prenhe de vitória em todas as suas componentes que dirigiam o desenvolvimento da Pátria para cima e para o alto; aquele nosso soldado ao receber das mãos do seu comandante de companhia o certificado de reservista, sente a satisfação de ter deixado nas paragens, muitas vezes inhóspitas e insalubres, por onde passaram, o traço indelével de uma vida profícua e produtiva; ele mostra de forma inequívoca, ao companheiro que o vai substituir, o resultado de um esforço inteiramente dedicado ao serviço do Brasil, cuja confirmação se caracteriza de forma elementar, pela vibração que sacode para frente aquelas para-

gens, já então despertadas diariamente e de forma regular, pelo silvar da locomotiva, levando com o seu resfolegar incansável, a prosperidade aos recônditos mais longínquos da nossa Pátria.

O soldado Ferroviário não tem, normalmente, como os seus companheiros das outras Armas, o prazer de mostrar, nos dias de Festa Nacional e pelas avenidas engalanadas, o resultado dos conhecimentos da brilhante ordem unida, auridos durante os inflexíveis exercícios.

O soldado Ferroviário não tem oportunidade, como os de mais de, sob a aclamação do povo, sentir o mixto de orgulho e alegria, maximé ao passar por um grupo de admiradores ou admiradoras de sua Unidade e receber delas os justos vivas; ele não tem oportunidade de sentir o frenezí, ou uma coisa qualquer que talvez tenha como limite o êxtase da suprema satisfação, ao passar em frente aos palanques das autoridades, sob o som de bandas marciais, e ao efetuar a sua impecável continência receber delas, como uma afirmação da sua intangibilidade, a saudação misturada com uma salva de palmas. Ele não sente o prazer que causa uma DISPENSA DA REVIS-TA que o permitisse ir ao cinema ou ao FOOTING DA PRA-ÇA; ele é destacado, depois de um curto espaço de tempo de adaptação na sede da Unidade, para locais os mais variados possíveis e todos em plena CAMPANHA; ele fica nesses locais sob as ordens, normalmente, de um oficial jovem, cheio de ardor e que possue comumente a mística do trabalho, e tem ainda em seu espírito, bem vivo, o lema que o guiou nos inclementes exercícios da Escola Militar: O SOLDADO E' SUPERIOR AO TEMPO" e com ele (o soldado Ferroviário) desde que o Sol aparece até que se põe, e muitas vezes pela noite a dentro enfrentam, sem fraquejar, as intempéries e os precalços das missões a serem cumpridas.

O soldado Ferroviário não tem, como os seus colegas das outras Armas, o prazer, de após o seu árduo trabalho, repousar num alojamento confortável, ou divertir-se na Biblioteca das praças, aonde encontram-se também jogos de salão. Ele dedi-

ca as suas poucas horas de lazer, á lavagem da sua própria roupa ou ao jogo de "Bocha" em canihas improvisadas. Ele habita em alojamentos de madeira cobertos de zinco, hostis nas duas estações fortes do ano.

O soldado Ferroviário não tem o contentamento íntimo que causa a todos soldados, o testemunho dos seus amigos e parentes, ao vê-los voltarem ou sairem para um exercício fora do quartel, maximé quando voltam, a maior parte visivelmente cansada, e não obstante, entôa com ardor as canções das suas Armas. Os únicos testemunhos do soldado Ferroviário são: o quero-quero o qual com seu estridente e constante alarme, apenas quebra a monotonia de que se reveste, ás vezes, a continuidade do trabalho a par de um cenário pouco variável; o anum branco e o gado que com os seus movimentos formam, nas cochilhas ondulantes e que se sucedem sem cortes bruscos, um panorama harmonioso de um bucolismo imutável. Ao voltar da seara, ora sentado ora em pé nas pranchas puxadas pelas pequenas locomotivas, um bem cansado, deixa transparecer em seu semblante um mixto de melancolia e satisfação, nascido das saudades dos seus pais ou da noiva que deixou na Colônia distante; satisfação, por poder voltar de trem, pelo mesmo caminho, que na manhã tivera que atravessar a pé, e isto concorrera para se alcançar, em tal dia, "TUPANTUBA", aonde falam, haverá churrasco; outro, mais forte, vem descrevendo as fases humorísticas registradas no dia, o que torna a viagem cheia de lances alegres. Todos eles repetem e sentem os dizeres dos oficiais: "hoje aumentámos de mais alguns metros os braços do Brasil, que partindo dos grandes Centros, parece, num perene amplexo, querer abraçar o interior". Os mestres de linha veem descrevendo fatos de antigas construções: "certa vez, no rigor do inverno, foi decidido que a alvorada passaria a ser ás quatro da madrugada, a-fim-de que os soldados não se alarmassem com a "Grossura da Geada", isto é, iriam até o local do trabalho ainda ás escuras, e em lá chegando, não temiam vontade de falharem, pelo contrário, procuravam me-

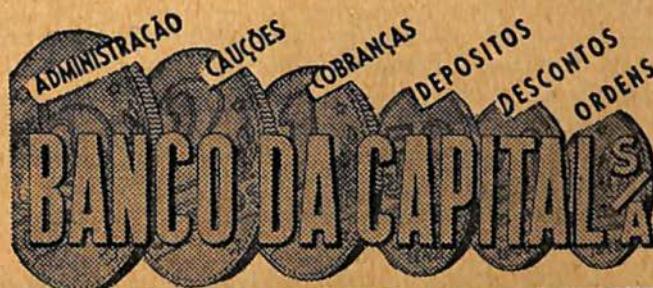
xer-se o mais possível a-fim-de não sentirem o “LEVANTAR DA GEADA”; foi realmente uma ótima medida do SENHOR TENENTE, que, em nossa companhia, só víamos a geada na ponta da linha.

Para o soldado Ferroviário os dias são aqueles que marcam a chegada das pontas dos trilhos à determinada localidade, a conclusão da abertura de um corte ou o término de um aterro; nesse dia o rancho é melhorado, isto é, há churrasco e guaraná, e é deixado para um lado, e por um dia, o pesado trilho, o dormente, a marreta de pregação, a pá e a picareta.

A-pesar do padrão de vida desigual, ele gosta muitíssimo da vida que leva, pois é fácil a sua adaptação, tendo em vista ser a dedicação ao trabalho o essencial para o desempenho do seu dever, e isto, ele, na sua maioria, já o tem na massa do sangue, e a vida se torna, na realidade, muitíssimo entusiasmante, principalmente quando, O AVANÇAMENTO OU O NIVELAMENTO DA LINHA se aproxima de uma determinada localidade, que há muitos anos está a espera dos trilhos; a esse respeito me lembro de quando a linha aproximava de S. Luiz Gonzaga, Cidade que desde o tempo de PINHEIRO MACHADO esperava a estrada de ferro, registraram-se fatos como o que se segue, o qual demonstra a anciedade do povo daquelas plagas missioneiras: “QUANDO FUI LOCAR A ESTAÇÃO DE S. LUIZ GONZAGA, um velho contemporâneo de Pinheiro Machado perguntou-me: Tenente, quando verei os trilhos? Desde 1914 que eu vejo engenheiros chegarem com aparelhos, depois ví oficiais baterem a estaca zero, porém nunca ví os trilhos, chego as vezes, a não acreditar que antes de morrer os verei. E para mais uma glória do soldado do Primeiro Batalhão Ferroviário, os trilhos lá estão, e o velhinho poude, ainda com seus oitenta e seis anos, BATER O ULTIMO PREGO. Por esse tempo o soldado Ferroviário não invejava de forma alguma os seus irmãos das outras Armas, pois, era alvo das maiores demonstrações de carinho por toda aquela região, a nós legada pelos nossos ante-

passados Paulistas para a qual, a roda e o trilho, conduzidos por seus braços, levavam a prosperidade. Com esse último feito o soldado Ferroviário, ou melhor o soldado do Primeiro Batalhão Ferroviário orgulha-se de ter concorrido de forma muitíssimo destacada para ter, no decênio 1932-1942, concluídos quinhentos quilômetros de estrada de ferro, isto é, uma admirável média de cincuenta quilômetros anuais entregues a um tráfego seguro.

O soldado Ferroviário, finalmente, possui em alto gráu, além dos sentimentos que tangem os demais soldados, a convicção de que está desenvolvendo um esforço eminentemente útil, elevando numa realidade inconteste politicamente a unificação nacional, ao mesmo tempo que amplia, facilita e completa o sistema interno de comunicação Ferroviária; tal sentimento atinge ao máximo quando ao ser entregue, à utilidade pública o "substratum" de sua atividade, vê, no desfile inaugural, e na mistura das aclamações frenéticas do povo, a tríplice representação tangível do Brasil.



ABERTO DAS 9,30 AS 19 HORAS - SEM INTERRUPÇÃO
RUA 7 DE SETEMBRO, 98/100 - RIO - TELS. 42-9073
42-2474

O Brasil precisa de mais cimento

Todo esforço que se faça no sentido de ampliar a industria do cimento, em nossa pátria, bem merece os mais acéssos aplausos. E' que, agora, mais que nunca, o Brasil precisa de cimento e poucas são as fábricas existentes, não chegando sua produção para fazer face às necessidades sempre crescentes da nossa industria da construção civil.

Ainda há pouco, em memorável entrevista cuja repercussão foi profunda, o ilustre militar que é o general Agostinho dos Santos ressaltava a necessidade que o país tem de instalar novas fábricas de cimento, afim de que o seu progresso não estacione. Dizia isso o brilhante soldado após visitar as instalações da Cia. Cimento Portland do Paraná, que a energia e o patriotismo do engenheiro Jorge Bueno Monteiro estão erguendo no solo fértil da gleba paranaense, onde o Interventor Manoel Ribas, com seu alto senso administrativo, incentiva todos os empreendimentos industriais capazes de acelerar o ritmo de progresso que sacode a terra de Emiliano Pernetta.

Será, essa modelaríssima fábrica de cimento, uma contribuição valiosa para nosso engrandecimento industrial. Sua produção, que será das maiores, concorrerá para que não importemos tanto cimento estrangeiro e será, também, um valioso incentivo à construção civil, hoje sujeita a cotas que não chegam para as grandes tarefas que se lhe apresentam.

Ainda há poucos dias, falando sobre a situação angustiosa que vive a industria de construção civil, no que se refere a cimento, dizia o sr. Martins de Almeida, secretário do Sindicato da Industria da Construção Civil:

“Quanto ao cimento, é sabido que a cota destinada à construção civil está muito aquém das suas necessidades normais. Além do racionamento a que estamos procedendo, dentro das normas que acabo de expor, resta-nos uma única solução que é a da importação do produto similar estrangeiro”.

Dessas palavras se conclue que, empreendimentos como a instalação da Cia. de Cimento Portland do Paraná, ou outros que venham a ser tentados, com o objetivo de alargar a produção de cimento no Brasil, representam valioso e patriótico serviço prestado à nação e ao surto acelerado de seu progresso. Foi isso, aliás, que em períodos claros e incisivos, afirmou o general Agostinho dos Santos em sua oportuna entrevista, acentuando a necessidade que o Brasil tem de produzir cimento, muito cimento.

Justifica-se, pois, deante dos fatos em toda sua eloquência, o apoio que todos os círculos econômicos e industriais estão prestando ao organizador da nova fábrica de cimento, engenheiro Jorge Bueno Monteiro.

O Oficial de Ligação na Artilharia

Relatório do Cap. W. V. Ledley, da AA. Norte Americana, extraído de THE FIEL ARTILLERY JOURNAL, de Jan. de 1944. (Tradução do Ten. Cel. Armando Vasconcelos).

O artigo que temos o prazer de apresentar, pareceu-nos muito interessante, porque se trata de um relato sincero, fiel e instrutivo sobre a difícil tarefa de oficial de ligação da A. junto à I. correspondente a episódios passados no atual conflito. Esse trabalho põe em relevo o papel das transmissões e suas necessidades para facilitar a delicada e penosa tarefa do interprete do comando da A. junto aos comandos interessados pela sua intervenção rápida, oportuna e decisiva.

Essas triplice característica da intervenção do fogo na batalha, envolve toda a complexidade dos problemas atribuídos à A. Divisionária (organica e de reforço) e como que justifica a existência de órgãos especiais consignados na organização das unidades de emprego, todos, porém, tiranicamente condicionados por sua "magemade" — as transmissões.

De feito, elas são indispensáveis para satisfazer:

- as necessidades intrinsecas da A
- as necessidades de sua combinação com as outras armas na execução pura e simples da manobra.

Na 1.^a categoria, essas necessidades destinam-se a atender:

- a direção do tiro, problema técnico das baterias (P.D. Linha de fogo, P. C., etc).
- a direção do tiro, problema técnico das baterias (P.D. tico dos grupos visando a articulação dos tiros das baterias no quadro da manobra. Graças a essa coor-

denação é possível centralizar essa direção até nos es-
calões superiores.

Na segunda categoria, elas devem facilitar aquela manobra de fogos, tendo em vista o seu emprego em massa em combinação, essencia da manobra a realizar.

Para que tudo isso se processe rápida, precisa e eficazmente, a A. tem necessidade de orgãos complementares capazes de assegurar sua ligação com as unidades a apoiar:

- os observadores avançados assegurando a continuidade de ação em qualquer emergencia do combate e garantindo a segurança das tropas amigas, não importa onde estejam.
- os observadores aéreos orgânicos que completam a tarefa dos primeiros e de grande utilidade na remoção de incidentes no combate.
- o oficial de ligação com seus auxiliares imediatos, constituindo os destacamentos de ligação. São orgãos permanentes. Tem um duplo papel — manter constantemente informados os comandos da A. e da Arma apoiada, sobre a situação do momento, seu dever, missão atual e suas possibilidades, facilidades para o desempenho de missões complementares, natureza dos objetivos e seu selecionamento oportuno, enfim é o híato do binário fogo-movimento.

Todo esse trabalho, porém, como sabemos tem seu exito estabelecido no funcionamento perfeito das transmissões.

O mérito do trabalho está em apresentarmos nas situações correntes do combate, as condições favoráveis para o emprego dos meios de transmissões-radio e fios telefônicos simultâneos ou separadamente. Além disso, serve de magnífica advertência sobre o caráter especial da instrução a ser ministrada a estes orgãos auxiliares da A., geralmente descurada.

Passemos a palavra ao Cap. Ledley.

Quando me foi confiada a tarefa de oficial de ligação de

um Batalhão de A. media, eu tinha uma concepção vaga dessa função.

Os Manuais de Campanha não são muito explícitos a respeito de ligação, particularmente no âmbito da Artilharia Média.

Depois de algumas experiências durante a campanha da Tunísia e, recentemente da Sicília, chegou-se a estabelecer um processo exequível, que foi largamente difundido.

Embora o T/O, de Abril de 1942, sobre que ainda trabalhamos, cogite apenas de um oficial por seção (1), temos invariavelmente sido obrigados a fazer a ligação com os dois Grupamentos Táticos (combats teams) mais ativos. Isto se tem executado, a despeito à dificuldade de reforçar aquela dotação, mas premidos pelo perigo de poder atirar sobre eles em qualquer área em que possam atuar através da unidade de tiro de artilharia responsável por aquele setor.

Não obstante todos os esforços envidados, a A.D. nem sempre pode estar informada sobre a última linha atingida por todas unidades que compõem a frente da Divisão.

Cada uma de nossas seções (de ligação) tem sido constituída de um NCO (Sgt. observador), 1 radio operador, 1 mensageiro, 1 "jeep" com reboque porta munição de I., 1 aparelho radio S. C. R.-610 e um radio S. C. R.-294, ambos montados.

Não há dúvida que nosso pobre "jeep" fica sobrecarregado com tanta cousa, mas cada homem e equipamento discriminado torna-se indispensável.

O motorista para levar-nos e escrever as mensagens, o Sgt. Obs. (N/C/O) para substituir o oficial (a ligação criteriosamente executada tem um ciclo de 24 horas durante uma

(1) O T/O e o T/Es, datados de 15 de Julho de 1943, prevêm, para a A. Média, apenas 1 oficial de ligação (capitão), 1 "jeep" com 1 posto de S. C. R.-610 montado e um motorista.

Advertimos que alguns pormenores aqui descritos não correspondem necessariamente a situação preconizada pelas novas tabelas, embora sigam rigorosamente os princípios regulamentares que permanecem os mesmos. (O Editor).

ardua batalha), o radio operador para trabalhar continuamente quando não houver direta pelo fio entre os batalhões. Nas situações de perseguição tem-se normalmente esse caso. Nessas situações, desde que a A. percebe que já não há I. suficiente à sua frente, torna-se essencial assegurar uma instantânea alternância dos meios de transmissões, independentemente de fios.

Nos terrenos difíceis sobre que temos operado, quando o Batalhão leve avança para a frente permanecendo o Batalhão Medio em posição, o S. C. R.-610 fica fora de alcance o que obriga o emprego imediato do S. C. R.-284.

A solução ideal, sobre o ponto de vista transporte e transmissões, consistiria em levar-se um carro de comando com um S. C. R.-608 montado que satisfaria todos os casos.

Quando fui destacado para junto do P. C. de um Batalhão leve, procurei instalar-me junto a uma arvore existente a umas 50 ou 100 jardas da Central de tiro. Si o Batalhão em apreço estendesse uma linha para entrar na central do Batalhão apoiado, bastaria a inserção de um quadro nesse central para que eu e a central de tiro pudessemos contar com uma linha direta, o que é essencial para facilitar a execução das missões urgentes de tiro. .

Ainda que se mantenha uma escuta permanente no âmbito da central de tiro, é impossível ficar-se ao corrente da situação porque as informações sobre os resultados das missões de tiro são recebidas por partes e fragmentadas. Por mais ativo, pois, que seja o E. M., a carta da situação nesses momentos tormentosos da luta, não terá seus dados em dia. Para poder manter meu Batalhão informado, nessa fase, sobre a situação que é frequentemente confusa, terei certamente uma tarefa difícil, agravada em certos momentos pelas transmissões. Daí a condicional de que, somente quando se dispuser de uma linha direta, será possível contar com dados completos sobre a situação vivida, em condições de serem explorados utilmente.

Quando se conta exclusivamente com o radio, tendo que trabalhar frequentemente sem luz adequada para a cifração

conveniente das mensagens, alem da perda de tempo há o risco de erros, de modo que os dados tendem a se tornar obsoletos quando forem recebidos. Nesse sentido não se evoluiu satisfatoriamente quanto a rapidez na transmissão das mensagens, inclusive em codigos que se aconselham nesse genero de mensagens para facilitar sua transmissão. Certas unidades devem ser preparadas especialmente no manuseio dos codigos de mensagens, constituindo um recurso excelente para a execução das missões de tiro, mas de necessidade absolutamente limitada para outros usos.

Um outro meio práctico e exato para a informação sobre a situação, consiste no calco, mas há o inconveniente de exigir um portador. Justifica-se muitas vezes, a hesitação de se expedir o unico "jeep" para conduzi-lo, prevalecendo duas razões principais: 1.º se terá que desloca-lo varias vezes por dia para, talvez, levar muito curtas notícias; 2.º devido ao tráfego intenso, seremos forçados a desloca-lo por estradas perigosas, o que constitue um grande risco, notadamente durante a noite.

Por outro lado, as linhas telefonicas, ligando os dois Batalhões atravez a Central da A. D. oferecem um valor limitado para o oficial de ligação, salvo nas transmissões urgentes. Uma ou outra dessas linhas está constantemente ocupada e, si uma delas necessita entrar em conexão por muito tempo, essas duas unidades ficarão impedidas de se comunicarem com o Q. G. do escalão superior.

Em tal emergencia, é mais aconselhavel confiar inteiramente no radio, sobretudo quanto as missões de tiro. As missões de tiro eventualmente ocupam grande espaço de tempo. Ainda assim, será vantajoso e possivel ligar um observador da A leve diretamente com a nossa propria central de tiro. Eu raramente fiz assim e comumente retransmiti as mensagens por meio de postos de muda. Não obstante, reconheço que há grande probabilidade de erro nessa retransmissão, especialmente quando o observador está inquietado pelo fogo inimigo e tem que

enviar seus comandos ao telefonista situado no sopé de uma colina exposta.

Ao iniciar a tarefa, conheço perfeitamente como minha unidade pretende cumprir sua missão, porem si as cousas se tornarem mais ou menos confusas na execução do combate, precisarei novos esclarecimentos que me devem ser proporcionados afim de evitar a tendencia para divergencias de interpretação, as quais devem ser reduzidas ao mínimo.

Essas providencias tornam-se importantes quando o observador vai partir e terá que falar atravez de um posto duplo de muda de radio ou conversar com uma seção de linha, os quais devem ser autorizados a servi-lo e não repeli-lo.

Um dos deveres do oficial de ligação consiste em declinar de atender certos objetivos indicados, fora do alcance da A. Media.

Muito frequentemente, tive que ir de encontro ao meu próprio julgamento sobre o tipo mais conveniente de objetivos, particularmente de contrabateria, devido a tendencia condenável das unidades de apoio direto quererem intervir para mostrar sua própria eficacia o que resulta, temporariamente, em ser esquecida a nossa presença.

Certa vez, tive que consultar o PC sobre qual era o emprego da outra Artilharia, de vez que conheciam tão bem nossas possibilidades e o que devíamos fazer ? E nesse caso, por que não íamos para junto da Infantaria ?

As razões expressas foram: a I. está bem coberta pela ligação, pelos observadores avançados, os P. O. das baterias em apoio direto às unidades e, ainda, pelas transmissões. Si nos deslocassemos, com nossos radios e tendo que estender linhas telefonicas, os dois Batalhões ficariam fora do alcance das transmissões, anulando, pois, a nossa missão de reforço.

Em tais emergencias, os radios das unidades apoiadas ficariam indisponíveis, ocupadas com suas próprias missões.

321 "Ensaio de Psicologia da falta disciplinar nos Corpos de Tropa"

Pelo Capitão *Carlos Coary de Iracema Gomes*

As fileiras de nosso Exército, alongando-se cada vez mais com elementos originários de meios diversos, constituem massa heterogênea que precisa ser trabalhada pelos instrutores com habilidade e carinho.

Orientar novos soldados na vida militar, amoldar-lhes o caráter, desenvolvendo certas qualidades, anulando alguns defeitos e penetrar em seu íntimo, compreendendo-os para bem comandá-los, não é obra fácil. Exige inclinação especial e sobretudo experiência.

Educar é problema de capital importância cuja dificuldade é mais crescente, quando se trata de adultos de caráter já formado e que pretendemos modificar durante o curto tempo do serviço militar.

Muitas vezes o chefe assume o comando de uma tropa cujos homens desconhece em quasi sua totalidade. Os erros de psicologia em que incorre arrastam os subordinados ao cometimento de faltas que poderiam ser evitadas. Para disciplinar uma tropa é preciso observar, perscrutar e conduzir, pouco a pouco, ao caminho certo, o que não é possível em curto tempo, porque educar é sugerir diretamente e produzir, pela ação repetida, um certo numero de hábitos necessários que se tornam impulsões reflexos que dominarão ou desenvolverão as tendências naturais. Essa transformação só se pode operar lentamente.

Certo comandante disse-nos com muita perspicácia: — "Quando o xadrez está muito cheio, sempre nós é que estamos errados" — Realmente, quantas vezes no exercício de nosso

comando temos podido evitar que um subordinado se desoriente?

Sabemos do valor de um conselho para certos homens e de sua inutilidade para alguns caracteres. O efeito do castigo depende da natureza íntima de cada indivíduo. Produz reações que variam desde a revolta interior ao medo que toma forma de submissão. Assim sendo, essa palavra adquiriu muitas definições de acordo com o ponto de vista de cada época, do meio e mesmo de cada autor. Vejamos algumas das colecionadas por Frederico Nietzsche quando esse filósofo estuda a origem da moral.

— "Castigo, meio de impedir o criminoso a continuar a causar danos".

— "Castigo, meio de redimir-se para com a pessoa ofendida e sob uma forma qualquer" (por exemplo, uma compensação em forma de dôr).

— "Castigo, meio de restringir e limitar uma perturbação de equilíbrio para que não se propague".

— "Castigo, meio de crear uma recordação, quer no castigado (correção"), quer nos espectadores".

Para Guyau o castigo é apenas um símbolo. Diz que o fator precípua é a pena moral que deve acompanhar a pena física e depois substituí-la. Firmado neste princípio com o qual inteiramente concordam todos os educadores modernos, nosso regulamento disciplinar exclui a pena física (prisão) quando são notados os efeitos morais desejados. No decorrer de nossa vida profissional, num período cerca de dez anos, estudámos com atenção a gênese da falta disciplinar. Pela análise meticolosa de tres mil fichas de punição existentes nos corpos em que servimos, pelo julgamento que tivemos de fazer pessoalmente de complicados casos que surgiram na vida diária de quarteis, podemos estabelecer dois grupos psicológicos principais, para o primeiro passo de uma classificação, em que pretendemos encontrar causas determinantes de procedimentos contrários às imposições do meio militar. O primeiro grande grupo e dos

transgressores eventuais, onde todo soldado é susceptível de ingressar, só não o fazendo excepcionalmente. Nele encontramos os que cometem faltas por ignorância das ordens e regulamentos.

Os que não possuem boa dose de atenção voluntária. Os que são accreditados de perturbações morais passageiras, refletindo na conduta, quasi sempre de fundo afetivo ou relacionadas com o libido, tornando-os desatenciosos, desanimados ou irritados (morte ou doença de entes queridos, questões íntimas de família, irregularidade sexual, práticas onânicas etc.). Os que possuem personalidade ainda não recalcada, em virtude de educação militar deficiente ou ainda não concluída. Os que demonstram sintomas de fadiga, tornando-se irritados. Casos que se apresentam muito comumente em fim de jornadas muito trabalhosas e quando a alimentação distribuída não corresponde ás necessidades orgânicas. Os que sofrem vacilação passageira de caráter, refletindo em certos atos considerados desonestos, como por exemplo, pequenos furtos muitas vezes com simulação de brincadeira entre camaradas, conhecida na gíria dos quartéis por "desapertos", não sendo acompanhados, entretanto, de características criminais.

O segundo grande grupo é o dos inadaptados. Nele distinguem-se comumente os constrangidos, para os quais o serviço militar muitas vezes entra em choque com as atividades que desejam exercer ou desempenhavam na vida civil. Os ausentes de força de vontade que sempre fraquejam nos esforços prolongados. Os que não possuem noção de dever militar, desconhecendo a importância da organização de que fazem parte e que são impermeáveis ás ações sugestionadoras dos chefes.

Encerram o último grande grupo os "irremediáveis". São indivíduos de caracteres anômalos que poderão ou não ser reeducados, mas não pelo exército porque pertencem á patologia. São muito raros. Só ingressam em suas fileiras por não terem apresentado á entrada indícios de anormalidades que

os incapacitassem para o serviço militar, surgindo entretanto, depois da incorporação.

Os transgressores por inadaptabilidade são aqui considerados científicamente normais, com exceção dos "irremediáveis" que assim denominámos, apenas em face dos recursos de que dispomos para reeducá-los, nos aspéto possíveis, posto que constituem casos clínicos e por isso fóra da alçada dos chefes combatentes.

Examinando os motivos encontrados que deram origem a punições, escrituradas em fichas que estudámos detalhadamente em nossos apontamentos pessoais, encontrámos, para mil casos de transgressões eventuais as seguintes porcentagens:

Ignorância das ordens ou regulamentos	15 %
Pouca atenção voluntária	33 %
Perturbações morais passageiras refletindo na conduta	15 %
Personalidade não recalada	24 %
Fadiga	0,5 %
Embriaguez	0,5 %
Outras causas	10 %

Para os transgressores eventuais da disciplina, o castigo, quando acompanhado da pena moral, produz excelentes efeitos. Para os inadaptados não logra produzir resultados semelhantes. Para esses, nossa observação pessoal tem constatado a ineficácia das detenções ou prisões, posto que se sucedem essas sempre, cada vez mais agravadas, até o gráu máximo da exclusão disciplinar que, na maior parte dos casos, pôde ser evitada pela atuação progressiva, sugestiva e diária do chefe, que deverá aplicar aos inadaptados, sempre que possível, punições leves, isso mesmo mais pelo efeito que produzirá sobre os outros elementos que achariam injusta a impunidade.

A instrução anti-carro na Artilharia

Por um oficial de Artilharia do Exército Britânico, transcrito de "The Field Artillery Journal" de Agosto de 1943.

TRADUÇÃO DO

Ten.-Cel. ARMANDO VASCONCELOS

"A essência da tática da Artilharia Anti-1Carro é a ação por surpresa, de posições bem disfarçadas e na distância eficaz de tiro".

Em síntese, uma *emboscada*.

Para isso:

a) — Os canhões devem ser abrigados e "camuflados" e as guarnições devem ser treinadas nesse gênero de posições por meio de movimentos desembaraçados.

b) — O chefe de secção e o artilheiro não devem ser treinados apenas em abrir fogo; devem iniciar-se longe de suas posições, até que possam estar aptos a:

- 1.º) — atingir o tanque no 1.º *disparo*;
- 2.º) — atingí-lo em um *ponto vulnerável*;
- 3.º) — distribuir o tiro em condições de deixar o tanque guia introduzir-se na zona de tiro dos canhões não lhe permitindo, se o tiro falhar, que se abrigue, mergulhando numa cova do terreno antes de ser submetido a mais 2 a 3 disparos.

Estes objetivos devem ser bem apurados, expondo-se frequentemente as guarnições a situações difíceis para adquirir bons reflexos, porque os oficiais raramente estarão à mão no campo de luta e o sucesso ou desastre ficará na dependência direta da iniciativa da guarnição de cada canhão.

Os tanques não trabalham isolados mas em grupos de 3 ou mais, não raro apresentando formas heterogêneas.

O canhão se atirar de frente será rapidamente denunciado pelo clarão, podendo ser assinalado de longe, o que prejudicaria a surpresa.

Entretanto, o tanque guia sendo mais rápido, ou o tanque mais perigoso, ao apresentar-se face a arma, poderá permitir que os restantes se engajem mais cedo. Daí, dever-se silenciar o tiro até que o tanque esteja dentro das 600 jardas, ou a menor distância para sofrer o golpe do 1.º tiro. Não se deve esquecer que um mal calculado lance em distância, além de outros inconvenientes, pode ocasionar um êrro. Assim recomenda-se que o escalão mais rápido deve atirar uma rajada cuidadosamente apontada sobre a 2.ª e 3.ª ordens de carros que são as favoráveis do ponto de vista anti-carro e, mercê da habilidade da guarda, poder-se-ão dispersar os outros tanques, antes de agir.

Em consequência, seria evidente que os escalões devem ser treinados para atirar com firmeza e precisão, tão rapidamente quanto exijam as circunstâncias. A própria rapidez de fogo não é uma situação favorável ou propícia ao êxito do tiro de modo que só a habilidade e o hábito de se manter a pontaria perfeita, com rapidez, se torna condição de êxito.

A rapidez de tiro, sendo tão desfavorável à firmeza e à precisão do disparo, torna-se, no entanto, imperativa em muitos casos. O padrão mínimo de eficácia necessária seria de 50% de impactos sobre o alvo. Este o objetivo a atingir na instrução.

CHEFE DE SEÇÃO

O Chefe de Seção está para o grupamento de canhões anti-tanques como os olhos e a inteligência estão para os atiradores.

Ele é responsável pelo correto manejo dos canhões e pela manobra do destacamento afim de que os tanques inimigos possam ser destruídos com o mínimo de rajadas. Seu primeiro dever ao avistar um tanque é distinguir se se trata de amigo ou inimigo. No Norte da África era frequentemente muito difícil consegui-lo, devido às nuvens de poeira e à obscuridade, e especialmente, porque os tanques Britânicos apreendidos eram usados pelo inimigo para preceder as vagas atacantes. É essencial, portanto, examinar os tanques tais como aparecem; havendo mais de um as diferenças podem ser notadas. Desde que se trate de tanques inimigo, o Chefe de Seção dá ordem para engajar-se e ordenará *fogo*, desde que o tanque tenha atingido um ponto situado à distância eficaz de seu canhão. Si a 1.ª rajada errar o alvo, deve ser imediatamente corrigida, fazendo-se uma alteração para precedê-lo ou atingí-lo em alcance. (O artilheiro nunca deve alterar seu alcance, deriva ou ponto de pontaria sem ordem expressa do seu Chefe de Seção). O objetivo consiste em *atingir o tanque rapidamente*.

Faz-se, pois, necessário selecionar com rigor o Chefe de Seção, de modo que possua rápido golpe de vista, temperamento forte, sangue frio e senso comum.

Sua instrução deve comportar:

- a) — Instrução completa sobre o equipamento em uso, e sua conservação em campanha;
- b) — Instrução prática sobre os cuidados e manutenção dos transportes a motor.
- c) — Curso sobre o tanque de reconhecimento.
- d) — Conhecimento dos tanques, seus pontos vulneráveis, sua tática, etc., mediante leituras, films, diagrama, e montagem de combate onde os canhões anti-tanques tenham sido localizados.
- e) — Avaliação de distância, de velocidade e aplicação sobre o tanque guia. Estes resultados podem ser conseguidos somente pela prática e por um curso selecionado, em que se empregariam o caminhão ou "tanques simulados", como alvos para permitir ao Chefe de Secção exercitar-se durante apenas 1 semana. Este assunto talvez seja o mais importante do curso.

f) — Tabela de alcances para rápida e corretamente poder conduzir a reação logo que caia o tiro. Uma prática constante deve constituir a chave da instrução.

g) — Trabalho prático e leitura sobre a proteção e o disfarce.

Outros membros da guarnição necessitam de instrução similar. O artilheiro necessita de um treinamento especial sobre direção e salto (entrada e saída) sobre os tanques.

TREINAMENTO DA GUARNIÇÃO

O exercício da bateria de canhões (batalhão) deve ser montado em um quadro tático simples, capaz de despertar interesse.

Organizam-se pequenos destacamentos, nos quais os canhões podem ser colocados a 100 jardas uns dos outros, como intervalo conveniente. Em cada canhão haverá um árbitro com o fim de criticar a posição das outras peças e observar o trabalho das guarnições.

Os pontos a serem focalizados nesta forma de exercício consistem na disciplina de marcha, no disfarce (camouflage), entrada em posição, pistas, roteiros (range cards), método geral de pontaria, disposição geral do equipamento, abertura de trincheira, de espadões, etc...

TREINAMENTO PARA AVALIAÇÃO DA RAPIDEZ DOS CARROS E DAS DISTÂNCIAS

Objetivos:

- a) — uma peça desdobrada num terreno de 400x500 jardas, pode ser vista de várias distâncias desde 800 jardas;

- b) — um veículo que apresente o mesmo tamanho de um tanque ou fórmula semelhante a sua silhueta, deve estar munido de velocímetro e motorista experimentado;
- c) — um aparelho rádio no veículo ou no posto do motorista e outro no ponto de observação do instrutor — executa o controle.

Métodos: —

O motorista recebe ordem de se deslocar em uma velocidade conhecida (15, 20 e 30 milhas/hora) numa distância de 400 jardas e daí retorna a seu ponto de partida na mesma velocidade.

Os Chefes de Seção são colocados sobre um ponto de distância conhecida para o veículo e são arguidos para estimar a distância e o avanço (não velocidade) aparente de um lugar para o outro. O instrutor que conhece a resposta correta, só a transmite depois da prova.

Eles observam a repetição do erro, para se corrigirem.

O ponto de observação é em seguida mudado (pode apresentar-se em ângulo com relação a orientação) e o exercício deve repetir-se.

Nota: —

A velocidade do veículo em si não constitue matéria de cogitação para o Chefe de Seção. Ele interessa-se por julgar o avanço conseguido e isto depende simultaneamente do ângulo de aproximação e da velocidade do alvo.

O alvo é conservado em completo segredo tanto para o artilheiro como para os Chefes de Seção. Pela tática constante do Sub-calibre aplicado aos canhões o alvo será atingido do mesmo modo que se conseguirá a perfeita coordenação entre as guarnições dos canhões. A prática constante do Sub-calibre permite aumentar grandemente a percentagem dos impactos quando for empregada a munição do calibre verdadeiro.

Nos exercícios com o sub-calibre a guarnição utilizará todas as cobertas do terreno. Sómente quando um padrão de 70% de impactos for conseguido é que a prática do trabalho em "pleno campo" deve ser executada como prova de aproveitamento.

Isto posto, vejamos algumas observações interessantes, na questão de emprêgo, feitos por um artilheiro britânico.

1 — Prelúdio do combate.

O serviço no Exército britânico oferece preciosas lições com a experiência dos 3,5 últimos anos, relativamente ao emprêgo dos tanques e dos canhões anti-tanques.

Baseado nela, todos os povos reconheceram a necessidade de um treinamento especial a este respeito. No ambiente atual de combate cerrado, torna-se claro que estará melhoramente favorecido quem atirar o

1.º golpe" pelo que a velocidade e o cuidado em destruir o alvo se tornam fatores indispensáveis. Um potente armamento, produzindo trâjetórias rasantes, com grande rapidez de tiro, pôde suprir a falta de precisão nos disparos. Por isso, um treinamento sério e constante se faz reclamado, para lograr esse efeito.

Como era natural, a moderna tática dos tanques provocou o desenvolvimento da defesa anti-tanque, de tal forma que o canhão A. T. se tornou hoje o terror do tanque desde que seja habilmente disfarçado, calma e eficientemente manejado. Em campo aberto, dois tipos gerais de engajamento dos carros podem sempre ocorrer, embora possam revestir infinitas variações.

2 — *O quadro tático*

1.º) — *Aproximação cautelosa.* Aproxima-se o tanque comando permanecendo o comboio inimigo parado. Não será fácil verifica-lo quando o comboio coberto com a rede de disfarce. O comboio não se deve movimentar enquanto alguma cousa suspeita permanecer. Desde então faz-se aconselhável a aproximação cautelosa. Nesse caso, deve-se reduzir a velocidade para que nas imediações cada tanque comando possa vigiar através seus binóculos, rondando e localizando os canhões A. T. que ele acredita estarem nas imediações. Vagarosamente os tanques começam a manobrar. Estamos na bateria de Comando Anti-tanque.

Sua tarefa é pequena força obriga-os a parar de noite. Sempre a mesma empreitada arriscada. Ao clarão, deve-se discernir sobre a posição dos canhões para procura-los e reuní-los a Infantaria e aos vários tanques da coluna afim de possam desdobrar-se do melhor modo.

Logo que seja decidido, instalam-se os canhões que devem cavar, o terreno. Cavar e cobrir-se, porque estando prontos antes de qualquer ação, haverá tempo para ver e modificar os pontos convenientes. Esta tarefa, porém, será feita a descoberto (com o mínimo de tempo para tomar as formações e distribuir os setores) quando os tanques inimigos aparecerem. Ora, cerca de 30 deles, poderão surgir. Desde então, o divertimento que se tinha cessará. Os homens tornar-se-ão obviamente supersticiosos.

Uma tropa que estaciona, vasculha cautelosamente o caminho, para a frente, de seus canhões. Os 12 canhões estando bem espaçados, 4 deles apenas poderão ficar em condições de tomar a sua conta o perigoso setor. Os demais ficarão em vigilância para dar inicio a caçada. O fogo pode ser desencadeado prematuramente tendo em vista permitir que

os demais canhões ataquem os elementos inimigos desarticulados. Pode-
cer o combate como segue.

Como a observação é feita através de binóculos, poderão ser vis-
tas apenas duas e não três, nem cinco torres de tanques escondendo-
se para as posições de combate por detrás de rochas, macegas ou dunas
de areia.

Si um dos 4 canhões designados para vigilância, abrir fogo mais
cedo do que necessário, o projétil lançado o denunciará provavelmente.
Os demais ficarão certos de o terem descoberto por seus próprios meios.
Conclusão, teremos no mínimo 15 canhões inimigos martelando nossos
rapazes e, possivelmente, 15 tanques inimigos livres para serem empre-
gados. Quando fôr visto um tanque, logo teremos seis outros dentro de
nossas posições. Nessa expectativa a ansiedade domina todos.

Será que eles não se dispersarão?

De chofre, um tanque inimigo arranca violentamente para se
capar, dispondo seus canhões para atirar. Mas, a nossa guarnição
detém. A cada tiro disparado... teremos imobilizado um tanque! Nesse
instante outros canhões abrem imediatamente fogo — que magnífico
trabalho!

Ao cabo de alguns momentos, um brilhante camarada nosso parte
para recolher duas carcassas de tanques completamente inutilizados!

2.º: *A aproximação se faz em massa.* Depois de ter-se avançado
e abordado o objetivo, é-se normalmente obrigado a fazer uma parada
reorganizar a tropa para retomar a fase seguinte.

Antes de tudo, o 1.º escalão anti-tanque deve tornar-se imedi-
atamente eficaz contra qualquer incursão. O Comandante do Batalhão
de Infantaria de apoio e todos os seus meios de fogo utilizáveis, devem
ato contínuo, entrar em ação, inclusive os canhões-obuzes (105c) e a bate-
ria anexa de canhões anti-tanque, com seus 12 canhões e as minas
necessárias a defesa. A Bateria de comando do Btl. de A. deve executar
um certo trabalho adeantamente, o que permite ao Cmt. da I. disponi-
bilidade de tempo para tomar outras providências.

Rapidamente relanceia a vista sobre o terreno da ação, procuran-
do desenfiar-se, abrigar-se e determinar posições que permitam o cru-
zamento de fogos. Nesse meio tempo, o comandante do Batalhão ex-
pede suas ordens, manda deslocar uma de suas companhias que havia
parado fazendo reajustar seu plano de fogos. Pode agora dizer-lhe que
deverá fazer.

O deslocamento produz poeira, mas as guarnições sabem que seu
exito depende da rapidez da ação e da existência de abrigos convenientes
pelo que cavam o terreno quanto podem.

Em um lapso de tempo, riscam no chão um pequeno traço de

6 polegadas, ocultam sua impedimenta, fazendo-a desaparecer no terreno, dispersam tudo que for disponível e armam as redes de desfase. Tudo é executado de modo perfeito e rapidamente.

Eis quando surgem os tanques leves. Dentro de poucos instantes o objetivo é identificado. Os artilheiros agora conhecem esta manobra. São ensaiados em descobrir os objetivos de tal forma que possam pôr fôra de combate os tanques que surgirem antes que irrompa o inevitável contra-ataque. Os tanques atacantes porem não têm grandes perspectivas, pois que ninguém se manifesta, conservando-se mudos os canhões. Aparentemente o inimigo não pode mais parar, nem tão pouco ocultar-se. O ruido dos motores pôde denunciar que os outros elementos estão em movimento. Eles chegarão por ali... indica o chefe da seção. Tres rajadas partem sobre à direita daquele monticulo. Os tiros são observados. Por não terem sido suficientes, no mesmo ponto pela esquerda, caem mais 5. Agora os tanques ficaram dentro de uma verdadeira fogueira, porque tambem os tiros de apoio são desencadeados, tendo em vista neutralizar a area ocupada. Não obstante, cada vez chegam mais tanques. Eles se estão dispondo para atacar o Bacalhão. Alças curtas são comandadas regresivamente — 1.200, 1.000 e 800 jardas. Estas são fornecidas pelos calculadores, ou pelas cartas de distâncias. Desde logo, os artilheiros devem sustentar o fogo. Observam-se 30 tanques deslizando sobre as posições.

A carga das vagas de tanques que parece vir de varias direções, está de agora a menos de 600 jardas.

Exatamente a esta distancia havia sido fixada a "linha de engajamento", isto é, da barragem anti-tanque.

Soo a hora de se acionarem gatilhos. Com estrondo manifestam-se os canhões.

Resultado: tres tanques se veem obrigados a parar e dois incendeiam-se.

Não obstante, continuam a chegar outros mais e os clarões dos canhões anti-tanques são respondidos por uma saraivada de balas partida dos tanques. Como, porem os tanques se expõem, acabam por ser abatidos. Entrementes, perdem-se tambem tres dos nossos canhões. Nesse que nenhum dos que surgirem a sua frente poderá escapar.

Deante dessa pressão os tanques começam a vacilar no seu intento.

Uns retrocedem para pensar os feridos, outros para forçar um novo flanco e crear nova ameaça. Da refrega, restam por fim, por detraz do flanco esquerdo 12 carcassas fumegantes... Alguns abnegados voltaram para sucede-los. Sua dotação em munições, porem, carece de ser recompletada e não podem durar na ação.

Alguns canhões devem ser fixados em posições alternadas tendo em vista que, durante a noite devem-se fazer novos preparativos para

esperar o proximo ataque reajustando os 12 canhões, remanescentes dos 18 iniciais.

Rompe a aurora e com ela saem as patrulhas e aumentam as apreensões sobre os flancos e a retaguarda. Durante essa noite as posições da peças foram bombardeadas pesadamente. É de supor que, maiores em virtude de um menor numero de canhões. Cada tiro a ser disparado, pois, deve ser bem aproveitado porque precisam ser contados.

Depois de mais duas tentativas de ataque em que se eliminam mais 10 tanques e se perdem mais dois canhões, o inimigo se abate. É o epílogo porque as munições e os destacamentos ficaram reduzidos. Dest'arte, o Batalhão mais próximo poderá dominar a batalha, empênhando-se sem demora para aproveitar a tregua e corrigir as falhas preparando-se para o novo e certo embate.

Resultado: "O contra-ataque inimigo foi então repelido".

Experiencia adquirida: Em caminho pesado a repetição constante de exercícios meticulosos de progressão em pequenas distâncias, tem proporcionado ao 8º Exercito novos e excelentes resultados. É um trabalho grandemente penoso que se exige, mas necessário para apurar a aptidão, a firmeza de nervos; a atividade, o mais exigente trabalho em conjunto que permitirá uma rígida disciplina. Depois desses exercícios preparatórios, segue-se a segunda categoria cujo objetivo consiste em mecanizar as funções necessidade de não se perder um só de um só minuto nessa especie de luta.

O completo conhecimento do equipamento e o melhor modo de utilizá-lo devem ser assimilados, bem como a identificação dos diferentes tipos de tanques deve ser aperfeiçoada. Os resultados nos exercícios preparatórios devem ser evidenciados por meio de respostas prontas e seguras sobre cada um desses problemas e, nos exercícios da segunda categoria, pelo mutuo conhecimento e confiança de oficiais e soldados que terminam por se estimarem reciprocamente adquirindo a verdadeira solidariedade do combatente. Os alemães sabem muito bem disso...

Nota do tradutor — Lendo a brilhante revista THE FIELD ARTILLERY JOURNAL, pareceu-nos útil transmitir ao demais camaradas artilheiros os interessantes conselhos praticos sobre a luta contra o carro de combate, fornecendo-lhes subsidio para meditação e orientação da instrução nesse novo genero de luta com que ainda não nos familiarizamos mas que se impõe no cenário atual dos combates modernos. Por isso mesmo, somente com a sua experiencia colhida nos campos de batalha poderemos colher os ensinamentos devidos. Que sirvam,

pois, o estudo e pratica de processos simples de instrução a serem adotados entre nós.

No terreno doutrinario, é sempre a mesma coisa cada novo meio de ataque corresponde reação adequada dos meios de defesa, graças ao concurso efetivo da tecnica.

No caso particular, — da segurança imediata — permaneceu o princípio geral: "ninguem se guarda melhor do que o proprio interessado."

No proximo numero apresentaremos mais um trabalho relativo ao emprego do já respeitavel e famoso "Bazooka" empregado no ambito da defesa imediata da A.

É preciso não esquecer que o que foi dito acima não basta para em trabalho definitivo mas serve como preciosa orientação.

Relevem-nos a apresentação constante de simples traduções, mas o faço no desejo de ser fiel e proporcionar material para ser explorado pelos camaradas estudiosos e sempre inspirados pelo nobre propósito do aperfeiçoamento profissional.

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S. A.

End. Tel. "MUNBANCO"

DEPOSITOS - COBRANÇAS - DESCONTOS

Administração de propriedades — Todas as operações bancárias exclusive cambio

Matriz -- RIO DE JANEIRO
RUA DO CARMO, 65-67
Telefone 23-5911 — Cx. Postal 919

Filial -- SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 57-61
Telefone 2-3149 — Cx. Postal 2980

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Escola de Fogo — Facículo II	7,50
Escola de Fogo — Facículo III	7,50
Escola de Fogo — Facículo IV	7,50
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinantes da Rev. "Defesa Nacional"	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Um sincero colaborador das nossas forças armadas

Na tarefa extraordinária e intensa de governar São Paulo, o sr. Fernando Costa emprega toda sua energia e toda sua reconhecida e tantas vezes comprovada capacidade de administrador experimentado.

Não obstante esse intensíssimo esforço, no sentido de corresponder à confiança de seus coestaduanos, do Presidente Getúlio Vargas e de todos os brasileiros, afinal, — o ilustre chefe do Executivo paulista encontra tempo de acompanhar de perto a atividade das nossas Forças Armadas, prestando-lhes, quando necessária a sua valiosa e sincera colaboração.

Não se faz nenhum favor, nem se lisongeia, tampouco, a figura do governante paulista, dizendo-se que a São Paulo e ao seu esclarecido e digno governante devem as Forças Armadas um punhado de excelentes serviços, muitos deles de extraordinário alcance. Em verdade, desde que se encontra à frente de Piratininga, o sr. Fernando Costa tem sabido, com uma dedicação digna de aplausos, colaborar com as autoridades da 2.^a Região Militar, prestando-lhes, quando solicitado, qualquer contribuição do serviço público.

Com relação à Aeronáutica, São Paulo tem sido mesmo um dos Estados que mais tem cooperado para a grandeza da aviação em nossa pátria. E vale acentuar que vem de longe essa colab-

boração espontânea do governo paulista, que encontra correspondência no seio das classes conservadoras e entre a imensa massa que trabalha, dia e noite, com acôso entusiasmo, pela grandeza de São Paulo e, portanto, pela grandeza do Brasil.

Em 26 de fevereiro de 1942, em decreto-lei que tomou o número 12.572, o governo Fernando Costa demonstrando seu entusiasmo pelo êxito e progresso da aviação no Brasil, declara de utilidade pública áreas de terrenos necessárias à construção dos aeroportos de São Manuel e Ubatuba.

Dois meses depois, em 16 de abril do mesmo ano, abre um crédito especial de Cr\$ 300.000,00 para auxílio à Campanha Nacional de Aviação, cooperando, assim, num movimento que ainda hoje empolga o Brasil inteiro e ao qual se deve esse entusiasmo cada vez maior pela aeronáutica em nossa pátria.

Grandes contribuições ao progresso da Aeronáutica, São Paulo, pelo seu atual governo, teve a iniciativa em 1944. Em 8 de março do ano corrente, em decreto-lei n. 13.882, declara de utilidade pública, afim de ser desapropriada pela Fazenda do Estado, para nela ser construída a Escola de Aeronáutica, consoante determinação constante do decreto federal n. 4.968, de 18 de novembro de 1942, terras situadas em Pirassununga, com 6.576,897 m², no valor de cerca de Cr\$ 10.000.000,00.

Um mês depois, em 13 de abril, assina o sr. Fernando Costa o decreto-lei n. 13.940, que dispõe sobre a desapropriação de imoveis situados em Ubatuba, necessários à construção do aeroporto dessa cidade.

Visando ainda o progresso dos cometimentos aeronáuticos, o governo abre crédito na Secretaria de Viação e Obras Públicas, para construção da estrada de rodagem de 8 quilometros, ligando a rodovia Rio-São Paulo ao futuro campo do Cumbica,

na Base Aérea de São Paulo, serviço esse no valor de Cr\$ 250.000,00.

Esses, alguns dos serviços prestados pelo governo do sr. Fernando Costa ao progresso da Aeronáutica, aos quais bem se pode juntar a cessão do antigo prédio da Imigração, no valor de Cr\$ 30.000.000,00, para a Escola Técnica da Aviação.

Essa dedicação e presteza demonstradas pelo Interventor Fernando Costa, no que se refere às coisas da Aeronáutica, não são menores quanto ao nosso brilhante Exército, cujos cometimentos grandiosos encontram no correto homem de governo um colaborador atento e prestimoso, interprete fiel da admiração de São Paulo e de sua gente pelos continuadores da obra de Caxias.

Alguns decretos-leis que vamos citar dão uma amostra eloquente de como o atual governante de Piratininga sabe cooperar com o Exército. Senão vejamos: O decreto-lei n. 12.685, de 4 de maio de 1942, autoriza o Governo do Estado a contribuir com Cr\$ 2.500.000,00, para a aquisição da Fazenda "Chapadão", situada em Campinas, afim de na mesma ser instalada uma divisão moto-mecanizada do Exército.

Em 24 de outubro do mesmo ano, em decreto-lei que tomou o n. 13.009, doou uma área de terreno de 64.660m², na rua Manoel da Nobrega, na capital, destinada à ampliação do Quartel do IV Esquadrão do 2.º R.C.D., no valor de Cr\$ 3.233.000,00.

A 12 de dezembro do mesmo ano de 1942, assina o decreto-lei n. 13.119, que autoriza a Fazenda do Estado a doar, por intermédio da Procuradoria e Patrimônio Imobiliário e Cadastro do Estado, à Fazenda Nacional, uma área de terreno destinada a servir de acesso ao Forte Monduba.

No ano seguinte, a 18 de agosto de 1943, assina o decreto-lei n. 13.515, concedendo Cr\$ 5.000.000,00 para a cons.

trução da Escola de Cadetes de Campinas. E, por fim, em 1944 corrente, assina o governo Fernando Costa, em 20 de março, um decreto-lei que tomou o n. 13.906, que dispõe sobre a aquisição do imóvel da antiga fazenda denominada "Chapadão", do município de Campinas, por Cr\$ 300.000,00, para ser construída a sede da Escola Preparatória de Cadetes.

O esforço demonstrado por esse distinto colaborador do Presidente Getúlio Vargas, que em São Paulo interpreta corretamente os postulados do Estado Nacional, cresce de importância quando se sabe quão ardua é sua missão de conduzir a fecunda terra paulista nesta hora suprema, de trabalho intenso, de cometimentos inauditos para que o Brasil vença a batalha da super-produção e torne insuperável sua contribuição para a vitória das Nações Unidas.

Por tudo isso, pelo seu desempenho impecável à frente do Governo do grande Estado bandeirante, o sr. Fernando Costa bem merece a aura de respeito e de admiração que lhe cerca o nome prestigioso e digno.

“A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil”

Sociedade de Seguros Mútuos sobre a Vida

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil é a única sociedade de seguros sobre a vida em todo o território nacional que pode oferecer aos segurados as seguintes vantagens: — participação dos segurados nos lucros da Sociedade; sorteios trimestrais pagos em dinheiro à vista; garantia subsidiária do Governo da União das suas reservas técnicas em favor dos segurados.

Séde própria : AVENIDA RIO BRANCO, 125 -- RIO DE JANEIRO

End. Telegr.: “Equitas” — Telef. geral: 23-5890

O "Independence Day" no Pará

*A IMPRESSIONANTE FESTIVIDADE CÍVICA
REALIZADA NA BASE AÉREA DE VAL-DE-CANS,
EM BELEM — MAGNIFICO DISCURSO PRONUN-
CIADO PELO INTERVENTOR CORONEL MAGA-
LHÃES BARATA.*

A Data da Independencia dos Estados Unidos da América do Norte, comemorada com intenso entusiasmo em todo o Brasil, encontrou, no Pará, ambiente propicio para revestir-se de magnifico sentido cívico, tendo mesmo impressionado a todos, pois constituiu um testemunho de fraternal amizade entre os dois grandes povos, brasileiro e norte-americano.

Na grande festa realizada às 14 horas na báse aérea de Val-de-Cans, em comemoração do "Dia da Independência" da grande pátria de Washington e de Lincoln, e durante a qual desfilaram as forças militares brasileiras e americanas ali aquarteladas, o interventor Magalhães Barata, saudando o Exército dos Estados Unidos, pronunciou a seguinte alocução : A cerimônia cívica, para que nos convocastes neste ambiente de camaradagem militar, em que americanos e brasileiros se irmanam para celebrar o "Dia da Independência" dos Estados Unidos, em



Cel. Magalhães Barata

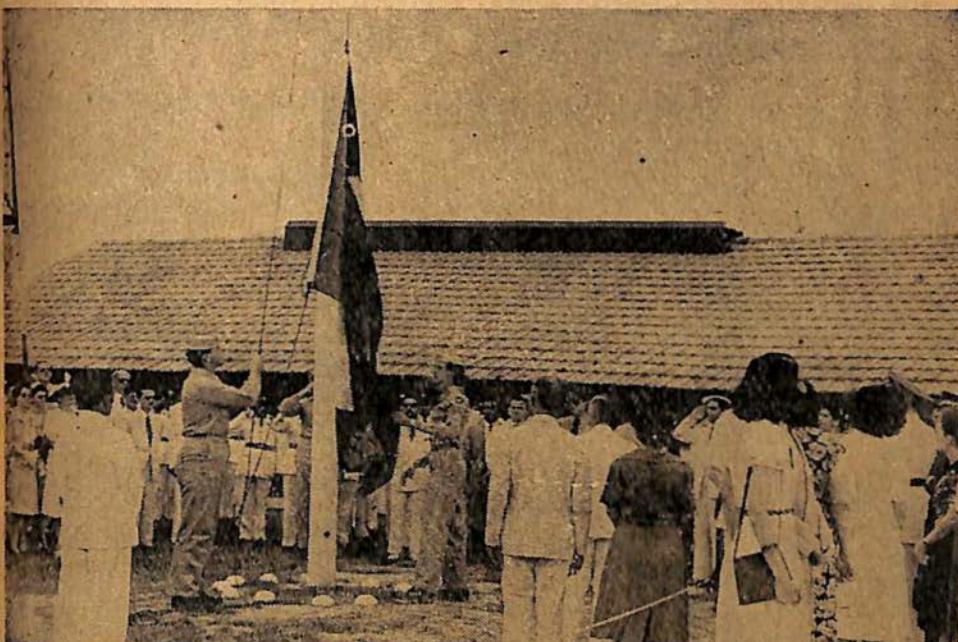


Flagrante do desfile das tropas americanas aquarteladas em Val de Cans, quando das solenidades comemorativas do "Independence Day", realizadas em Belém do Pará.



O "Independence Day" em Val de Cans — Soldados americanos da guarnição aquartelada em Belém do Pará em Val de Cans, quando das cerimônias comemorativas do "Independence Day"

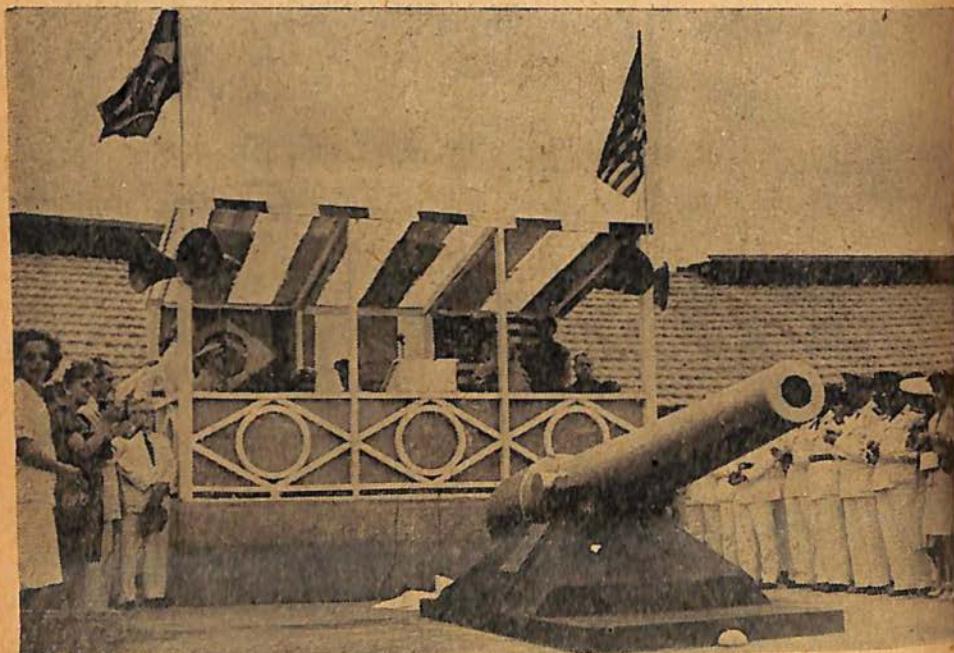
terra brasileira, assinala a perfeita comunhão de sentimentos e propósitos que une os nossos dois países, nesta cruzada histórica em que estão empenhados pela defesa de continentes e pela independência dos povos, que tiveram de ceder ao imperio da força.



O "Independence Day" em Val de Cans — Ceremonia do hasteamento da Bandeira Nacional pelas forças americanas aquarteladas em Belém do Pará, por ocasião das comemorações do "Independence Day"

E' um privilegio para mim ter de dirigir-vos a palavra e vos saudar nesse momento em que os vossos soldados lutam por uma causa de que depende o futuro do mundo e á qual tendes dado todo o poder das vossas energias nacionais, todo esse maravilhoso esforço para forjar as armas da defesa e da vitória, todo esse surpreendente gênio de improvisação com que pudestes transformar a industria do país em industria de guerra.

ra e esse vigor espiritual dos vossos homens de Estado, dos vossos chefes militares, soldados e marinheiros, numa mobilização de forças sem precedentes na história. Soldado, como sou, tenho de render as minhas homenagens a essas qualidades de organização e de heroísmo com que pudeste abrir o caminho da vitória e abreviar o fim desta luta, que tantas ruínas e sofrimentos vai semeando.



O "Independence Day" em Val de Cans — O canhão oferecido às forças americanas aquarteladas em Belém do Pará pelo comando da 8.ª Região Militar, por ocasião das solenidades comemorativas do "Independence Day"

A vossa contribuição para essa vitória é a maior segurança que podem ter as nações que defendem a sua liberdade e o direito de decidir os seus próprios destinos. A campanha de libertação desses povos oprimidos da Europa já começou, com a maior e mais complexa operação de guerra de todos os tem-

pos, em que se revela o gênio militar de um general americano, como seu condutor supremo.

Em todas as causas de batalha dos três continentes, na vastidão desses mares, de distâncias astronomicas, os vossos aviadores, soldados e marinheiros se cobrem de gloria, para dar á historia da vossa grande nação o seu capítulo mais admirável, ao lado da guerra de vossa independência, com esse espírito de renuncia ao perigo e de sacrifício ao dever, do verdadeiro salvador e esse bom humor tradicional que é uma característica de vossa gente, nos momentos mais graves da luta.

Fizestes a vossa independência, que hoje comemoramos, proclamando em sua declaração o direito de ser livre para os povos americanos. O vosso exemplo foi seguido pelas demais nações do continente.

Hoje conduzís outra vez o facho da liberdade para os povos do mundo.

Com a paz voltareis á vossa grande pátria e aos vossos lares com os louros da vitória que vai assegurar aos povos da terra a esperança de uma vida melhor, numa ordem de tranquilidade e de justiça social, para o trabalho fecundo de reconstrução necessária, sobre as ruinas deixadas pela guerra.

Nesta hora de confraternização americana, quero, em nome do governo e do povo do Pará e como delegado do presidente Getúlio Vargas, saudar o povo americano, na pessoa do grande presidente Franklin Delano Roosevelt, pela próxima vitória das armas aliadas e pela maior glória dos Estados Unidos da America”.

Banco Nacional de Descontos

Funciona até ás 7 horas da noite

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Alfândega, 50 -- RIO

ACABA DE SAÍR

FORMULARIO para o processo de desertores e insubmissos

Ten.-Cel. NISO MONTEZUMA

3a. Edição

ADAPTADO AO CÓDIGO PENAL MILITAR APROVADO PELO DECRETO-LEI N.º 6.227, DE 24 DE JANEIRO DE 1944 E AUMENTADO COM UM APÊNDICE CONTENDO:

- 1). — A LEGISLAÇÃO SÔBRE O ESTADO DE GUERRA;
- 2). — OFICIAIS DA RESERVA: — instruções para convocação; disponibilidade; insubmissão; tempo de convocação; classificação: uniforme; transporte; ajuda de custo, vencimentos; precedência, promoções; mudança de domicílio; permissão para contrair matrimônio; amparo do Estado à família, quando falecem em campanha, etc.;
- 3). — PRAÇAS CONVOCADAS: — alunos de escolas superiores; dispensa diária; que fizeram prova de seleção nos C. ou N. P. O. R.; apresentação; prazo para apresentação; donos ou sócios de casas comerciais; portadores de diplomas; possuidores de curso secundário; incorporação adiada; arrimo de família; operários empregados em obras militares; trabalhadores encaminhados para a extração e exploração de borracha no vale amazônico; operários da Fábrica Nacional de Motores; empregados em construção de aeroportos; pessoal admitido para obras; demissão de empregado convocado; obrigações dos empregados e dos empregadores; em caso de dissolução de firma; mudança de residência; vencimentos e vantagens, etc.;
- 4). — PARECERES E DECISÕES do D. A. S. P. e do MINISTÉRIO DO TRABALHO sobre a situação de funcionários públicos e de empregados, em geral, convocados para o serviço militar ativo;
- 5). — RESERVISTAS E ESTRANGEIROS, operários de Estabelecimentos Fábris Militares e Civis produtores de materiais bélicos;
- 6). — ESTABELECIMENTOS FABRIS CIVIS considerados de interesse militar.
- 7). — A MULHER em face da legislação de guerra;
- 8). — ORGANIZAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR junto às Forças Expedicionárias;
- 9). — C. P. O. R. — Faltas e entradas — tarde de alunos — funcionários ou empregados; frequência; alunos de escolas superiores; execução de provas parciais.

É UM LIVRO DE INTERÉSSE GERAL

PREÇO: CR\$ 15,00 — Pelo Correio: — CR\$ 16,00

PEDIDOS: — A DEFESA NACIONAL (4.º andar da ala dos fundos) Edifício do Ministério da Guerra. — Praça da República — Rio. Telefone: — 43-0563 — Caixa Postal 32 — Rio.

Sendo a edição limitada, convém que os interessados façam seus pedidos.

Um militar na E. F. Central do Brasil

Argumento convincente de que a autarquia oferece excelentes resultados, os adversários dessa inovação encontram, se quiserem ser sinceros consigo mesmos, na Central do Brasil.

Em sã consciência ninguém poderá negar que, sob o regime autárquico, a nossa principal ferrovia não haja encontrado o caminho largo e luminoso da prosperidade. De fato, foi após o Presidente Getúlio Vargas torná-la organismo autárquico, confiando-lhe a direção ao major Napoleão de Alencastro Guimarães, que a Central do Brasil começou a desempenhar o grande papel que lhe cabe como elemento de progresso na vida nacional.

Antes, seus diretores jinguidos a uma série de obstáculos, — obstáculos quase intransponíveis, que lhes entravavam a livre ação — a Central era um campo imenso onde toda gente mandava. E resultado dessa desordem, que durou longo tempo, foi a nossa principal ferrovia tornar-se uma geradora de “deficits”, do mesmo modo que era assunto palpitante, grotesco, procurado por cronistas irreverentes e pobres de inspiração.



*Major Napoleão Alencastro
Guimarães*

Colocado á sua frente, o major Alencastro Guimarães tratou logo de esforçar-se afim de conseguir a autarquia, pois comprehendera, desde os primeiros instantes que, sem franca autoridade, nada poderia fazer de util e de pratico; que havia de pal-milhar, por força das circunstancias, o mesmo aspero e tortuoso caminho trilhado por seus antecessores.

O Presidente Getulio Vargas, com seu admiravel e lucido senso administrativo, não tardou em atender aquilo que reclamava seu prestimoso e atento colaborador, tornando autarquica, entre aplausos gerais, a grande ferrovia e dando, assim, ao major Alencastro Guimarães, amplo campo de ação para empreender todos os trabalhos tendentes a tirar a Central do caos em que permanecia ha largo tempo.

Soube o atual diretor aproveitar a conquista feita, esforçando-se não só para corresponder á confiança do Chefe da Nação como para, conforme o tem feito á saciedade, demonstrar com fatos e cifras que a autarquia, quando bem realizada, é o melhor sistema.

Trabalhando incansavelmente, usando a disciplina como base de sua administração, o major Napoleão de Alencastro Guimarães conseguiu realizar até hoje, sem que vá nessa afirmativa qualquer excesso ou proposito de lisonja, trabalhos que bastam para relembrar-lhe o nome nos dias de amanhã.

Ainda há poucos dias, numa eloquente amostra do quanto o sistema autarquico tem sido util à Central, à população servida pelos seus trens, às classes conservadoras e aos dinâmicos operários que laboram em suas oficinas, foram inaugurados inumeros apartamentos mandados construir, sem preconicio antecipado, especialmente para seus servidores. E presente à cerimonia, o Presidente Vargas não regateou louvores à expressão humanitária e social da obra, dizendo ainda ao energico diretor da Central que sua administração era o melhor testemunho em favor das autarquias, era uma afirmação positiva desse vantajoso sistema.

Incompreendido ainda por alguns elementos, avessos ao trabalho e por isso mesmo inimigos da disciplina, o diretor da Central do Brasil não se perturba diante de críticas apressadas. E não se perturba porque todo o seu tempo ele o dedica à grandeza da ferrovia entregue, pelo chefe do Estado Nacional, à sua indiscutível capacidade administrativa de militar que, em altas funções na vida civil tem sabido honrar o prestígio de que goza o Exército Nacional, escola de cultura, de patriotismo e de formação de espíritos realisadores e aptos a atuar tanto nas fileiras como fóra delas.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Euclides da Cunha H. Militar — Cap. Umberto Peregrino	4,00
Formulario Processual — Ten. Cel. Nizo Montezuma (No Prelo)	16,00
Guia Cmt. Ptl. de Fuzileiros 1. ^a Parte (Ofensiva) — Maj. Tamoyo	15,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evaristo Del Corona	25,50
Pastas para Folhas de Alterações	8,00
Tática de Infantaria nos Peq. Escalões — Ten. Cel., Alexandre Chaves	16,00

COMPANHIA SIDERURGICA NACIONAL

AUMENTO DE CAPITAL

A partir de 1.º de agosto e até 31 do mesmo mês, estará aberta no Banco do Brasil e suas Agências, a subscrição pública para o aumento do capital da Companhia Siderúrgica Nacional, que está construindo a usina de Volta Redonda.

O capital inicial, já integralizado, que é de Cr\$ 500.000.000,00, elevar-se-á a Cr\$ 1.000.000.000,00, em ações ordinárias nominativas do valor de Cr\$ 200,00 cada uma.

Podem subscrever essas novas ações os atuais acionistas e os cidadãos brasileiros e empresas brasileiras que quiserem tornar-se acionistas da Companhia.

O subscritor poderá integralizar, no ato da subscrição, o valor das ações ou pagar a entrada inicial de 20% desse valor, realizando o restante em 4 entradas de 2 em 2 meses.

O subscritor assinará o "Boletim de Subscrição" na própria Agência do Banco do Brasil que escolher para realizar a primeira entrada de 20% do valor que subscrever ou pagar a totalidade desse valor, se assim preferir.

No ato da subscrição, exibirá o subscritor documento comprobatório de sua nacionalidade brasileira (carteira de identidade, de reservista ou profissional, se contiver indicação da nacionalidade, ou certidão de nascimento ou de casamento, carta de naturalização e título declaratório de cidadania brasileira).

Se o subscritor não puder comparecer pessoalmente a uma Agência do Banco do Brasil, deverá constituir procurador com poderes especiais para subscrever as ações na Agência que preferir, ou, em carta dirigida à mesma, indicará para efeito da subscrição, a sua nacionalidade, estado civil, profissão, residência número de ações que desejar subscrever e o total da entrada cuja importância enviará imediatamente à mesma Agência por intermédio de qualquer outro estabelecimento bancário.

A subscrição de ações em nome de menor de 16 anos será feita pelo seu representante legal (pai, mãe ou quem exercer o patrio poder).

Se o subscritor for maior de 16 e menor de 21 anos, caberá ao seu representante legal assistí-lo, assinando com ele o "Boletim de Subscrição", ou a carta acima referida.

Quer o subscritor passe procuração, quer solicite a sua inscrição por meio de carta, deverá fazer apresentar ou enviar à Agência do Banco do Brasil o documento comprobatório da nacionalidade.

O subscritor que realizar no ato da subscrição sómente a primeira entrada de 20% do valor das ações subscritas, fica obrigado a pagar o restante em 4 prestações de 20% cada uma, de 2 em 2 meses, a contar da data em que se subscrever.

No diário Oficial do dia 22 de julho estão publicados o PROSPECTO do aumento de capital; a ata da Assembléia Geral Extraordinária que deliberou sobre este aumento, na qual foram transcritos a exposição justificativa apresentada pela Diretoria e o parecer do Conselho Fiscal; os Estatutos da Companhia e o seu último Balanço.

Ja se encontram no Brasil 66% dos materiais e equipamentos comprados nos Estados Unidos e, dos restantes uma parte está em trânsito das fábricas para o pôrto do Rio de Janeiro e outra parte acha-se em fabricação.

As obras de construção e montagem em Volta Redonda estão bem avançadas, e as primeiras unidades da usina serão postas em funcionamento ainda nos últimos meses do corrente ano.

Ao abrir a subscrição pública para esse aumento de capital, a Diretoria da Companhia Siderúrgica Nacional tem a certeza de que o patriotismo dos brasileiros renovará nesse ensejo a demonstração de confiança no programa, em grande parte já executado, e do propósito de que a Usina de Volta Redonda seja a expressão da vontade da Nação em possuir a sua indústria pesada, para fortalecer a economia do país.

A Legião Brasileira de Assistência na Bahia

Sob a presidência da Sra. Ruth Vilaboim Aleixo processa-se uma obra de extraordinário alcance social

Em relatório que, em data recente, a sra. Ruth Vilaboim Aleixo, presidente da L. B. A., Secção da Bahia, enviou à Sra. Darcy Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, além das exposição das atividades dessa organização neste Estado, foi evidenciada a presteza com que a mulher bahiana, convocada para as fileiras do Exército Feminino da Retaguarda, inscreveu-se nos diferentes setores da eficiente organização social de assistência.



As "Samaritanas Socorristas" da L.B.A. realizam exercícios de serviço em campanha, auxiliada por soldados do Exército.

Está dividida a L. B. A., na Bahia, em vários departamentos, todos com autonomia, embora subordinados à Presidência. O Departamento de Prontuários Civis e Militares, de Assistência às Famílias dos Convocados, é o de maior atividade da Legião, devido à situação atual, mas todos os outros são fatores decisivos para o perfeito funcionamento da aparelhagem da L. B. A. Enquanto o Departamento Econômico é o responsável pelas despesas, o Departamento Educacional cuida da assistência à maternidade e à infância, da colocação familiar (abonos familiares), das crèches distritais, etc. Referência especial merece a notável iniciativa da L. B. A., instituindo a Merenda Escolar, na capital e nos subúrbios, o que tem contribuído para a sensível melhoria das condições físicas dos meninos pobres das escolas, cuja saúde é, assim, cuidada e defendida contra enfermidades resultantes da sub-nutrição, tão perigosa em época de desenvolvimento físico e intelectual. Dos resultados da criação da Merenda Escolar, basta mencionar que a frequência às escolas públicas aumentou de

maneira animadora. Em 1943, a Legião Brasileira de Assistência, na terra de Castro Alves, distribuiu 2.908.040 merendas entre 40 escolas.

Há um Departamento para assistência médica-dentária, o Departamento de Recreação, com a cantina do Combatente, a biblioteca, etc. a Secretaria, Arquivo e Informações, o Departamento de Publicidade e Propaganda, que fornece informes diários aos jornais e exposições das atividades da L. B. A., e o Departamento de Plantar e Criar para a Vitória, que pode ser considerado o departamento do esforço de guerra, fomentando a fruticultura e a horticultura, criando clubes agrícolas, abrindo hortas da Vitória e jardins, cuja renda de produção reverte em favor das despesas com assistência social.



Na Cantina do Combatente", a presidente da L.B.A. na Bahia leva aos soldados e marinheiros, pessoalmente, o conforto de palavras animadoras.

Algarismos impressionantes traduzem as realizações da L.B. A. na Bahia, durante o ano de 1943. Assim é que o Departamento de Prontuários Civis e Militares atendeu a 939 convocados e socorreu 674 famílias, compostas de 1.506 adultos e 102 crianças. O Serviço de Assistência Médico-Dentária assistiu a 73 parturientes, visitou 402 gestantes e doentes, internou 142 adultos em hospitais, realizou 9 intervenções cirúrgicas, forneceu 6.020 roupas, dispôs em aviamentos de receitas..... \$,14.145,90 e instalou um pavilhão para amparo à maternidade, no valor de \$,25.000,00.

A Legião Brasileira de Assistência realiza, pois, na Bahia, graças aos esforços e ao carinho com que a presidente da Secção da Bahia cuida dos problemas de assistência social, uma obra altamente social.

LIVROS NOVOS

DIDIO COSTA — 1941 — SALDANHA.

À vida desse marinheiro fidalgo e ilustre não faltou siquer uma nota final de martirio e heroismo, aliás do melhor heroismo, não aquele que reponta improvisado ao calor das refregas, mas o que consiste em arrostar, serena e firmemente, todos os sacrificios em nome de um principio conscientemente esposado. Saldanha da Gama foi heroi desse heroismo. E é por isso que o comprehendemos e dele nos aproximamos facilmente, apezar da sua origem aristocrata e da sua formação refinada, elementos que o colocariam tão distanciado dos grandes homens eleitos à admiração nacional, quasi todos de origem humilde, sem polimento social, defensores de causas eminentemente populares.

Ora, o Almirante Saldanha conduzia no sangue extreme nobreza lusa. Basta recordar que teve como avós o 6º Conde da Ponte e uma neta do 1.º Marquês de Pombal. Seu pai foi camarista da Casa Imperial, ao tempo do 1.º Império, e era além disso um aristocrata intelectual: escritor, orador, musico. Os mais verdes anos da sua existencia passou-os no *Solar do Colegio* (nas proximidades de Campos), um dos nossos monumentos coloniais devidos aos jesuitas. Na intimidade daquelas salas austeras, guarneidas com ricos moveis de jacarandá, caprichosamente lavrados a mão, ao contacto com aquelas paredes espessas, "cariadas de nichos com oratorios, relevadas de lavabos em mármore branco", consoante descreve Alberto Lamego Filho, só podiam naturalmente fortificar-se as suas cargas ancestrais de nobresa.

Nos salões era Saldanha da Gama de um brilho inexcedivel. Descreve-o Afonso Celso num baile do *Club de Regatas Guanabarense*, "trajando casaca, em vez de farda, luvas claras, pespontadas de escuro empunhando garbosamente o claque, e marcando "os passos coreograficos com elegantissima distinção. Resplandecia — continua Afonso Celso — a sua aristocratica cabeça loura. Às suas ordens, breves e perentorias, partiam os pares, valsando ou polcando, em torno dele. E no meio da reunião seleta, opulenta de beleza, mocidade e luxo, o insigne marinheiro dava a nota mais alta de requin-

tado apuro, foco de atenções, num destaque vibrante de inconcussa predominância, não só ali, como em tudo".

A ilustração de Saldanha da Gama guindava-o também a um nível bem superior ao comum. Luis Murat confessa-se profundamente surpreso com "a eloquencia do Almirante, a variada ilustração de que dispunha e, sobretudo, a perfeita orientação a que obedecia o seu espirito, em materia de literatura. Conhecia todos os poetas antigos, citava Shakespeare e Dante, a cada passo, com toda a oportunidade, na lingua em que foram escritas essas obras-primas do espirito humano. Não, havia um só dos poetas contemporâneos da França, da Inglaterra, da Alemanha ou da Russia, da Itália ou da Espanha, de Portugal ou do Brasil que S. Excia. não houvesse lido e não sublinhasse com uma palavra de crítica, fosse ela de entusiasmo ou de desabono para o escritor."

Fisicamente o Almirante Saldanha, no testemunho dos que o conheciam, era um "belo homem, de estatura ao redor de 1, m70. Ombros largos e bem contornados. Cabelos e bigode castanho-escuros."

Aqui convém assinalar uma contradição entre essa pintura do almirante, devida ao contra-almirante Otavio Perré, e a "aristocrática cabeça loura" de umas impressões de Afonso Celso, transcritas linhas atrás. Louro ou não o almirante? É fácil liquidar a dúvida, mesmo porque ainda vivem muitos que com ele conviveram. Em todo caso, desde já damos mais pelo depoimento de Otavio Perré, que foi comandado de Saldanha da Gama na Escola Naval.

Prossegue o retrato: "Cabelos curtos, penteados para trás. Cabeça varonil. Bigode sem pontas, caídos naturalmente, sem cobrir a boca, ornada de bons e belos dentes. Era agil e musculoso. Nariz ligeiramente aquilino e bem feito. Era, em resumo, um tipo distinto, elegante e varonil."

Tudo isso, porém, como sublinha o próprio autor desse retrato, "sem arrogância ou sobranceria." Aliás, já seria possível antecipar um juízo sobre esse aspecto da personalidade do Almirante Saldanha, ao vê-lo, de volta dos longos cruzeiros navais, correr ao "Solar do Colégio" cheio de ternuras e presentes para todos, a começar pela sua velha mãe-preta, que ia ver na senzala e cujas mãos beijava com devoção.

O valor profissional de Saldanha da Gama afirmou-se muito cedo, pois fez a guerra do Paraguai como oficial subalterno. Nesta altura, todavia, já se revelava, o largo descortino de um alto espirito. As numerosas cartas que de lá dirigiu ao seu pai, e que foram divulgadas

por J. E. de Macedo Soares, em volume intitulado "Correspondência de Guerra", encerram surpreendentes páginas de crítica militar. Mais tarde, como chefe, reiterou amplamente todas as qualidades tão cedo evidenciadas. E teve em forte grau uma faculdade que é essencial a qualquer homem consagrado a funções de direção: a faculdade de conhecer e avaliar o valor dos outros homens. São notáveis, com efeito, os seus perfis dos chefes revolucionários com os quais lidou — Silva Tavares, Aparicio Saraiva, Ulisses Reverbel e outros. E' interessante notar que em todos esses perfis não dispensa o retrato físico de cada um. De Ulisses Reverbel diz, pitorescamente, que "apezar do desalinho do seu vestuário, apresenta o aspecto de um militar alemão." E continua: "Baixo, redondo de corpo, cara larga, animada por dois olhos pequenos, porém vivos, tem a tez muito tisnada. Os cabelos apenas começam a pintar. Usa bigode aparado à moda antiga. E' o que melhor se exprime e o mais falante de todos esses chefes. Na sua linguagem, notam-se argúcias de rabula".

Extraordinário de síntese, de agudeza, além de um primor de estilo esse perfil! Pois são todos assim.

Saldanha da Gama foi, sem sombra de dúvida, um homem extraordinário, pela inteligência, pela cultura, pelo valor profissional, pelo caráter. Pode-se discutir, e é mesmo muito discutível a sua atitude revolucionária. Inda, porém, ao considerar essa atitude, um ponto é insuscetível de qualquer controvérsia: a pureza dos propósitos do Almirante. Quaisquer que tenham sido os seus objetivos políticos eram sinceros e correspondiam às suas convicções patrióticas, o que os torna respeitabilíssimos. Encontramos até num dos seus manifestos revolucionários uma consideração altamente significativa, válida como permanente lição contra as deformações da verdadeira e justa função das forças armadas. "Por mais ilustradas que sejam as classes militares de qualquer país e elevado o seu efetivo numérico — fala o Almirante Saldanha — não está na essência do seu papel a direção política dos destinos da pátria".

O livro do Capitão de Mar e Guerra Didio Costa, parte das comemorações oficiais do centenário do nascimento do Almirante Saldanha, não podia ser diferente do que é. Havia de ser naturalmente menos um estudo biográfico que uma página apoloética, menos uma contribuição nova no terreno das pesquisas em torno do homem que um apanhado geral dos documentos oficiais sobre o almirante. E', em todo caso, no seu feitio, uma obra de mérito. E nem lhe faltam qualidades de agrado consubstanciadas num plano inteligente e numa linguagem revestida de encantadora simplicidade.

EUCLIDES DA CUNHA, HISTORIADOR MILITAR — Umberto Peregrino — 1944.

Umberto Peregrino focaliza um aspecto parcial, até hoje pouco estudado no autor de "Os Sertões" e que foi, realmente, importante, não só no livro, como em boa parte da obra toda de Euclides, o historiador militar. Função que Euclides teria desempenhado um pouco por circunstância, primeiro pela missão de que o incumbira Julio de Mesquita, a de correspondente junto às forças em operações contra o Conselheiro, mantendo, depois, no corpo da obra, mas quasi como uma parte autonoma, aquilo que, de simples correspondencia, viria a ser história militar, como não havia ainda sido escrita, e não o foi mais, neste país. A posição de Euclides, como historiador militar, dentro dos quadros brasileiros, resulta de sua incontestável superioridade para tratar o assunto, a que o servia a sua formação militar inicial, mas também o nível baixíssimo, em verdade, das contribuições que possam ser postas em confronto com aquela que ele compôs, talvez circunstancialmente. A formação do Exército, suas flutuações, seu papel político, e principalmente o seu papel militar dentro do quadro do desenvolvimento brasileiro, não têm encontrado, realmente, entre nós, quem tivesse sabido demorar-se, oferecendo alguma coisa proporcional à importância dos eventos situando-os com isenção e rigor. A história militar, entre nós, conforme acentua Umberto Peregrino, anda num nível triste, sem trabalhos que lhe permitam um levantamento. Em confronto com esse pauperismo, a parte militar da obra de Euclides é, sem dúvida, de um valor surpreendente. Mesmo sem esse confronto, é claro, ela seria importante. Ele não faz mais do que avultar a sua superioridade absoluta. Provando o valor e a segurança, além da importância desse aspecto da figura literária de Euclides, deu-nos Umberto Peregrino uma contribuição das mais originais e valiosas sobre a personalidade do autor de "Os Sertões". Está o autor no dever de demorar-se em torno de outras faces dessa personalidade, para nos dar um estudo de Euclides que seja não só digno daquele que fornece o assunto, como demonstrativo da capacidade excepcional do autor para o trato desse assunto. (Cap. Nelson Werneck Sodré — O Estado de S. Paulo 4-V-944).

Acabo de ler a conferência "Euclides da Cunha, historiador militar", do capitão Umberto Peregrino. São apenas 44 páginas, mas um prodígio de condensação de ideias e sólido resumo de pesquisas na obra do grande escritor brasileiro. O autor abordou um aspecto ainda não suficientemente estudado nos "Sertões" — o de um dos nossos maiores livros de história militar.

Antes de tudo, Umberto Peregrino procura fixar bem o conceito desse gênero histórico, numa página concisa e cheia de ensinamentos. A história militar implica dois elementos essenciais — esclarece-nos

ele: a tática e a estratégia. Esses termos, que na linguagem vulgar passam por sinônimos, na realidade, não o são, pois há certa diferença entre eles, diferença de grau, porém sempre sensível sob o ponto de vista técnico-militar. A tática significa a conduta das operações num grau menor, ao passo que a estratégia é o grau superior. "Assim — acentua bem o autor — materializando a distinção podemos dizer que as operações estratégicas realizam-se em geral fóra do alcance do inimigo e as operações táticas em sua presença; uma divisão pode empreender um deslocamento estratégico e ao cabo, travar um combate que será operação tática."

Ora, a maior parte de nossas obras de história militar não tem considerado a rigor os referidos elementos. A "Retirada da Laguna", uma das maiores expressões da nossa literatura de guerra, não é estritamente, uma obra de história militar. Verdadeira epopéia, ela constitue emocionante documento humano, todos os fatos sendo até apreciados em função do humano. Foi, aliás, nesse sentido que encarei o grande livro de Taunay, em artigo publicado no ano passado em torno de literatura de guerra no Brasil. Apraz-me ver a classificação de Umberto Peregrino coincidir com a minha.

Entretanto, os "Sertões" de Euclides da Cunha, visionando o aspecto humano, que caracteriza a literatura de guerra, abrangeram, também, os elementos tático e estratégico características, como já vimos, da história militar. De onde, pode-se dizer, sua dupla categoria e o seu imenso mérito.

Euclides não se limita a fazer obra de artista, de sociólogo, de reporter — é também o nosso maior reporter de guerra — faz história militar na mais elevada e moderna concepção científica. Eis o que Umberto Peregrino nos prova, num inteligente trabalho de análise e investigação, documentando-se com citações sempre oportunas e eloquentes. São novas perspectivas, despercebidas pelos leigos, que agora se projetam nitidamente aos nossos olhos e emprestam maior relevo a essa obra culminante de literatura brasileira.

O Cap. Umberto Peregrino tem margem para ampliar o seu tema, transformando em livro o que hoje aparece em elegante "plaquette". E tem, alem de tudo, capacidade para dar-nos uma história militar do Brasil dentro da concepção por ele tão lucidamente enunciada. É uma obra que estamos no direito de exigir-lhe. (Brito Broca — A Gazeta de 26-5-944).

A conferência do Sr. Umberto Peregrino sobre "Euclides da Cunha, historiador militar", chega em boa hora para conter os ares paternais com que certos imitadores pretendem corrigir o maior e o melhor dos nossos escritores, que agora mesmo faz a América do

Norte descobrir o Brasil. A' proeza desses retificadores irrisorias é que se ajusta a satira mal endereçada de Gilberto Amado: um oceano estudado por um conta gotas. O Sr. Umberto Peregrino, com perfeita consciência das dimensões de Euclides e a compostura cívica e intelectual que o assunto impõe, conseguiu marcar e iluminar mais um aspecto da multiplicidade inexaurível e eterna de Euclides. "Euclides da Cunha — conclue — escritor fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica", dotado de perfume senso crítico, infinito na capacidade de compreender, servido por uma assombrosa potencialidade verbal, fez essa História Militar plena, que vale a pena fazer. Junte-se ao nome de Euclides mais um título que lhe pertence — o de maior escritor militar do Brasil. "Arrazoando a nova condecoração, o Sr. Umberto Peregrino, técnico militar e escritor, não só apreende a figura humana de Euclides, como lhe acrescenta, em frisos brilhantes e intensos, mais um título de glória. Era bem a um oficial culto e digno, como o Sr. Umberto Peregrino, que cabia esta tarefa, reabriindo a porta dos quartéis ao egresso incompreendido, símbolo, também, da dignidade militar. Reaproximar o Exército de Euclides é aprofundar a comunhão entre o povo e os seus soldados, unindo os comandos espirituais, cujas vozes exprimem o que o Brasil possue de mais legítimo e exclusivamente seu. Pela mão patriótica do Sr. Umberto Peregrino, o egresso volta ao lar profissional que ele escolheu, para honrá-lo com seu exemplo e engrandecê-lo com a sua glória. (Roberto Lira — "A Noite" — 9-IV-1944).

LIVROS RECEBIDOS :

Plano de organização da Juventude Brasileira — Cap. Moacir Faíão de Abreu Gomes.

Capítulos da História Nacional — Alfredo Gomes — 1944.

Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten.-Cel. Alexandre José Gomes da Silva Chaves — Ed. A Defesa Nacional — 1944.

REVISTAS EM REVISTA

Da REVISTA MILITAR — Do Estado Maior do Exército da Bolivia —
Número de Janeiro-Fevereiro 1944 — "EL PETRÓLEO Y LA
GUERRA" — Cel. Lucio Guzman Velasco.

O petróleo, começa com uma justa enfase o articulista, é hoje em dia o sangue das nações. Privado de petróleo um povo estaria desarmado e paralizado. Não poderia nem trabalhar, nem mover-se, nem combater. Pode-se vencer sem ouro, sem pão, mas não se pode vencer sem petróleo. Os cavalos quasi foram completamente eliminados dos serviços militares; os soldados não marcham mais a pé, a não ser nas fases táticas das operações; tudo é mecanizado, auto-transportado, motorizado. Desde a linha de assalto até os mais remotos serviços de abastecimentos prevalece o petróleo.

A necessidade de petróleo se tem agigantado sobre a terra, no ar e na agua. Ha quatro anos que o mundo vinha produzindo e consumindo quasi 300 milhões de toneladas de petróleo — mais ou menos 40 litros por cada ser humano que vive sobre a superficie terrestre — e não existia a guerra.

Nenhuma das nações beligerantes, salvo a Russia, produz no seu sólo todo o petróleo de que necessita. Tanto a Inglaterra como a Alemanha devem depender da importação para manter suas disponibilidades do precioso carburante. Em tempo de guerra esta dependência pôde representar uma debilidade e uma vulnerabilidade, si o adversário tem meios de impedir o transporte de petróleo.

A primeira guerra mundial já demonstrara o valor do petróleo como instrumento de vitória. Sem uma urgente remessa de petróleo americano no verão de 1918 a França teria ficado privada de carburante e quiçá cairia com uma paralizia locomotriz.

Na guerra atual grande tem sido o esforço para cortar à Alemanha toda a possibilidade de receber petróleo. A Russia proporcionava-lhe 8 milhões de toneladas e 6 o resto dos países ocupados; seu consumo nos grandes períodos de ofensivas militares passa de 50 milhões. Berlim afirma que mais de duas terças partes de suas necessidades são cobertas por gasolina sintética e se aproxima o momento da completa independência do exterior. Provavelmente vai exagero nessa afirmativa.

A liderança da produção mundial de petróleo pertence aos EE. UU., que produziram no seu território, em 1940, cerca de 200 milhões de toneladas de petróleo, ou sejam 62 % do total produzido no mundo. A Russia ocupa o segundo posto, com 10,23 %. Seguem-se a Venezuela com 10 %, o Iran com 4 %, as Indias Orientais com 3 %, a Rumania com 2,44 %, o México com 2 %, a Colombia com 1,5 %. Os demais produtores de petróleo ficam abaixo de 1 %.

Os norte-americanos, criadores da indústria petrolífera, inventaram continuamente novas máquinas e novos sistemas para extraír o precioso líquido subterrâneo de maiores profundidades e dele conseguir melhor rendimento. Ha qualquer coisa de dramático na gigantesca luta dos norte-americanos para extraír petróleo. Já puizeram em ação máquinas perfuradoras extraordinárias, e é assim que um poço na Califórnia atingiu a profundidade de 4.500 metros, enquanto milhares de quilômetros de oleodutos distribuem rios de petróleo por todo o território do país, e mais de 400 navios-tanques transportam para o exterior o precioso combustível.

OPERAÇÕES DE DESEMBARQUE — Cel. Segismundo Casado.

Observa o Cel. Casado que antes do atual conflito se generalizara o conceito de que a guerra de material produziria uma regressão da arte militar. Os fatos, todavia, estão demonstrando que a arte militar se revigorou com a guerra de material e que a influência do comando é mais intensa e direta sobre o desenvolvimento da luta. A complexidade dos elementos que participam da batalha moderna, sua coordenação e a surpreendente velocidade com que alguns deles atuam, exigem do comando rápidas decisões, até o extremo em que o cérebro individual cede lugar ao coletivo, razão pela qual os Estados Maiores são na atualidade algo mais que méros auxiliares do comando.

E de todas as operações militares as que oferecem mais dificuldades por sua complexidade e riscos são as que denominamos "operações de desembarque ou anfíbias." Estas operações exigem, não só a coordenação de forças terrestres, aéreas e navais, senão também a sua interdependência.

Quais, então, as condições mínimas que exige uma operação anfibia frente a um inimigo bem preparado para impedi-la?

O Cel. Casado estabelece essas condições, grupando-as assim :

I — Assegurar a superioridade aérea durante todo o tempo necessário à ocupação e consolidação da cabeça de ponte.

II — Ocupar uma cabeça de ponte mínima de 15 km., para que seja possível realizar as operações de desembarque a salvo do tiro eficaz da artilharia de campanha dos defensores.

III — Como operação preparatória do desembarque é indispensável destruir, ou ao menos neutralizar as baterias da defesa.

IV — Emprego combinado de forças aero-transportadas e de equipes de sabotagem, com o objetivo de paralizar ou perturbar o transporte de reforços ao setor da costa atacado, durante o tempo julgado necessário para consolidar a ocupação da cabeça de praia.

Muito verdadeiro, como se vê, o conteúdo desse esquema da atualidade militar, composto pelo Cel. Segismundo Casado. De certo a guerra de material, como predomina hoje, longe de anular o combatente e a importância do comando, valorizou-se. Não foi por outro motivo que o Gen. Montgomery ao despedir-se do VIII Exército, na Itália, assim se expressou: "Se me perguntardes qual o primeiro fator essencial para o êxito na guerra, eu vos direi que é o humano. Devemos recordar que não é o "tanque", o carro blindado ou encouraçado que vão ganhar esta guerra. São os homens que os governam. Esta é uma coisa superlativamente importante. O fator humano é absolutamente essencial." E no que toca ao comando é ainda terminante o seu depoimento: "O comando deve ser pessoal e verbal. Jamais dei uma ordem escrita aos meus generais."

Aliás, tem estado ao nosso alcance a comprovação dessas verdades. Ainda ultimamente tomando conhecimento do documentário cinematográfico da "invasão" não poderíamos deixar de refletir que, não obstante a gigantesca operação ter sido montada com todos os recursos e conduzida rigorosamente dentro das condições fundamentais catalogadas pelo Cel. Casado, o fator numero um dos seu êxito residiu no comportamento daqueles homens que, enfileirados, escoavam-se serena e prontamente dos barcos-transportes sobre as praias varridas pela metralha inimiga. Evidentemente se eles hesitassem ou não fossem suficientemente combativos ao deitar o pé em terra, de pouco valeriam a superioridade aérea e naval das suas cores.

Da "NAÇÃO ARMADA" — Número de Junho de 1944 — "A CAVALARIA NA GUERRA MODERNA" — (DE 1914 a 1939) — Ten. Ernesto Silva.

Cheio de singularidades é o que escreve o Tenente veterinário Ernesto Silva sobre esse tema de atualidade tão sedutora quanto perigosa.

"Entre nós — diz ele — a descrença e os ditos maliciosos, sobre o emprego exato dos animais na guerra, fizeram com que o abandono completo do cavalo de guerra se iniciasse de forma lastimante".

Não podemos atinar em que fontes o Tenente Ernesto adquiriu essas convicções. Não nos consta que tivesse começado entre nós o “completo abandono do cavalo de guerra”. Nenhuma unidade de Cavalaria hipomovel foi suprimida ultimamente no nosso Exército, antes novos regimentos têm surgido, como o 15.º R. C. I. que é de criação recente. Também não sabemos de nenhuma restrição no vasto e ativo programa de equinocultura da Diretoria de Remonta, impulsionada por esse ardoroso e competente técnico que é o General Silva Rocha.

Onde, pois, os sinais desse “completo abandono do cavalo de guerra” denunciado pelo Tenente Ernesto?

Certamente não toma o articulista a criação de unidades mecanizadas no nosso Exército como prova de que abandonamos o cavalo. Não lhe assacaremos essa grave injúria. Bem sabe o zeloso veterinário que a maior e melhor Cavalaria hipomovel da atualidade é a do Exército Vermelho, o qual, não obstante, é altamente mecanizado. E o campeão da Cavalaria soviética, o Gen. Budyení, costumava dizer que a formula russa não era “cavalo ou motor, mas cavalo e motor”. Não são, portanto, termos antagónicos esses. Assim, se pretender suprimir o cavalo é leviandade, encarar com prevenção o aparecimento de unidades mecanicas de Cavalaria num Exército como o nosso equivale a prova de espírito retrógrado.

Dessa forma continuamos sem enxergar os motivos que conduziram o articulista àquela alarmada afirmação de que entre nós se iniciara o “completo abandono do cavalo de guerra”.

Acompanhemos ainda o Ten. Ernesto Silva nas suas considerações: “A cavalaria, segundo deduzimos, pelas consecutivas leituras, não se ajustaria aos combates atuais sem que houvesse modificação no modo por que é empregada. E uma das falhas geralmente apontadas é a fraca potência de fogo da cavalaria, de modo que, apesar para o combate, ela não pode se portar como verdadeira infantaria”.

Logo adiante ei-lo a catalogar, entre as missões próprias da Cavalaria, a de produzir o “rompimento das frentes”.

Esses tópicos põem a descoberto que o articulista, conquanto cheio de interesse e apreço pela Cavalaria, não está perfeitamente aparelhado para defendê-la. Com efeito, para esse mister era preciso, antes de mais nada, conhecer a Cavalaria como arma.

O trabalho do Ten. Silva tem ainda um defeito essencial: é construído à base de experiências militares antigas, já amplamente superadas. E no caso da guerra de conquista da Etiópia, pelo exército fascista, as suas considerações chegam a ter um sabor paradoxal. O articulista confessa que “o exército etiope possuía apenas bandos

esparsos de cavaleiros"; quanto aos "italianos não usaram sua numerosa cavalaria e preferiram aplicar o motor"; contudo, a sua imprevista conclusão é de que "tanto italianos quanto etiopes não souberam aproveitar o terreno, apto ao emprego de grandes efetivos de Cavalaria", "mas a lição da guerra ficou", e a seu ver, "em épocas futuras não incidiriam mais neste erro e, em casos identicos, veríamos, certamente, uma poderosa cavalaria entre as tropas mais aguerridas dos exércitos em luta".

Ora, sucede que tudo isso está em desacordo com o ponto de vista do Gen. Graziani, que comandou os exércitos conquistadores na campanha da Etiopia, expresso nos seguintes termos: "Convenci-me de que, dadas as enormes distâncias, a condução das operações neste teatro é sobretudo um problema de transportes motorizados e de estradas".

Alem de tudo o Tenente Ernesto Silva esqueceu, na hora de formular as suas previsões, que já na guerra atual houve nova campanha na Etiopia, quando os britanicos, emprenderam a libertação daquele país e não foi feita absolutamente à base de transportes nem de unidades hipomóveis; o que vale por um desmentido antecipado às suas previsões dagora...

Restaurante Reis

Reis, Almeida & Cia.

O Restaurante que pela qualidade e pelo preço pôde servir desde o General aos soldados das forças expedicionarias

Avenida Almirante Barroso, 18 e 20

Telefone: 22-0993

RIO DE JANEIRO

Amplia-se a grande obra idealizada e criada por Henrique Lage

Henrique Lage foi o grande industrial e patriota que, com dedicação invulgar, surpreendendo os homens de sua geração, criou um mundo de indústrias com o nobre propósito de engrandecer sua pátria.

Durante anos, sem temer obstáculos, o saudoso industrial impulsionou as indústrias que sua decisão forte criara, indústrias que iam da extração do carvão, da navegação marítima à vertiginosa atividades de modelares estaleiros, capazes de dar ao Brasil os seus próprios navios.

Esse admirável entusiasta, cujo patriotismo contagiava a quantos dele se aproximavam, soube conquistar a estima de todas as classes, dos militares principalmente, tanto que os cadetes brasileiros o tinham como seu "amigo número um".

Homem de ação e de inteligência, Henrique Lage teve seus colaboradores, entre os quais avultava o dr. Pedro Brando, seu mais íntimo auxiliar nos principais cometimentos da poderosa organização por ele fundada. Unidos, identificados pelo mesmo pensamento de engrandecer o Brasil, os dois grandes brasileiros trabalharam incansavelmente, até que a morte, quando mais ainda a nossa indústria esperava de tamanho esforço, veio colher Henrique Lage.

UM SUCESSOR A ALTURA DE UM GRANDE HOMEM

Morto Henrique Lage, a obra por ele criada não parou em seu avanço miraculoso, em sua capacidade realizadora e benéfica à segurança nacional. Foi mesmo esse seu caráter de ampla importância que levou o governo do Presidente Getúlio Vargas a entregar ao Estado o controle. E criada a "Organização Henrique Lage", com feição oficial, foi a figura do dr. Pedro Brando, o mais íntimo e laborioso colaborador do patriota desaparecido, que a confiança do Chefe da Nação escolheu para tomar a direção de tão importante quanto complexo organismo. Era, assim, premiado devidamente um homem que soubera partilhar, com igual entusiasmo e coragem, dos riscos e dos êxitos de Henrique Lage.

TRABALHO INTENSO E REALIZADOR

Não precisamos selecionar adjetivos para dizer do brilho e da segurança que marcam a superintendência do dr. Pedro Brando na "Organização Henrique Lage". Para exaltá-la aí está o acervo de serviços da mais alta importância prestados à nação, em escala sempre crescente, como o exige a hora de preparação guerreira que o Brasil está vivendo. Todavia vale ressaltar a cooperação valiosíssima que representam os navios construídos nos estaleiros da Organização, — tributo dos maiores à nossa defesa marítima, ao transporte de abastecimentos e de materiais para as tropas do Brasil.

Toma assim novos fulgores, pois, agiganta-se mesmo, sob a orientação energética eclarecida do dr. Pedro Brando, a grande obra que Henrique Lage idealizou e começou a construir para grandeza da pátria que ele tanto amou e soube dignificar pelo trabalho profícuo e pelo patriotismo extremo e sem jaça, — virtudes essas que a palavra eloquente e autorizada do atual superintendente da "Organização Henrique Lage" não se cansa de exaltar de público para conhecimento de todos os brasileiros.

BOLETIM

A BIBLIOTECA MILITAR está distribuindo aos seus assinantes o volume LXXVII da sua coleção e que vem a ser: **COOPEREMOS PARA A BOA LINGUAGEM**, de autoria do Ten.-Cel. Rui Álmeida, professor no Colegio Militar e diretor da "Revista Filológica".

Trata-se de um volume que será certamente muito útil aos leitores militares de todas as categorias, pois discute e esclarece à luz dos melhores documentos clássicos, velhas e novas questões de linguagem.

*

Na capital do Território do Acre foi inaugurado recentemente um parque infantil que recebeu o nome de "Parque Infantil Cel. Lima Figueiredo". Com isso se homenageou ao mesmo tempo o sertanista que tantas vezes se aprofundou naqueles chãos remotos do Acre, e o ex-comandante da Escola de Educação Física do Exército, entusiasta batalhador pelo aperfeiçoamento físico do homem brasileiro.

*

Está enfermo há algum tempo o Cel. Luís Lobo. Secretário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, de que foi um dos fundadores com Tasso Fragoso, Leitão de Carvalho, Severino Sombra, Genérico de Vasconcelos, o Cel. Luís Lobo, atualmente reformado, vinha sendo o grande animador dessa Instituição, com uma atuação inteligente e interessada.

Além disso exercia pontual atividade técnico-militar na imprensa e ultimamente pública na BIBLIOTECA MILITAR um estudo sobre a "História Militar do Pará".

*

Entre os oficiais do Estado Maior do Gen. V. Benicio da Silva inclui-se presentemente o Maj. Salm de Miranda, que desde o término do seu curso na Escola de Estado Maior vinha servindo no Q. G. da 1.^a Divisão de Cavalaria, no Rio Grande do Sul.

O fato é altamente auspicioso, entre outros motivos porque restitue ao nosso convívio um oficial de comprovado merecimento. Seu nome está ligado a numerosos trabalhos de técnica militar e de cultura geral. É de esperar que agora retome o seu ritmo de produção intelectual e venha a dar-nos novos e interessantes trabalhos.

A REVISTA MILITAR DEL PERÚ, no seu número de novembro de 1943, transcreve de A DEFESA NACIONAL o artigo "Os serviços nas Unidades de carros até o escalão batalhão", de autoria do Cap. Fernando Belfort Bethlem.

Este jovem colaborador de A DEFESA NACIONAL, distinguido pela REVISTA MILITAR DEL PERÚ, é oficial da Arma de Cavalaria, já foi instrutor da Escola de Moto-Mecanização, esteve nos Estados Unidos entre as primeiras turmas que daqui foram fazer cursos no Exército Norte Americano, e atualmente integra as Forças Expedicionárias Brasileiras.

*

O Ten.-Cel. Artur da Costa e Silva, que se encontrava há vários meses nos Estados Unidos, fazendo o CURSO AVANÇADO DE TANQUES do Exército Norte Americano, acaba de regressar ao nosso país.

O ilustre oficial de Estado Maior já reassumiu as suas antigas funções de comandante da Escola de Moto-Mecanização do Exército.

*

Parte de um "Curso" sobre a vida, a personalidade e a obra de Euclides da Cunha, promovido pela Academia Carioca e Associação Brasileira de Educação, o Cap. Umberto Peregrino pronunciou recentemente uma conferencia subordinada ao título: "Euclides da Cunha na vida militar". Eis o esquema dentro do qual se desenvolveu o estudo do Cap. Umberto Peregrino, o segundo que faz sobre o seu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil: Euclides na Escola Militar — Como era a Escola Militar da Praia Vermelha — Explicação do ingresso de Euclides na Escola Militar — O transito de Euclides pela Praia Vermelha — A segunda fase de Euclides no Exército — Por que voltou Euclides ao Exército? — As atividades de Euclides como oficial — O correspondente de guerra — A vida militar de Euclides e a sua obra.

*

De autoria do Ten.-Cel. Romeo Barrientos Rosas o "Memorial do Ejercito de Chile" publica no número de março-abril deste ano um interessantíssimo estudo sobre "A ciência geográfica ao serviço da guerra".

Segundo o próprio autor esse estudo objetiva: "informar sobre a evolução da Geografia Militar; definir as concepções que hoje regem esse ramo das ciências militares na metodologia e na didática; evidenciar a transcendência da Geografia na preparação e na execução das guerras, o que fixa as afinidades entre o estadista e o estratega; demonstrar que a conduta das operações bélicas no cenário terrestre, aéreo e marítimo é função premordial da realidade geográfica; comprovar historicamente que o desconhecimento geográfico malogrou com incrível frequência a sorte de campanhas e batalhas; estabelecer, finalmente, as complexas conexões necessárias à Geografia Militar.

NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA DE 20 DE JUNHO a 20 DE JULHO DE 1944

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Concessão)

— É concedida autonomia administrativa ao Parque Regional de Moto-Mecanização da 3.^a Região Militar, na conformidade que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército aprovado por Decreto n.^o 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.^o 1768 de 1. — D.O. de 4-7-944).

— É concedida autonomia administrativa à 1.^a Companhia do 4.^o Batalhão de Fronteiras (Decreto-lei n.^o 6.652, de 30 de junho de 1944), na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército em seu art. 25.

(Aviso n.^o 1807 de 6. — D.O. de 7-7-944.

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Passa a ter)

— A Pagadoria fixa da Força Expedicionária Brasileira passa a ter autonomia administrativa na conformidade do disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n.^o 3.251, de 9 de novembro de 1938.

Aviso n.^o 1762 de 30-6 D. O. de 3-7-944.

— As "Oficinas da Urca" passam a ter autonomia administrativa na conformidade do disposto no artigo n.^o 25 do Regulamento de Administração do Exército aprovado por Decreto n.^o 3.251, de 9 de novembro de 1938.

Aviso n.^o 1704 de 26 — D. O. de 28-6-944.

BATALHÃO DE FRONTEIRAS (Criação)

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

É criado, para organização imediata, com sede em Boa Vista, Território do Rio Branco, o 4.^o Batalhão de Fronteiras, que terá, provisoriamente, apenas uma companhia organizada.

Revogam-se as disposições em contrário.

Decreto-lei n.^o 6652, de 30. — D. O. de 3-7-944.

BATALHÃO DE TRABALHADORES

— Fica adotada a abreviatura — B. Tb. — para os Batalhões de Trabalhadores da F. E. B.

Aviso n.^o 1.6b7 de 18 — D. O. de 20-6-944.

CADERNO DE ENCARGO (Aprovação)

— Aprovo o Caderno de Encargos para chicotes para viaturas de um a três e a quatro animais.

Aviso n.^o 1700 de 26 — D. O. de 28-9-44.

A DEFESA NACIONAL

Matéria para o número de 10 de setembro de 1944

- 1.^º — EDITORIAL.
- 2.^º — ESTABILIZAÇÃO DOS SOLOS EM CAMPANHA —
Trad. Ten.-Cel. Mac Cord.
- 3.^º — UM EMPREGO PARA O “BAZOOKA” — Trad.
Ten.-Cel. Armando de Vasconcelos.
- 4.^º — O EXÉRCITO VERMELHO EMPREGA SUA CAVA-
LARIA — Trad. Major Paulo Enéas F. da Silva.
- 5.^º — O FOGÃO DE CAMPANHA DO EXÉRCITO M-1937
— Trad. Cap. I.E. José Sales.
- 6.^º — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO — Major Pastor de
Almeida.
- 7.^º — ORAÇÃO AOS JOVENS OFICIAIS — Trad. Major
Adalardo Fialho.
- 8.^º — A CAVALARIA MODERNA — Ten.-Cel. Arthur
Carnaúba.
- 9.^º — O CÃO EM SERVIÇO DE GUERRA — Cap. Diogenes
Nunes de Assunção.
- 10.^º — COMEMORAÇÃO DO 25.^º ANIVERSÁRIO DA FOR-
TELEZA DE TAIPÚ.
- 11.^º — REVISTAS EM REVISTA.
- 12.^º — LIVROS DO EXÉRCITO.
- 13.^º — NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO.

CÓDIGO DE VENCIMENTOS E VANTAGENS DOS MILITARES DO EXÉRCITO. (Redação).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Passa a ter a seguinte redação o art. 184 do Decreto-lei número 2.186, de maio de 1940 (Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército):

“Os sargentos, cabos e soldados asilados e os cabos e soldados reformados que baixarem ao Hospital terão direito ao tratamento gratuito”.

O presente Decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 6699, de 17-7-944.

CARGO VAGO — (Solução de consulta)

I — Achando-se vago o cargo de Inspetor de um Grupo de Regiões Militares, por não haver ainda assumido as funções o Oficial General para ele nomeado, o tenente-ioronel Altamiro da Fonseca Braga consulta como se deve proceder, no caso em apreço, julgando caber ao Oficial mais graduado do E. M. da Inspetoria o exercício interino de cargo.

II — Em solução, declaro que, no caso de substituição do Inspetor, a função deve caber ao Oficial-general mais graduado, ou mais antigo, das Regiões Militares abrangidas pela Inspetoria do Grupo de Regiões. Enquanto estiverem os três Grupos com sede nesta Capital, assim de evitar deslocamentos de Comandantes de Região Militar, o exercício do cargo que se achar vago deverá ser exercido pelo Inspetor mais antigo, cumulativamente com as suas obrigações normais.

III — O Oficial que, por qualquer motivo, tenha ficado à testa de Inspetoria de Grupo de Regiões Militares, por não haver o General titulado assumido a direção da mesma, deve ser considerado como respondendo pelo expediente da Repartição.

Aviso n.º 1.636, de 21 — D. O. de 23-6-944.

CONVOCACÃO DE RESERVISTAS — (Autorização)

— Com referência aos Avisos ns. 1.622 e 1.663, ambos de 22 de junho de 1944, a 1.ª, 2.ª e 4.ª Regiões Militares estão autorizadas a convocar os reservistas necessários à formação do Parque Central de Moto-Mecanização e do Depósito de Moto-Mecanização do Rio de Janeiro, à medida que lhes forem solicitados pela Diretoria de Moto-Mecanização.

Aviso n.º 1.706, de 27 — D. O. de 29-6-944.

CORPO DE TROPA — (Efetivo)

— Os efetivos do Batalhão Vilagran Cabrita e dos Batalhões Ferroviários (1.º e 2.º) ficam acrescidos de um Major da arma de Engenharia, do Q. O. para exercer as funções de Fiscal Administrativo.

Aviso n.º 1.808, de 6 — D. O. de 7-7-944.

— A 8.ª Companhia do III/5.º Regimento de Infantaria, destacada em Tupã, por ter tido autonomia administrativa, passa a ter o efetivo de Companhia de Fuzileiros Independente.

Aviso n.º 1.837, de 11 — D. O. de 13-7-944.

CURSO DE MONITOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA — (Matrícula)

— Fica a Diretoria do Ensino autorizada a reservar no “Curso de Moni-

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspéto Geográfico Sul-Americanano — Cel. Mario Travassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coronel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I. "A Defesa Nacional".

tor de Educação Física" a ter início em 1 de agosto próximo, das cem matrículas previstas, vinte para a Fôrça Aérea Brasileira, dez para a Polícia Militar do Distrito Federal e cinco para as demais Fôrças Auxiliares dos Estados.

As 65 vagas restantes deverão ser preenchidas por Sargento se Cabos, da seguinte maneira:

1. ^a R. M.	20
2. ^a R. M.	15
4. ^a R. M.	15
3. ^a R. M.	5
5. ^a R. M.	5
9. ^a R. M.	5

Aviso n.º 1.650, de 21 — D. O. de 23-6-944.

CURSO DE TRANSMISSÕES — (Funcionamento)

— Deverá funcionar no C. I. E., ainda no corrente ano, um Curso de Transmissões para oficiais de todas as armas.

Número de matrículas:

- 10 Tenentes da Arma de Engenharia.
- 8 Tenentes da Arma de Infantaria.
- 8 Tenentes da Arma de Artilharia.
- 4 Tenentes da Arma de Cavalaria.

Duração:

- Curso de Engenharia — 13 semanas.
- Curso de outras armas — 11 semanas.

Inicio do Curso, será a 24 de julho.

As R. M. (1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a e 9.^a) deverão mandar via rádio, até 20 do corrente, a relação dos oficiais que desejarem frequentar o Curso, ao Diretor das Armas, de modo que este possa providenciar, a apresentação dos que forem designados, até o dia 25, à E. Transmissões.

Esse Curso fica equiparado, para todos os efeitos aos Cursos A e A₁, da E. de Transmissões.

Aviso n.º 1.900, de 15 — D. O. de 17-7-944.

DISTINTIVO — (Aprovação)

— Aprovo o distintivo da Polícia Militar da 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária.

Aviso n.º 1.840, de 11 — D. O. de 13-7-944.

ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO — (COMANDO)

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra a, da Constituição, decreta:

O Comando da Escola Técnica do Exército é exercido por oficial da ativa, engenheiro militar, com o posto de Coronel ou de General de Brigada".

O presente Decreto entra em execução na data de sua publicação.

Decreto-Lei n.º 16.020, de 7 — D. O. de 10-7-944.

EX-ALUNOS DO C. E. N. DE P. OFICIAIS DA RESERVA — (Solução de consulta)

— Consulta o comandante do 3.^º Batalhão de Carros de Combate, em

LIVROS A VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*)	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Bento Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertoldo Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da	
Código Penal Militar — Cap. Moacyr Faião Gomes ..	9,00
Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da	
Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de	
Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

ofício n.º 17, de 19 de janeiro de 1944, como devem ser considerados, para efeito de percepção de vencimentos, os ex-alunos de Centros e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva desligados e incorporados às fileiras do Exército, em virtude do decreto n.º 10.633, de 14 de outubro de 1942.

Em solução declaro que, para efeito de percepção de vencimentos, os ex-alunos em tais condições devem ser considerados como convocados para o serviço ativo, uma vez que foram mandados incorporar por força do decreto supra citado.

Aviso n.º 1.883, de 13 — D. O. de 15-7-944.

FABRICA DE MATERIAL DE TRANSMISSOES — (Funcionamento)

O "Diário Oficial" n.º 163, de 15-7-1944 (página n.º 12.489) publica as Instruções Provisórias para funcionamento da Fabrica de Material de Transmissões.

FABRICA DE MATERIAL DE TRANSMISSOES — (Divisão)

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra *a* da Constituição, decreta:

O cargo de Diretor da Lábrica de Material de Transmissões passa a ser privativo do posto de Coronel da Arma de Engenharia.

Revogam-se as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 16.079, de 13 — D. O. de 15-7-944.

INGRESSO NOS CENTROS DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA — (Resolução)

— De acordo com o que facilita o art. 59 do Decreto-lei n.º 4.130, de 20 de fevereiro de 1942 (Lei do Ensino Militar) resolvo:

a) fixar em 26 anos o limite máximo de idade para ingresso nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva;

b) determinar que sejam desligados dos Centros e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva os alunos que venham a faltar, consecutivamente, sem ser por motivo de moléstia comprovada, quinze dias às inscrições e trabalhos escolares;

c) não computar ao aluno dos Núcleos ou Centros nenhum ponto de comparecimento no dia em que faltar a qualquer ato de serviço, instrução ou aula.

Aviso n.º 1.673, de 23 — D. O. de 26-6-944.

INSIGNIAS — (Aprovação)

— Aprovo as Insignias de classe de enfermeiras da Reserva das enfermeiras do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército.

Aviso n.º 1.783, de 4 — D. O. de 6-7-944.

INSIGNIAS DE UNIDADE DA FORÇA EXPEDICIONARIA — (Aprovação)

— Aprovo os modelos de insignias de unidades e serviços da Força Expedicionária Brasileira:

Cia. do Q. G. da F. E. B.

Pel. Pol. Militar da F. E. B.

Dest. de Saúde da F. E. B. (adido à Cia. Q. G. da F. E. B.).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Guia para Instrução Militar na Tropa — Major Ruy Santiago	21,00
Guia para o Cmte. do Pelotão de Fuzileiros - 2.ª parte Maj. A. Tamoyo	13,00
Historia do Duque de Caxias — Cap. Frederico Trotta	5,00
Historia Militar do Brasil — Gustavo Barrozo	11,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio Braga	3,00
Indicador Paranhos 15-XI-928 a 31-XIII-935 — Eurico Paranhos	13,00
Indicador Paranhos de 1936 — Eurico Paranhos	7,00
Instrução de Transmissões — Cel. Lima Figueiredo	16,00
Instrução na Cavalaria — Major João de Deus Mena Barreto	11,00
Instrução na Cavalaria, Separata n.º 54 — Major J. Horacio Garcia	5,00
Impressão de Estagio no Ex. Francês — Cel. J. B. Magalhães	4,00
Instrução de Obs. Corpos de Tropa — Ten. Cel. A. B. Gonçalves	9,00
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas — Cap. J. J. Gomes da Silva	5,00

Serviço de Ajudância Geral do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Inspeção Geral do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Guerra Química do Q. G. da F. E. B.
 Serviço Especial do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Justiça do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Engenharia do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Transmissões do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Material Bélico do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Fundos do Q. G. da F. E. B.
 Serviço de Saúde do Q. G. da F. E. B.
 Correio Regulador n.º 1 (a insignia terá o n.º 1 ou n.º 2).
 Estação Postal n.º 1 (para a 1.ª D. I. E.).
 Estação Postal n.º 2 (para a 2.ª D. I. E.).
 Estação Postal n.º 3 (para a 3.ª D. I. E.).
 Estação Postal n.º 4 (para os elementos não divisionários).
 Estação Postal n.º 5 (para os elementos da retaguarda ou de base eventual).

Grupamento de Infantaria do Dep. de P. da F. E. B.
 Grupamento de Artilharia do Dep. de P. da F. E. B.
 Grupamento de Cavalaria do Dep. de P. da F. E. B.
 Grupamento de Transmissões do Dep. de P. da F. E. B.
 Grupamento de Saúde do Dep. de P. da F. E. B.
 Grupamento de Intendência do Dep. de P. da F. E. B.
 Grupamento de Manutenção do Dep. de P. da F. E. B.
 Sub-Grupamento de Infantaria do Dep. de P. da F. E. B.
 Sub-Grupamento de Artilharia do Dep. de P. da F. E. B.
 Dest. de Saúde do Btl. de Trab. da F. E. B.
 Serviço Religioso do Q. G. da F. E. B.
 Depósito de Intendência da F. E. B.
 Cia. do Dep. de Intendência da F. E. B.
 Destacamento de Saúde da Artilharia Divisionária da 1.ª D. I. E.
 Cia. de Cmdo. da Artilharia Divisionária da 1.ª D. I. E.
 Hospital Primário.
 Hospital Secundário.
 Hospital de Campanha.
 Cia. de Ambulância.

Aviso n.º 1.775, de 3 — D. O. de 5-7-944.

INTEGRANTES DA F. E. BRASILEIRA (Resolução)

— De acordo com o que facilita o art. 59 do Decreto n.º 4.130, de 20 de fevereiro de 1942, resolvo assegurar a todos os elementos integrantes da F. E. B., os direitos que por ventura lhes assistam, relativos a concursos e matrículas nos diversos cursos e escolas do Exército, durante o tempo em que estiverem servindo na mesma.

Aviso n.º 1.774, de 3 — D. O. de 5-7-944.

OFICIAL DA RESERVA CONVOCADO — (Montepio)

— Consulta o Chefe da 2.ª C. R. a respeito da contribuição de montepio de oficial da reserva convocado para o serviço ativo, se, nessa situação assiste-lhe ou não o direito de contribuir para o montepio militar com um dia de salário pela tabela do Decreto-lei n.º 5.976, de 10-11-43. Em solução declaro:

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo (*)	11,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira	19,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evandro Del Corona	26,00
Manual de Instrução Pré Militar — Cap. Moacyr Fayão Gomes	11,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet	21,00
Manoal de Nioac — Gen. Bertoldo Klinger	5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes (*)	11,00
Mais Uma Carga Camaradas — Gen. Benicio da Silva	21,00
Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda (*)	10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa Contra Engenhos) — Capitão Hugo M. Moura	4,50
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino de Souza	16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade (*)	11,00
Notas de emprego do Batalhão no Terreno — Comandante Audet	2
O Livro do Observador — Cap. Paladini	4,00
O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado	11,00
Os Pombos Correio e A Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima (*)	26,00
	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Que nenhuma alteração se operou na contribuição para o montepio militar dos oficiais da reserva, por força das disposições dos artigos 1.º e 2.º do Decreto-lei n.º 6.280, de 17-2-44, continuando, a pensão respeitiva, a ser calculada pela contribuição que os mesmos fazem.

Aviso n.º 1.817, de 10 — D. O. de 12-7-944.

OFICINA REGIONAL — (Efetivo)

— O efetivo da Oficina Regional de Reparações do S. M. B. da 4.ª R. M., fixado pelo Aviso n.º 3.677 — Quad. 63, de 11 de dezembro de 1941, e alterado pelo Aviso n.º 155-Efti. 3, de 20 de janeiro de 1942, passa a ser o seguinte:

1.º Sargento mestre geral	1
2.º Sargento controlador-revisor	1
2.º Sargento carpinteiro	1
2.º Sargento segeiro	1
2.º Sargento ferreiro	1
2.º Sargento seleiro-corrieiro	1
2.º Sargento serralheiro	1
2.º Sargento armeiro	1
2.º Sargento torneiro-mecânico	1
3.º Sargento limador-ajustador	1
3.º Sargento armeiro	1
3.º Sargento torneiro-mecânico	1
3.º Sargento pintor	1
3.º Sargento eletricista	1
3.º Sargento fundidor	1
Cabo armeiro	1
Cabo torneiro-mecânico	1
Cabo carpinteiro	1
Cabo segeiro	1
Cabo seleiro-corrieiro	1
Cabo serralheiro	1
Soldados auxiliares	7

Aviso n.º 1.765, de 1 — D. O. de 4-7-944.

PAGAMENTO DE INATIVOS MILITARES (Determinação)

— Para regularidade de controle a cargo da Subdiretoria de Fundos do Exército, fica determinado:

- que ao remeterem àquela repartição o quadro demonstrativo mensal dos pagamentos de inativos militares, os E. F. R. mencionem no respectivo ofício de remessa os falecimentos que tenham ocorrido durante o mês, declarando os postos ou graduações, nomes e proventos mensais dos inativos falecidos;
- que sejam, também, mencionadas os transferências de pagamentos de inativos para outras Regiões;
- que, finalmente, os E. F. das Regiões por onde tenham de receber seus proventos os militares que venham de passar à inatividade façam menção análoga em seus ofícios de remessa daqueles quadros demonstrativos.

Aviso n.º 1.736, de 29-6 — D. O. de 1-7-944.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza	3,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5,00
O Tiro da Seção do Morteiro Brandt 81 — Maj. J. A. Pavel	16,00
O Tiro de Grupo I. Rapida, Separata n.º 55 — Cap. B. B. Fortes (*)	6,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Capitão A. Pereira Lira	15,00
Pequeno Manual do S. C. da Cavalaria — Major José H. Garcia (*)	12,00
Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aquino	16,00
Reto. de Educação Física - 1.ª Parte (*)	25,00
Reto. para Instrução dos Quadros e da Tropa (*)	3,00
Serviço de Informação e de Transmissões em Campanha G. Cortes	11,00
Sinalização a braços e ótica — Cel. Lima Figueiredo ..	3,00
Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger	16,00
Tres anos de Ortografia S. Brasileira (para assinantes da Revista "Defesa Nacional")	12,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

PARQUE REGIONAL DE MOTO-MECANISIAÇÃO — (Transformação)

— I — Na conformidade do artigo 35 das Instruções para o Funcionamento do Serviço de Motomecanização Regional, baixadas pela Portaria n.º 3.763, de 24-9-1942, a oficina de reparações do S. M. M. R. da 3.^a Região Militar é transformada em Parque Regional de Moto-Mecanização, com sede provisória em Pôrto Alegre e com a organização em pessoal idêntica a do Parque da 7.^a R.M. (Aviso n.º 29, Efet. 1, de 6-1-942).
 II — Com fundamento no art. 30 das Instruções supracitadas o Parque Regional de Moto-Mecanização da 3.^a R. M. fica subordinado técnica e disciplinar e administrativamente ao Comando da 3.^a Região Militar.

— Aviso n.º 1.769, de 1 — D. O. de 4-7-944.

PESSOAL DA JUSTIÇA MILITAR DA FORÇA EXPEDICIONARIA — (Distintivo)

— O pessoal da Justiça Militar, em serviço na Fôrça Expedicionária Brasileira deverá usar os mesmos uniformes dessa Fôrça, com o distintivo de uma balança, tendo por fiel uma espada.

Aviso n.º 1.649, de 21 — D. O. de 23-6-944.

PRAÇAS DESERTORAS DAS FILEIRAS DO EXÉRCITO — (Julgamento)

— As praças desertoras do Exército, de qualquer Unidade, que se apresentarem ou forem capturadas, em território da 1.^a Região Militar, serão recolhidas ao Presídio Militar, na Ilha de Bom Jesus, sendo ali processadas e julgadas pelos Conselhos de Justiça que se fizerem necessários, os quais funcionarão no Presídio.

As praças desertoras pertencentes à Fôrça Expedicionária Brasileira que se apresentarem ou forem capturadas, em território da 1.^a Região Militar, após a partida de suas Unidades para o estrangeiro, serão reincluídas na Companhia de Guardas da Ilha de Bom Jesus, aplicando-se-lhes o disposto no art. 1.^º

Fica o Ministro da Guerra autorizado a transferir de outras Regiões para a 1.^a Região Militar as praças desertoras que nelas forem capturadas ou se apresentem.

O Comandante da 1.^a Região Militar organizará tantos Conselhos quantos necessários para o fim previsto no art. 1.^º

Os Conselhos de que trata o art. 1.^º do presente Decreto-lei obedecerão às normas estabelecidas para os Conselhos dos Corpos de Tropa de que trata o Código de Justiça Militar, baixado com o Decreto-lei n.º 925, de 2 de dezembro de 1938.

Decreto-lei n.º 6.715, de 19-7-944 — D. O. de 20-7-944.

PRAÇAS DE ESTAÇÃO DE RÁDIO — (Solução de consulta)

— Consulta o Comandante da 8.^a R. M. se a gratificação especial a que têm direito, as praças do Pelotão Independente de Vila Bitencourt e Cucuí de acordo respectivamente com o artigo 140 do C. V. V. M. E., e Decreto-lei n.º 5.516, de 24 de maio de 1943, pode ser paga também às praças da Estação Rádio e outras que não pertençam aos efetivos orgânicos desses pelotões, mas tenham de aí permanecer adiadas em objeto de serviço.

Em solução declaro:

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Telemetria — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	16,00
Telemetros de Inversão — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	9,00
Tática de Infantaria (*)	3,00
Travessia de Cursos Dágua — Maj. José H. Garcia (*)	6,50
Transposição de Cursos Dágua — Cel. Lima Figueiredo	3,00
Tiro e emprego do Armamento da Infantaria — Major Pavel (*)	30,00
Theiria das Progressões e Logarítmicos	5,50
Um Ano de Observações no Extremo Oriente — Coronel Lima Figueiredo	15,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. Frederico N. Dias	13,00
Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves (no prélo) (*)	16,00
Topografia Prática — Cap. João Augusto Ternandes e Rubens Monteiro de Castro	31,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Que às praças a que se refere a consulta embora não pertençam aos efetivos orgânicos dos Pelotões Independentes estacionados nas referidas localidades, que ali permanecem adidas em serviço, sujeitas consequentemente, às mesmas circunstâncias, aos mesmos ônus, das praças efetivas dos aludidos Pelotões, devem ser pagas idênticas vantagens.

Aviso n.º 1.667, de 22 — D. O. de 24-6-944.

PRAÇAS NO SERVIÇO DE MOTORISTA — (Solução de consulta)

— O Chefe do Estabelecimento de Fundos da 7.ª R. M. consulta se os motoristas de Coronéis no Comando de Brigadas de Infantaria, têm direito ao pagamento de gratificação de que trata o § 2.º do art. 141, do C. V. V. M. Exército.

Em solução declaro:

E' certo que o dispositivo citado se refere aos motoristas dos generais, mas considerando-se que o legislador teve em vista, certamente, os serviços prestados, em virtude do cargo exercido pelos generais e considerando também que os coronéis de que trata a consulta se encontram no exercício de cargo atribuído ao posto de General, cabe às praças no serviço de motorista dos referidos comandos o pagamento da gratificação em causa.

Aviso n.º 1.816, de 10 — D. O. de 12-7-944.

PRAÇAS QUE SERVEM COMO OPERADORES — (Solução de consulta)

— Consulta o Comandante da 8.ª Região Militar, em radiograma ST-110, de 18 de março do corrente ano, se as praças pertencentes aos corpos de tropa daquela Região e que servem como operadores nas estações de rádio à disposição do Serviço de Transmissões Regional estão amparadas pelo Aviso n.º 2.975, de 6 de dezembro do ano findo.

Em solução, declaro que a todos os rádio-operadores que exercem as mesmas funções dos que pertencem ao Quadro de Radiotelegrafistas do Exército assiste direito às vantagens previstas na letra b, do art. 132, do C. V. V. M. E., desde que estejam computados nas vagas existentes no referido Quadro.

Aviso n.º 1.814, de 10 — D. O. de 11-7-944.

QUADRO ESPECIAL DE OFICIAIS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE — (Criação)

— Fica alterado do seguinte modo o art. 1.º do Decreto-lei n.º 6.509, de 18 de maio de 1944:

“E' criado um Quadro Especial de Oficiais na Reserva de 2.ª Classe do exército, para Juizes e Membros do Ministério Público e Escrivães da Justiça Militar, organizado na forma do Decreto-lei n.º 6.396, de 1 de abril de 1944”.

O presente Decreto-lei entra em vigor na data da publicação do Decreto-lei n.º 6.509, de 18 de maio de 1944, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 6.678, de 13 — D. O. de 15-7-944.

QUADRO DA ARMA DE CAVALARIA — (aumento)

— Fica o quadro da arma de Cavalaria aumentado de dois sub-tenentes, de acordo com o art. 16 das Instruções para nomeação, classificação e

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
“A Defesa Nacional”.

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

transferência dos Sub-tenentes, aprovadas pela portaria n.º 6.123, de 1 de março de 1944, destinados à segunda ala (menos um esquadrão) do 2.º Regimento Moto-Mecanizado, à qual foi mandada dar efetivo pelo aviso n.º 1.585, de 13 de junho expirante.

Aviso n.º 1.803, de 6 — D. O. de 8-7-944.

REGULAMENTO DE UNIFORMES DO PESSOAL DO EXÉRCITO — (Alteração)

— O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 174, letra *a*, da Constituição, decreta:

A especificação dos uniformes constantes do Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército baixado por Decreto n.º 10.205, de 10 de agosto de 1942, sofre as seguintes alterações:

- Ficam suprimidos os esporins, as salteiras de metal e as botinas interiores;
- E' estabelecido o uso dos sapatos de verniz preto e meias pretas lisas, em todos os uniformes, para os oficiais, exceto nos de instrução, com os quais serão usados borzeguins de couro preto;
- Fica abolido o uso dos calções de gabardine, cinza e verde oliva, para os oficiais quando a pé;
- E' substituída a sunga de brim mescla azul pela de brim verde oliva. E' permitido até 31 de dezembro do corrente ano o uso das peças suprimidas pelo presente Decreto.

Decreto-lei n.º 15.990, de 5 — D. O. de 7-7-944.

REGULAMENTO PARA AS GRANDES UNIDADES — (Redação)

— Tendo em vista o Aviso número 1.526, de 9 de junho de 1944, letra *h*, do artigo 34 do Regulamento para as Grandes Unidades e seus Estados Maiores, Comandos de Armas da Divisão de Infanaria e Comandos de Brigadas em Tempo de paz, aprovado pelo Decreto n.º 11.451, de 1.º de fevereiro de 1943, passa a ter a seguinte redação:

h) — assinar — por ordem todos os papéis que embora com a presença do General, este o tenha autorizado. São excluídos dessa autorização os papéis destinados ao Ministro, Chefe do Estado Maior do Exército, Inspetores e Diretores de Armas e Serviços, e todos os que elogiem, censurem ou firmem princípio".

Aviso n.º 1.705 de 26 — D. O. de 28-7-944.

RESERVISTA, CONVOCADO — (Solução de consulta)

— O Chefe do Estabelecimento de Material de Intendência do Rio consulta sobre a situação militar dos soldados reservistas convocados que atingiram a idade de 31 anos, tendo em vista o disposto no Aviso número 1.864, de 27 de julho de 1943.

Em solução, declaro que devem ser licenciados todos os soldados reservistas convocados que atinjam a idade de 31 anos, excetuando-se, porém, os que fazem parte do 1.º Escalão da Força Expedicionária Brasileira.

Aviso n.º 1.825, de 10 — D. O. de 12-7-944.

RESERVISTA CONVOCADO PROMOVIDO A SARGENTO — (Solução de consulta)

— Consulta o Comandante da 5.ª Companhia Montada de Transmissões se o reservista convocado, promovido a sargento, deve contribuir para o montepio militar.

Em solução declaro:

1) que a situação dos sargentos do Exército, como contribuintes do mon-

A Defesa Nacional

em

SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.º andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



**Anunciar na A Defesa Nacional é fazer
publicidade eficiente.**

tepíio militar, está regulada pelo Decreto n.º 3.695, de 6 de fevereiro de 1939, o qual, conforme afirma o Estabelecimento de Fundos da 9.ª R. M., não nega ou restringe o direito do reservista convocado contribuir para o montepíio militar da graduação em que se encontre, e isso apenas porque o citado decreto não cogita absolutamente do sargento reservista convocado, dispondo sómente de normas para que continue contribuinte aquél que adquiriu como efetivo o direito da contribuição (ar. 6.º do Decreto n.º 3.695);

2) que nenhuma razão jurídica impõe seja modificada essa situação do sargento reservista convocado em face do instituto do montepíio, uma vez que a convocação tem caráter transitório e que outras disposições legais contidas nos Decretos-leis ns. 4.918, de 8 de outubro de 1942 e 3.269, de 14 de maio de 1941, regulam, expressamente, a situação desses militares, na hipótese em que os mesmos venham a falecer, prestando serviços ao Exército, e em consequência do motivo porque foram convocados, ou seja, em campanha ou acidentados quando no exercício de suas funções nas fileiras;

3) que, ademais, admitidos que fossem os sargentos reservistas convocados como contribuintes, não poderiam êles continuar inscritos obrigatoriamente em outros institutos ou caixas, e ficariam também privados do montepíio militar, na hipótese de licenciados antes que perfizessem os cinco anos que a lei exige para poderem continuar contribuintes.

Em consequência, o sargento reservista convocado não pode ser admitido como contribuinte do montepíio militar visto não haver disposição legal que autorize essa admissão.

Aviso n.º 1.763, de 30-6 — D. O. de 4-7-944.

REUNIÃO PAN-AMERICANA DE CONSULTA (Determinação)

I — Devendo realizar-se em agosto próximo a II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, nesta Capital, sob os auspícios do Conselho Nacional de Geografia, determino que, dado o grande prático e científico dessa assembléia, seja prestada à mesma toda sorte de colaboração por parte dos órgãos interessados.

II — O Serviço Geográfico do Exército deverá designar observadores técnicos e fornecer cartas e outros documentos que julgue interessar ao certame.

III — A Biblioteca Militar fica autorizada a envair, aos representantes dos países estrangeiros, as obras que bem expressem a cultura dos nossos oficiais.

(Aviso n.º 1.83 de 10. — D. O. de 12-7-944).

SOLDADOS INCORPORADOS — (Declaração)

I — Tendo em vista o artigo 56 do C.V.V.M.E., declaro que os soldados incorporados a partir de 1 de janeiro de 1943 sómente serão havidos como engajados a contar do dia em que tiverem completado doze meses de serviço.

II — Os soldados que, ao ser publicado este aviso, já houverem completado doze meses de serviço, devem ser tidos como engajados a contar da data da desta publicação.

(Aviso n.º 1.734 de 2-96. — D.O. de 1-7-944).

SERVIÇO DE SAÚDE DO EXÉRCITO — (Determinação)

— Atendendo ao que ponderou o Diretor de Saúde do Exército, determino que o artigo 62 do Regulamento para o Serviço de Saúde do Exército em

Tempo de Paz, passe a ter a redação seguinte: "Os Chefes de secções serão substituídos nos seus impedimentos pelos chefes de sub-secções mais antigos e estes pelos capitães mais antigos, dentro das secções; nenhuma e o Chefe será substituído pelo adjunto mais graduado".
(Aviso n. 1.834 de 13. — D. O. de 15-7-944).

UNIFORME — (Supressão)

— Atendendo ao que expõe o Sub-Diretor de Material de Intendência do Exército em Ofício n.º 24, de 28 de fevereiro último determino que a jaqueta de lã verde oliva seja suprimida do plano de uniforme das praças; aprovado em Aviso n.º 1.520, de 18 de julho de 1943.
(Aviso n. 1.666 de 22. — D.O. de 24-6-944).

UNIFORME CINZA — (Dispensa)

— Os alunos das escolas de formação de oficiais que forem declarados aspirantes a oficial no corrente ano, são dispensados da exigência de uniforme cinza, enquanto não forem promovidos a segundo tenente.
(Aviso n. 1.672 de 23. — D.O. de 26-6-944).

P U B L I C A Ç Õ E S R E C E B I D A S :

A DEFESA NACIONAL, recebeu, no período de 20 de junho a 20 de julho de 1944, as seguintes publicações:

- 1 — Revista Militar Pro-Pátria — N.º 1 — Janeiro de 1944 — Portugal.
- 2 — Revista Militar — N.º 4 — Abril de 1944 — Argentina.
- 3 — Revista de Cabaleria — N.º 85-88 — Setembro e Dezembro de 1943 — Chile.
- 4 — Memorial del Ejercito de Chile — N.º 192-193 — Março e Abril de 1944 — Chile.
- 5 — Revista de La Escuela Militar de Chorrillos — N.º 218 — Fevereiro de 1944 — Perú.
- 6 — Revista Militar Del Perú — N.º 2 — Fevereiro de 1944 — Perú.
- 7 — Revista Oficial Ejercito — N.º 97-98 — Janeiro e Fevereiro de 1944 — Cuba.
- 8 — Revista da Cruz Vermelha Brasileira — N.º 11 — Maio de 1944 — Rio.
- 9 — Gaceta Pre Militar — N.º 11 — Janeiro a Março de 1944 — Perú.
- 10 — Revista Militar Alerta — N.º 277 — Fevereiro de 1944 — Uruguai.
- 11 — Nação Armada — N.º 55 — Junho de 1944 — Rio.
- 12 — Visão Brasileira — N.º 71 — Junho de 1944 — Rio.
- 13 — Liga Marítima Brasileira — N.º 422 — Abril de 1944 — Rio.
- 14 — Cultura Política — N.º 40 — Maio de 1944 — Rio.

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1915

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal, 32, Ministério da Guerra
Colaborações: Ten.-Col. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadual de Imprensa

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.º andar

Telefone 43-9918 e 23-1451

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$ 30,00	Cr\$ 15,00
Renovadas	Cr\$ 45,00	Cr\$ 25,00
Novas a partir de 25/2/44	Cr\$ 60,00	Cr\$ 30,00

A PUBLICIDADE

NA

A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápiacaba, 61 — 4.º andar — Telefone 2-5841.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto.

Colaboram neste número:

Gen. Silveira de Mello
Ten.-Cel. Lima Figueiredo
Ten.-Cel. Armando Vasconcelos
Ten.-Cel. Paulo Mac. Cord
Ten.-Cel. Arthur Carnaúba
Ten.-Cel. Felisberto Estevam de O. Baptista
Major Newton Franklin do Nascimento
Major Pastor Almeida
Major Alfredo Faroux Mercier
Cap. Tasso de Aquino
Cap. Heitor A. Herrera
Cap. Marilio Malaquias dos Santos
Cap. Carlos Coary de Iracema Gomes
1.º Ten. Lindenor de Mello Motta



Cr\$ 5,00

EDITORIA BENRIQUE VELHO
(Empresa "A Noite")

Mul. Floriano, 15 — Rio de Janeiro, D. F.